

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

DÍADES MEDIADAS:
A TELEFONIA CELULAR NA AMIZADE
ENTRE ADOLESCENTES

Hugo Cristo Sant'Anna

VITÓRIA

2007

HUGO CRISTO SANT'ANNA

**DÍADES MEDIADAS:
A TELEFONIA CELULAR NA AMIZADE
ENTRE ADOLESCENTES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia, sob a orientação do Professor Dr. Agnaldo Garcia

UFES

VITÓRIA, FEVEREIRO DE 2007

DÍADES MEDIADAS
A TELEFONIA CELULAR NA AMIZADE
ENTRE ADOLESCENTES

HUGO CRISTO SANT'ANNA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia, sob a orientação do Professor Dr. Agnaldo Garcia

APROVADA EM _____ DE _____ DE 2007, POR:

Professor Doutor Agnaldo Garcia – Orientador, UFES

Professora Doutora Maria Cristina Smith Menandro – UFES

Professor Doutor Rogério Câmara - UFES

AGRADECIMENTOS

Sou muito grato à minha família pelo apoio e paciência durante minha longa (e ainda inacabada) carreira acadêmica.

Agradeço aos meus alunos de Design e Comunicação Social, sempre dispostos a ouvir, pacientemente, minhas inquietações e perguntas intermináveis.

Aos meus colegas e professores do mestrado, agradeço pela adoção carinhosa e paciência. O convívio entre os psicólogos me deixou com uma vontade irresistível de fazer parte do grupo.

Um agradecimento especial precisa ser feito ao meu irmão de orientação e novo grande amigo, Rafael Pylro, não apenas pelo companheirismo, discussões deleuzianas intermináveis e chumbadas multidirecionais, mas também por abrir meus horizontes ainda mais.

Por fim, agradeço a todos os meus orientadores de ontem, hoje e sempre, e em especial ao Professor Doutor Agnaldo Garcia, que aceitou o desafio de tornar Mestre em Psicologia um designer. Além da paciência inesgotável, orientação cautelosa e dedicada, mostrou-me a importância de se fazer ciência através de um exemplo impecável e apaixonante.

RESUMO

A presente pesquisa procurou investigar a percepção do papel da telefonia celular nas relações de amizade de adolescentes. Vinte adolescentes (dez do sexo masculino e dez do sexo feminino) com idades entre 14 e 17 anos participaram da pesquisa. Os dados foram coletados por meio de questionários e entrevistas acerca do uso do celular por estes adolescentes e a influência percebida do celular sobre suas amizades, em relação a algumas dimensões específicas. Quanto ao uso do celular, foi traçado um perfil geral para o grupo e uma comparação entre os gêneros. Os aspectos investigados e os resultados obtidos foram os seguintes. 1) Rede de Amigos – houve variação no número e na composição da rede, apesar dos participantes apontarem primordialmente mudanças nas relações já existentes; 2) Atividades Compartilhadas (o celular influenciou especialmente o planejamento de atividades compartilhadas permitindo uma maior coordenação entre amigos) e Comunicação (conteúdo voltado para planejamento e maior intensidade de comunicação); 3) Qualidade, Satisfação e Compromisso (o celular parece pesar positivamente na qualidade da amizade, criando a sensação de satisfação e aumentando o compromisso com o relacionamento); 4) Intimidade e Proximidade (o celular aumenta a proximidade com os amigos). Dois aspectos que surgiram também foram a confiança (especialmente no meio de comunicação) e novas possibilidades de apoio social. São discutidas as relações entre o uso do telefone celular, como uma forma de tecnologia, e as relações de amizade na adolescência de acordo com a perspectiva de Robert Hinde. Desta forma, podem ser propostas relações dialéticas entre o ambiente sócio-cultural (tecnologia) que afeta o ambiente físico (o próprio aparelho) e o relacionamento interpessoal. Por sua vez, o próprio uso do celular entre amigos afeta o desenvolvimento da tecnologia da informação.

ABSTRACT

This work investigated how adolescents perceive the role of the cell phone in their relationship with friends. Twenty adolescents (ten males and ten females) with ages ranging from 14 to 17 years old participated in this investigation. Data were collected using questionnaires and interviews about how adolescents use cell phones, as well as about the influence perceived of cell phone on their friendships, regarding some specific dimensions. Regarding the use of cell phones, a general profile was designed for the group, and genders have been compared. The aspects investigated and results obtained were the following: 1) Friends Network: there was a variation in the number and composition of the network, however participants pointed primordially changes in existing relationships; 2) Shared Activities (the cell phone influenced specially the planning of shared activities allowing a larger coordination of friends) and Communication (content related to planning and a higher intensity of communication); 3) Quality, Satisfaction and Commitment: the cell phone seems to affect friendship quality positively, creating the sensation of satisfaction and increasing the commitment with the relationship; 4) Intimacy and Closeness: the cell phone increases closeness with friends. Two aspects that appeared during the investigation were confidence (especially in the communication means) and new possibilities of social support. The relationship between the use of cell phones, as a technological form, and friendships in adolescence are discussed according to Robert Hinde's perspective. This way, dialectical relationships between the social-cultural environment (technology) which affects the physical environment (the cell phone itself) and personal relationships are proposed. By its turn, the use of cell phones between friends affects the development of information technology.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	9
1.1 Telefonia Celular: Origens e Evolução.....	10
1.1.1 Breve Histórico da Telefonia Móvel.....	11
1.1.2 O que é o Telefone Celular.....	13
1.1.3 O Celular no Meio Social.....	14
1.2 Relacionamento Interpessoal: A Perspectiva Dialética de Robert Hinde..	18
1.3 Relacionamento Interpessoal e Amizade na Adolescência.....	23
1.3.1 Algumas Dimensões da Amizade na Adolescência.....	25
1.3.2 Amizade e Rede Social na Adolescência.....	26
1.3.3 Aspectos Afetivos e Cognitivos da Amizade na Adolescência.....	27
1.4 Celular, Relacionamento Interpessoal e Amizade na Adolescência.....	28
1.5 Objetivos e Justificativa.....	32
2. Metodologia.....	34
2.1. Participantes.....	34
2.2. Procedimento de Coleta de Dados.....	34
2.3. Os Instrumentos de Pesquisa.....	35
2.4. Procedimento de Análise de Dados.....	36
2.5. Organização do Trabalho.....	37
3. O Adolescente e o Uso do Celular.....	38
3.1. Perfil Geral.....	38
3.2 Perfil por Gênero: Uma Comparação.....	43

4. Rede de Amigos e Telefonia Celular.....	48
5. Amizade e Telefonia Celular: Atividades Compartilhadas e Comunicação...	53
5.1 Atividades Compartilhadas.....	53
5.2 Comunicação.....	58
5.2.1 Conteúdo da Comunicação.....	60
5.2.2 Forma da Comunicação.....	61
5.3 Comunicação e Amizade.....	66
6. Amizade e Telefonia Celular: Qualidade, Satisfação e Compromisso.....	69
6.1 Qualidade das Amizades e Telefonia Celular.....	69
6.1.1 Preferência por falar pessoalmente.....	71
6.1.2 Necessidade de analisar o conteúdo não-verbal da interação.....	72
6.1.3 Insuficiência de recursos para expressar-se adequadamente.....	74
6.1.4 Sensação de proteção e segurança ou falta de proteção e insegurança proporcionados pela distância e tecnologia.....	74
6.1.5 Diminuição ou substituição do contato pessoal.....	75
6.1.6 A Qualidade das Amizades e o Telefone Celular.....	76
6.2 Amizade, Telefonia Celular e Satisfação.....	78
6.3 Amizade, Telefonia Celular e Compromisso.....	82
7. Amizade e Telefonia Celular: Reciprocidade, Apoio Social e Confiança.....	86
7.1 Amizade, Telefonia Celular e Reciprocidade.....	86
7.2 Amizade, Telefonia Celular e Apoio Social.....	90
7.3 Amizade, Telefonia Celular e Confiança.....	93

8. Amizade e Telefonia Celular: Intimidade e Proximidade.....	97
9. Amizade na Adolescência e Telefonia Celular - Considerações Finais...	105
9.1 O Adolescente e o Uso do Celular.....	105
9.2 O Celular e as Amizades de Adolescentes – Dimensões do Relacionamento.....	106
9.3 O Celular e as Amizades de Adolescentes – Uma Perspectiva Integradora.....	110
9.4 O papel do Designer no Projeto das Tecnologias de Comunicação..	111
10. Referências Bibliográficas.....	112
11. Anexos.....	119
11.1 Termo de Consentimento para Participação em Pesquisa.....	119
11.2 Questionário – Uso do Celular.....	120
11.3 Roteiro de Entrevista.....	121

1. INTRODUÇÃO

A incorporação da telefonia celular ao dia-a-dia da grande maioria das pessoas nas mais diversas partes do planeta já é uma realidade. Embora os mais de 738 milhões de assinantes¹ em todo o mundo tenham em suas mãos um dispositivo de comunicação que é vulgarmente entendido como a versão *portátil* do telefone fixo, o celular é sem dúvidas muito mais do que isso. Extremamente poderoso e dotado de recursos muito superiores àqueles encontrados em computadores que usávamos há pouco mais de 10 anos, o celular tornou-se um dos principais símbolos da tecnologia da sociedade pós-moderna.

O ritmo intenso característico da vida nos grandes centros urbanos somado à alta velocidade de circulação de informações parece configurar o campo ideal para o desenvolvimento da telefonia celular. Em um único *dispositivo de propósitos múltiplos* (Hulme & Peters, 2002) e de dimensões cada vez mais reduzidas encontram-se disponíveis um número cada vez maior de *facilidades*: relógio com alarme, agenda pessoal, secretária eletrônica, jogos, câmera fotográfica digital, serviços de envio de mensagens de texto (SMS)² e imagem (MMS)³, *global positioning system* (GPS)⁴, Internet sem fio, entre outros. Se lembrarmos que, fundamentalmente, o telefone celular é um aparelho que possibilita a realização de chamadas de voz para telefones fixos ou para outros celulares em qualquer lugar e a qualquer hora, poderemos concluir que a função primária dessa tecnologia já não é o único atrativo para seus milhões de usuários.

¹ Censo ITU 2005 – International Telecommunications Union – www.itu.int

² *Short Messaging System* – Sistema de Mensagens Curtas

³ *Multimedia Messaging System* – Sistema de Mensagens Multimídia

⁴ Sistema via satélite desenvolvido pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos que permite determinar a localização precisa de alguém em qualquer lugar da Terra ou da órbita terrestre.

No contexto da emergência e desenvolvimento da telefonia celular enquanto tecnologia de comunicação, esse dispositivo é utilizado com cada vez mais intensamente pelos adolescentes em seus relacionamentos, especialmente com amigos. Ao longo do presente trabalho, pretende-se investigar como esse dispositivo, através de suas propriedades funcionais, participa das relações de amizade entre adolescentes. Essa análise inicia-se com uma breve revisão histórica da telefonia, desde seu surgimento até a aparição dos telefones móveis, passando em seguida para uma descrição do que se trata o celular e de sua absorção no meio social. Partindo dessas informações, serão somadas à discussão uma breve exposição da síntese elaborada por Hinde (1997) sobre relacionamento interpessoal e uma breve revisão da literatura específica sobre amizade na adolescência, criando condições para uma análise efetiva da participação do celular nas relações de amizade entre adolescentes.

1.1 Telefonia Celular: Origens e Evolução

A telefonia celular representa um estágio num complexo processo de desenvolvimento das telecomunicações. Embora as tecnologias envolvidas no processo de comunicação à distância se atualizem com frequência cada vez mais intensa, a compreensão das origens e evolução das principais características da telefonia podem auxiliar no entendimento da incorporação do celular ao cotidiano da sociedade contemporânea.

1.1.1 Breve Histórico da Telefonia Móvel

O telefone, cuja invenção é tradicionalmente atribuída a Graham Bell, na verdade, é a consequência natural de uma série de inventos anteriores relacionados à investigação da condução de sons e eletricidade através de meios sólidos iniciada no séc XVII pelo físico inglês Robert Hooke (1635-1703), inventor do *telefone de cordel*. Segundo Siqueira (1997), a palavra *telefone* foi provavelmente utilizada pela primeira vez na França, em 1682, quando um monge chamado Dom Gauthley propôs à academia de Ciências de Paris a instalação de um sistema de propagação da voz por tubos metálicos acústicos. Alguns outros cientistas que merecem destaque nesse processo são: Michael Faraday (1791-1867), que demonstrou, em 1831, que as vibrações numa peça de ferro podem ser convertidas em impulsos elétricos; Charles Wheatstone (1802-1875), que mostrou a possibilidade de transmitir sons musicais por meio de hastes metálicas; Samuel Morse (1791-1872) que inventou o telégrafo em 1844; e o professor alemão Johann Philipp Reis (1834-1874), que projetou, por volta de 1861, diversos aparelhos destinados à transmissão do som, especialmente sons musicais.

No entanto, mesmo entre tantas iniciativas no séc XIX, o telefone propriamente dito só teve sua patente registrada em 14 de fevereiro de 1876. Dois inventos praticamente idênticos foram registrados com duas horas de diferença: o primeiro, pelo escocês residente nos EUA Alexander Graham Bell (1847-1922), consistia no *“método e o aparelho para transmitir a voz e outros sons telegraficamente [...] pelas variações da corrente elétrica, similares na forma às variações do ar, que acompanham cada palavra pronunciada ou outros sons”* (Siqueira, 1997, p.28); o segundo projeto, de autoria do prof. Elisha Gray (1835-1901), era denominado *telephonio* e compunha-se de três partes, conforme noticiou

o jornal *A Província de São Paulo*, de 20 de fevereiro de 1976 (Ibid, p.28): 1) o instrumento que transmite os sons; 2) os fios condutores que vão a uma distância determinada; 3) o aparelho que recebe os sons transmitidos. A relação do Brasil com o invento de Graham Bell vai além da mera informação dos jornais. Dom Pedro II era amigo pessoal do inventor, de maneira que o primeiro telefone chega ao país como presente ao Imperador em 1877, colocando o Rio de Janeiro na frente de várias cidades do mundo.

Inicialmente, as ligações entre aparelhos telefônicos eram completadas manualmente por uma telefonista, situada numa central telefônica, até que em 1892 o norte-americano Almon Brown Strowger cria o que seria o embrião das centrais telefônicas automáticas. A automatização efetiva só se acentua no início do séc XX, acompanhando o crescimento acentuado da utilização do serviço em cidades como Nova York e Paris (500 mil e 93 mil telefones manuais em 1913, respectivamente).

A conexão entre as centrais telefônicas e os aparelhos, automáticos ou manuais, era feita normalmente por fios metálicos, de maneira que as ligações interurbanas só eram possíveis entre cidades ligadas pelo cabeamento telefônico. A primeira tentativa de transmissão telefônica sem fios de sinais e sons musicais foi realizada pelo padre brasileiro Landell de Moura, em 1893, entre a Avenida Paulista e o Alto de Santana, numa distância de oito quilômetros. A tecnologia que permitiu as transmissões telefônicas sem fios foi desenvolvida ao longo do séc XX permitindo avanços nas transmissões de rádio, televisão, áudio de alta fidelidade, comunicações em ondas curtas e microondas, além de interligar centrais telefônicas distantes dispensando o uso de fios.

A telefonia móvel propriamente dita começou a ser desenvolvida nos laboratórios da Bell no final da década de 1940, nos EUA. No Brasil, em 1970, foi instalada a primeira central com tecnologia anterior à telefonia celular contando com

150 terminais. No início dos anos 80, vários países começam a utilizar efetivamente a tecnologia celular: Japão e Suécia desenvolvem tecnologias próprias; a AT&T nos EUA implanta, em Chicago, pela primeira vez, uma tecnologia específica para a comunicação celular. O Brasil adota, em 1984, o modelo americano AMPS de telefonia celular analógica e o serviço torna-se disponível no Rio de Janeiro e Brasília (1990), Rio Grande do Sul (1992), Bahia e São Paulo (1993). O número de usuários brasileiros salta de 667 em 1990 para 65.605.577, em 2004, atingindo uma proporção de 36,36 celulares para cada 100 habitantes⁵.

1.1.2 O que é o Telefone Celular

Considerando a função primária dos telefones celulares, podemos dizer que este é um dispositivo (hardware) que, somado a programas de computador (software), estrutura física de transmissão e recepção de dados e serviços de atendimento e gestão, compõe a chamada *telefonia celular móvel*. O *celular*, como é conhecido no Brasil, corresponde ao aparelho transmissor que efetua e recebe chamadas. Plant (2001) aponta algumas denominações sociais interessantes: na França, o aparelho é chamado de *le portable* ou *le G*, em alusão à tecnologia GSM⁶ utilizada no país; na Finlândia, é chamado de *kanny*, que significa *extensão da mão*; os alemães chamam-no de *handy* (útil); os espanhóis de *le movil*; os norte-americanos de *cell phone*; os árabes, às vezes, chamam-no de *telephone sayaar* ou *makhmul*, ambos significando “portáteis”, ou ainda *telephone gowal*, “telefone pelo ar”; os tailandeses o denominam *moto*; os japoneses, *keitai denwa*, “telefone de carregar”, ou simplesmente *keitai* e *ke-tai*; Na China, o celular é conhecido como *sho*

⁵ Dados obtidos através da Agência Nacional de Telecomunicações – ANATEL (18/03/2005)

⁶ *Global System for Mobile Communications*, padrão de comunicação celular digital de segunda geração (2G) utilizado em mais de 200 países por mais de um bilhão de usuários.

ji, que significa “máquina de mão”, mas anteriormente o dispositivo era curiosamente apelidado de *dageda*, que significa literalmente *big brother* (grande irmão), em decorrência das proporções desajeitadas dos primeiros exemplares que chegaram ao mercado.

No final dos anos 70, e ao longo da década de 80, era muito comum nas séries de TV e no cinema observarmos dispositivos de comunicação muito semelhantes ao que reconhecemos atualmente como celulares, especialmente dentro de carros de luxo ou como equipamento de uso militar, fato que, certamente, contribuiu para a difusão social da tecnologia antes mesmo de estar disponível. Em outras palavras, quando o celular começou a ser vendido, os consumidores já o esperavam e sabiam exatamente como usá-lo, em parte pela informação transmitida pelos meios de comunicação de massa, em parte pela similaridade operacional do novo dispositivo com seu antecessor direto, o telefone fixo.

1.1.3 O Celular no Meio Social

A revisão bibliográfica dos trabalhos acerca da absorção social da telefonia celular indica a existência de diversos papéis sociais para o dispositivo que vão além da mera comunicação móvel entre os indivíduos, antecipada pela ficção cinematográfica. Uma primeira observação diz respeito à necessidade de uma compreensão mais ampla do potencial da comunicação móvel, uma vez que essa tecnologia permite o rompimento tanto das barreiras geográficas associadas ao telefone fixo, sempre situado em lugares definidos e necessariamente conhecidos; quanto da noção de uso coletivo dos dispositivos de comunicação, uma vez que o celular é um aparelho, na maioria das vezes, de uso pessoal. Srivastava (2005), citando Wellman (2001), argumenta que os telefones celulares permitem aos

usuários estarem “em casa” o tempo todo, independentemente de onde se encontram no espaço físico. Segundo o autor, na telefonia fixa uma ligação toca em um lugar definido, não importando quem esteja sendo chamado, enquanto na telefonia celular uma única pessoa seria chamada, não importando o lugar. Nesse sentido, o celular passaria a ser associado à identidade do indivíduo, enquanto, no caso telefone fixo, a localização geográfica desempenharia esse papel.

Questões semelhantes sobre a relação entre identidade, papéis sociais e espaço físico são discutidas por Hulme e Truch (2004), ao abordarem a mudança nos paradigmas a partir da substituição da telefonia fixa pela celular na organização das atividades do dia-a-dia. Segundo os autores, a comunicação entre indivíduos e sua rede social, assim como o conseqüente desempenho de determinados papéis sociais, eram originalmente definidos pela *desconexão física*, ou seja, pelas *pausas*, ou sensações de *presença* e *ausência* do indivíduo dentro de sua rede de relacionamentos. Nesse contexto, o indivíduo permaneceria identificado com um determinado papel até que o próximo papel fosse assumido, fazendo com que fosse reconhecido e categorizado nos espaços públicos através desse comportamento *visivelmente identificável*: ao estar no trabalho, uma mulher seria a funcionária; em casa, seria a mãe; a caminho do jogo de futebol, seria uma torcedora, e assim sucessivamente. A partir da introdução da comunicação celular, os autores argumentam que haveria uma quebra da linearidade na sucessão de papéis e a conseqüente dominância da simultaneidade de papéis e abstração das limitações do espaço físico: a mãe poderia se transformar em funcionária mesmo estando no supermercado, ao receber uma ligação do trabalho, ou poderia ser a torcedora no ambiente de trabalho ao se comunicar com alguém de fora daquele lugar que traz informações sobre o seu time. O pensamento de Hulme e Truch de que os sistemas sociais seriam cada vez menos baseados em locais e cada vez mais baseados em

peças (p. 7) é reforçado por Srivastava (2005, p.125), que sugere que a telefonia celular tende a enfraquecer laços mantidos com *comunidades* ou grupos *pré-determinados* e mais estáticos, e a fortalecer *redes* descentralizadas e em desenvolvimento constante, organizadas pelos próprios indivíduos.

No que diz respeito aos espaços público e privado, pode-se dizer que a distinção entre as duas esferas é cada vez menos evidente. Plant (2001) defende a idéia de que os celulares criaram uma *simultaneidade de espaços* que consistiria em um espaço físico e um espaço virtual de interações conversacionais, ou ainda que o espaço físico foi estendido através da criação e justaposição de um espaço social celular. Srivastava (2005) fala em uma *intimidade tecnológica*, referindo-se ao fato de que o indivíduo leva o celular consigo para todos os lugares, em diversas situações sociais ou profissionais, indo ao encontro de resultados de pesquisas que já apontam o celular como uma extensão do corpo humano e, conseqüentemente, do *self* (Hulme & Peters, 2002; Lemish & Cohen, 2005; Davide et al, 2004; Pertierra, 2005; entre outros).

Uma outra questão que precisa ser abordada diz respeito às formas de comunicação que são empregadas no celular ou através dele. Essa distinção precisa ser feita uma vez que alguns autores argumentam que o celular enquanto *objeto* é utilizado para evidenciar relações de pertencimento a determinados grupos sociais ou mesmo para comunicar traços da identidade do seu proprietário. Ao mesmo tempo, a conversação no aparelho não está restrita à voz, podendo ser realizada de diversas formas. Considerando este nível mais elementar de comunicação, a *conversação efetiva* entre dois indivíduos, é nas mensagens de texto que podemos observar o desenvolvimento de uma forma particular de interação extremamente curiosa. Os usuários digitam mensagens de até 160 caracteres utilizando o próprio teclado alfanumérico do celular e enviam para outro

aparelho, com diversas finalidades: no Japão, por exemplo, é comum enviar uma mensagem de texto antes de efetuar uma chamada de voz, visando confirmar que a pessoa estará em condições de atender a ligação (BBC News, 2003); entre os jovens, é comum o envio de mensagens de texto durante as aulas, no caminho da escola para casa, ou mesmo em casa enquanto realizam atividades diárias – banho, refeições etc – o importante é manter-se disponível para seu circuito de amigos (Ling, 2002).

Pensando o celular como objeto, podemos dizer que as pessoas tenderiam a exibir seus celulares em lugares públicos como parte da imagem que pretendem projetar de suas identidades, fazendo com que as escolhas dos elementos externos – cor, forma, tamanho, modelo, acessórios, adesivos – e internos – toques (*ringtones*), papéis de parede (*wallpapers*), jogos, número de mensagens e ligações recebidas dos amigos, etc. – que compõem a percepção geral do dispositivo pelos demais indivíduos, não sejam feitas ao acaso (Svaristava, 2005). Homens e mulheres tendem a demonstrar comportamentos diferenciados ao exibirem celulares, assim como pares ou grupos compostos por homens e mulheres, apenas mulheres ou apenas homens, conforme observou Plant (2001): Uma mulher sozinha em um bar deixaria seu celular à mostra sobre a mesa com o objetivo de dizer aos demais que não está sozinha ou que espera o contato de alguém; no casal, o homem exibiria o celular e a mulher não como uma forma de demonstrar que a centralização dos contatos com o “mundo exterior” estaria concentrada nele; em um par de amigos, um exibiria o celular e o outro não como uma forma de definir o indivíduo dominante na relação, entre outros exemplos. No mesmo estudo, o autor cita um exemplo crítico do celular enquanto objeto capaz de construir imagens sociais de status através do *stagephoning* ou “*atuação com telefone*”, que seria uma cena comum de ser observada em lugares públicos, principalmente nos meios de

transporte coletivo, onde as pessoas *fingiriam* falarem ao telefone com o objetivo de comunicarem para a *audiência* que possuem uma vida própria.

1.2 Relacionamento Interpessoal: A Perspectiva Dialética de Robert Hinde

A pesquisa sobre relacionamentos é tema recorrente nas ciências humanas e sociais, mas a organização e a produção de um corpo específico de conhecimentos sobre uma possível “Ciência do Relacionamento Interpessoal” ainda é um trabalho em andamento. Boa parte dos trabalhos desenvolvidos sobre relacionamentos nas últimas décadas concentra-se na análise das díades como unidades isoladas de um contexto social mais amplo, conforme evidencia Allan (1993). Segundo este autor, as opções e escolhas dos indivíduos em seus relacionamentos são influenciadas pelos contextos sociais, econômicos, culturais, onde ocorrem, reforçando a idéia do relacionamento como um processo dinâmico: por um lado, lida com modelos socialmente construídos de como tal relação *deveria* ser; por outro, mantém independência de qualquer outra relação particular pré-existente.

Hinde (1997) organiza e sistematiza o conhecimento acerca da pesquisa em relacionamento interpessoal desenvolvida nas décadas de 70 a 90, principalmente. Descreve a natureza dos relacionamentos como “*uma série de interações entre indivíduos que se conhecem, de maneira que cada interação é afetada pelas precedentes e normalmente pela expectativa de futuras interações*”, entendendo a interação no mínimo como um indivíduo A exibindo comportamento X para um indivíduo B, podendo B responder com um comportamento Y (Ibid, p. 9). Embora interações e relacionamentos não ocorram sem comportamentos, estes não definem exclusivamente o processo, sendo acompanhados por emoções, esperanças, memórias, desejos, etc. Para Hinde, é de fundamental importância compreender que

a *comunicação* é a essência dos relacionamentos, levando-nos a considerar não apenas interações presenciais, do dia-a-dia, como objetos de análise relevantes para o campo, mas também qualquer forma de comunicação entre os indivíduos mediada pelos diversos meios de comunicação contemporâneos.

O relacionamento poderia ser entendido como parte integrante de um processo dialético onde os indivíduos, suas interações, os grupos que integram e, mesmo a sociedade onde vivem, influenciam-se entre si, além de também influenciarem e sofrerem influência de seu ambiente físico e da estrutura sócio-cultural onde estão inseridos. Nessa perspectiva, torna-se fundamental para o pesquisador considerar, em seu estudo, o relacionamento como um todo, ao invés de considerar suas interações em separado, desconectadas do contexto onde emergem.

Em seus esforços de organização e sistematização da pesquisa em relacionamento, Hinde define dez categorias de dimensões de análise. O *conteúdo das interações*, que consiste em definir o que os indivíduos fazem juntos, ajuda a localizar a relação tanto no contexto sócio-cultural – evidenciando suas características e modelos – quanto a descrever um tipo particular de relação observada: podemos considerar casais de namorados na cidade de Vitória ao mesmo tempo em que recuperamos o modelo socialmente construído de *namoro* na descrição. A idéia de um modelo social não deve ser entendida como amarras que programam invariavelmente os comportamentos, mas como um jogo de forças que agiria de diversas formas, exercendo influência desde as expectativas dos próprios indivíduos envolvidos na relação até a forma através da qual as outras pessoas (o “*mundo exterior*”) comportam-se em relação à díade.

A *diversidade das interações* diria respeito à quantidade de coisas diferentes que os indivíduos fazem juntos (uma = *uniplex*, várias = *multiplex*). Para o autor,

essa questão é importante uma vez que um número maior de interações possibilita mais influências entre as interações, além da possibilidade dos indivíduos se exporem mais vezes na relação.

A categoria *qualidade das interações* é uma das mais importantes e difíceis de verificar, especialmente porque cada relacionamento pode definir particularmente quais interações são de alta ou baixa qualidade, além da possibilidade da verificação corresponder apenas a algumas interações em particular ou à opinião de apenas um dos dois participantes. Mesmo assim, há diferentes fontes de verificação da qualidade das interações, muitas delas não verbais: gestos, postura corporal, entonação etc.

A *freqüência relativa e padrão das interações* consideram como certas propriedades das interações ocorrem em relação umas às outras. Essa categoria verifica covariância de propriedades, freqüências qualitativas e não quantitativas de determinadas interações, relações entre interações heterogêneas e padrões de interações, com o objetivo de evitar julgamentos equivocados ou superficiais de determinadas interações no conjunto do processo. Uma relação pode ser entendida como carinhosa quando se verificam contatos íntimos, mas a observação deve levar em conta, por exemplo, quais outras interações acompanham esses contatos; qual a freqüência que cada indivíduo ou ambos iniciam tais contatos; que outras interações estão associadas a ela ou que normalmente antecem ou sucedem a interação em questão.

A *reciprocidade versus complementaridade das interações* analisa interações recíprocas ou simétricas (onde parceiros apresentam o mesmo comportamento simultaneamente ou alternadamente) complementares (onde os participantes apresentam comportamentos distintos, mas que se completam). A reciprocidade depende da similaridade de atributos entre os participantes, embora

relacionamentos onde todas as interações sejam recíprocas sejam raros. Por outro lado, interações complementares podem envolver relações de dominância/subordinação, cuidado/descuido, ensino/aprendizagem entre outras dimensões.

As categorias de *conflito e poder* correspondem a dimensões praticamente inevitáveis em todas as relações. Eventuais atritos decorrentes da necessidade de autonomia versus dependência, de exposição versus privacidade, previsibilidade versus novidade no relacionamento estão normalmente presentes. Já o poder se manifesta através do modo como um indivíduo pode afetar o desempenho do outro nas interações, sendo raramente absoluto e muitas vezes distribuído em diversos contextos, resultado de negociações e acordos entre os pares.

A *auto-exposição* está ligada à noção de intimidade e é uma das principais interações dos relacionamentos, uma vez que o que se opta por revelar ou esconder depende diretamente da relação com o parceiro.

A *percepção interpessoal* corresponde à forma através da qual os indivíduos se percebem através das interações. São relevantes para essa dimensão não apenas como A percebe B e vice-versa, mas as sensações que os indivíduos mantêm sobre serem *compreendidos* na relação, além dos ideais que cada um mantém sobre o “parceiro ideal”.

O *compromisso* está ligado às idéias de confiança e cooperação, tratando-se de dimensão utilizada para referenciar o quanto os parceiros aceitam a continuidade da relação, buscando assegurar sua continuidade ou otimizar suas propriedades. Acreditar no compromisso do outro se apresenta como um dos requisitos para aumento da intimidade, uma vez que o indivíduo se expõe acreditando que o parceiro não usará as vulnerabilidades reveladas contra ele.

A *satisfação com o relacionamento* envolve as percepções dos participantes sobre a relação e sua satisfação com ela. Assim como a percepção individual, é um fator impreciso e pode não haver consenso entre os participantes, variando entre relações recíprocas e complementares. A satisfação também pode estar ligada às expectativas socialmente esperadas para a relação em questão, ou especificamente à díade. Em relações onde há laços sanguíneos, a satisfação não necessariamente está relacionada a trocas justas ou comportamento recíproco.

Embora as interações façam parte do relacionamento, existem diferenças de abordagem na investigação das duas dimensões, especialmente na generalização a partir dos dados. Hinde (1997) sugere que o estudo das interações sociais difere dos relacionamentos porque as interações afetam umas às outras ao longo da história de um relacionamento. Dessa forma, não seria adequado analisar a mesma interação em diferentes díades para generalizar comportamentos sociais, fazendo da análise de diferentes interações, na mesma díade, o caminho mais apropriado. Observar um número maior de interações entre os mesmos indivíduos forneceria, portanto, informações mais significativas do que um número reduzido de interações em uma quantidade maior de participantes.

Mesmo com todo o detalhamento proposto por Hinde, o próprio autor afirma a necessidade de eventuais subdivisões para uma melhor compreensão das características do relacionamento (1997, p.26). Cada tipo de díade analisada em cada contexto sócio-cultural específico pode apresentar diferentes conteúdos em suas interações, ao mesmo tempo em que uma mesma propriedade de um relacionamento pode se fragmentar nas várias dimensões apresentadas. Com base na revisão teórica das proposições apresentadas por Hinde, pode-se encontrar algumas linhas fundamentais para a investigação dos relacionamentos interpessoais

de forma organizada e coerente com o corpo de conhecimentos já produzidos pela comunidade acadêmica.

A obra de Robert Hinde (especificamente Hinde 1979, 1987, 1997) é o referencial teórico para a presente pesquisa, norteando as principais questões conceituais e metodológicas. A importância de Hinde deve-se não somente a seu trabalho de revisão e organização da área, mas também pela proposta de princípios para a constituição de uma ciência dos relacionamentos. De acordo com o esquema proposto pelo autor (Hinde, 1997), o celular pode ser considerado parte da estrutura sócio-cultural (como tecnologia, ao lado de crenças, valores, instituições, entre outros) e do ambiente físico. O telefone celular, como objeto que incorpora tecnologia afeta diretamente a vida social dos adolescentes e, especificamente, suas relações de amizade. A influência, contudo, dá-se nos dois sentidos e a tecnologia (incorporada pelos objetos do ambiente físicos) afeta os relacionamentos, assim como estes demandam da tecnologia inovações constantes.

1.3 Relacionamento Interpessoal e Amizade na Adolescência

O estudo dos relacionamentos através das perspectivas apresentadas até o momento não se restringe a um grupo ou categoria sociais específicos, mas, certamente, torna-se extremamente interessante quando considerado em relação aos adolescentes. A adolescência é uma fase de grandes transformações, consistindo, de maneira geral, de uma forma de “preparação” da criança para se tornar adulto através da acumulação de uma série de conhecimentos socialmente desejáveis, dentre os quais foram incluídos recentemente aqueles relacionados à interação e domínio das tecnologias de comunicação (Ling, 2000). Ainda que não possamos falar em um modelo universal de adolescente, vários autores identificam

algumas características possíveis de serem observadas na adolescência: a condição de ambigüidade, com deveres e direitos limitados entre aqueles que corresponderiam, ora a um adulto, ora a uma criança; a configuração biológica não muito diferente da de um adulto, porém com liberdade sexual restrita; grande potencial ou disposição para romper com normas sociais vigentes e se opor, principalmente aos pais; abertura às mudanças e grande capacidade de adaptação às transformações do meio social (Abramo, 1994; Cardoso & Sampaio, 1995; Steinberg & Morris, 2001; Schmidt, 2001; citados por Menandro, 2004).

Partindo do cenário de instabilidade potencial e apresentando e acrescentando a noção de que os grupos e ligações mantidas pelos adolescentes desempenham papel fundamental na sua transição para a fase adulta e na construção de suas identidades, podemos supor que a adolescência trata-se de um terreno fértil para investigações na perspectiva dos relacionamentos. Pode-se citar, como exemplos interessantes, as relações conflituosas com os pais em relação ao que é ou não permitido, o descobrimento da intimidade com parceiros amorosos, as confidências cuidadosamente confiadas aos amigos próximos e escondidas dos demais e a busca de uma auto-imagem que seja positivamente carregada através da revelação ou omissão de determinadas características pessoais.

Todas as questões citadas, além de muitas outras próprias dessa etapa da vida, representam a dialética natural da formação do jovem enquanto ser social, ora submetendo-se aos códigos socialmente determinados – a tradição, o exemplo dos pais, das instituições – ora buscando sua expressão individual e a produção de novos códigos – o novo, a interação com seus pares adolescentes.

Através da revisão realizada por Garcia (submetido), seria possível sintetizar alguns temas e conceitos de relevância para a investigação da amizade na

adolescência, organizados em três categorias: (1) Dimensões da Amizade; (2) Amizade e Rede Social; (3) Aspectos Cognitivos e Afetivos.

1.3.1 Algumas Dimensões da Amizade na Adolescência

A interação com os pares da mesma faixa etária situa a amizade na adolescência como um processo de grande importância na formação social do indivíduo. Urberg, Degirmencioglu e Tolson (1998) sugerem que, ao escolherem um amigo ou grupo de amizades, os adolescentes escolhem um contexto onde eles aprenderão habilidades, além de influenciarem e serem influenciados por outros adolescentes. A percepção de similaridade entre os indivíduos opera nesse contexto como uma forma de auxiliar nas escolhas das amizades, uma vez que os valores e atitudes do amigo em potencial podem não estar disponíveis para serem observados. Essa similaridade não seria observada em características independentes, de maneira que amigos seriam similares de várias formas (Urberg, Degirmencioglu & Tolson, 1998). Segundo Akers, Jones e Coyl (1998), a similaridade é um dos fatores centrais nas amizades, atingindo status, comportamentos, atitudes e intenções. Outro ponto fundamental das amizades é a comunicação entre amigos na adolescência apresentaria diferenças entre gêneros (Feldstein & Field, 2002), mas nessa fase haveria aumento da compreensão mútua havendo pouca mudança na confiança e segurança, ansiedade, independência, rivalidade e conflito (Enomoto, 1999). O conflito está presente tanto na relação entre amigos quanto na relação do adolescente com os pais (Adams & Laursen, 2001), assim como a agressividade (Crothers, Field & Kolbert, 2005), que pode resultar da influência de amizades agressivas e da agressão pelo amigo (Adams, Bukowski & Bagwell, 2005).

De acordo com as particularidades de cada cultura, os amigos juntamente com a família se apresentam como as principais fontes de apoio social para o adolescente (French, Rianasari, Pidada, Nelwan & Buhrmester, 2001). Nesse sentido, os melhores amigos desempenham papel particularmente importante ao proverem oportunidades de aceitação, respeito, confiança, intimidade, diversão, espontaneidade, estabilidade e auto-exposição (Cole & Bradac, 1996). Para Cutrona (1982) e Jones e Moore (1987), citados por Oswald e Clark (2003), o fato de um adolescente possuir um melhor amigo estaria associado a manter redes de apoio social, a estar satisfeito e a ter amizades recíprocas.

1.3.2 Amizade e Rede Social na Adolescência

Para Giordano (1995), a adolescência, quando comparada à infância, apresenta um círculo mais amplo de amigos, idéia que somada à de Collins (1997), descreve essa fase da vida como oferecendo oportunidades para que o indivíduo avalie seus relacionamentos em redes sociais cada vez maiores: por um lado, relacionamentos *involuntários* mantidos com pais, parentes etc; por outro, relacionamentos *voluntários*, baseados em interações extra-familiares com amigos e parceiros românticos. Nessa fase, segundo o autor, poderíamos considerar temas centrais de investigação como continuidade e mudança; distância e proximidade; além das distinções entre propriedades dos relacionamentos ao longo do tempo.

Allan (2001) cita a importância dos amigos e da rede de relacionamentos na ratificação e confirmação das escolhas dos indivíduos no que diz respeito ao seu estilo de vida frente às mudanças no ambiente social e econômico. Nesse sentido, a investigação das amizades no ambiente escolar parece ser de grande interesse (Lannengrand, 1998), de maneira que as mudanças na organização da rede de

amigos ao longo do ano escolar também seriam pontos importantes de análise (Degirmencioglu, Urberg, Tolson & Richard, 1998). Smith e Schneider (2000) evidenciam a importância do gênero e etnia na escolha dos amigos, ao descreverem uma investigação onde, por um lado, adolescentes de ambos os sexos avaliaram suas amizades com meninas como mais positivas e, por outro, houve uma tendência de similaridade étnica na escolha dos melhores amigos.

1.3.3 Aspectos Afetivos e Cognitivos da Amizade na Adolescência

O conceito e a satisfação nas amizades, que fazem parte dos aspectos cognitivos investigados nesse tipo de relacionamento, estão associados a fatores culturais, refletindo o coletivismo ou individualismo da sociedade (Gonzalez, Moreno & Schneider, 2004). No que diz respeito aos aspectos afetivos, a ansiedade social aparece ligada a um menor número de amizades e menor intimidade, companheirismo e apoio nas amizades próximas (La-Greca & Lopez, 1998); a auto-estima estaria ligada à qualidade da melhor amizade com o outro sexo, mas não com o mesmo (Thomas & Daubman, 2001); os ciúmes de maior nível nas melhores amizades foram relatados por adolescentes com baixa auto-estima (Parker, Low, Walker & Gamm, 2005).

O grupo de amigos na adolescência igualmente exerce influência sobre os relacionamentos românticos (Kuttler & La-Greca, 2004), na iniciação sexual (Cavanagh, 2004; Harper, Gannon Watson, Catania & Dolcini, 2004), na aparência e imagem do corpo (Jones, Vigfusdottir & Lee, 2004) e, juntamente com a mídia e a família, a rede de amigos influencia o adolescente na escolha do vestuário (Wilson & MacGillivray, 1998).

1.4 Celular, Relacionamento Interpessoal e Amizade na Adolescência

No momento do advento do telefone por Graham Bell, era comum encontrar questionamentos sobre a real finalidade da invenção. Siqueira (1997) cita que diversos jornais da época ridicularizavam a utilidade prática de um aparelho que possibilitava a transmissão da voz humana à distância. Talvez os jornalistas da época, profissionais de *comunicação*, não tiveram sensibilidade suficiente para compreender que a voz humana não é um conjunto desconexo de sons sem sentido, mas o *veículo fundamental* da expressão oral e, conseqüentemente, da comunicação entre os indivíduos. Mas será que poderíamos resumir a telefonia celular ao papel de cenário das interações nos relacionamentos contemporâneos, especialmente considerando a amizade entre adolescentes?

A participação dos celulares na amizade entre adolescentes é mais intensa que a dos seus antecessores em decorrência das questões já apresentadas, em especial o entendimento do dispositivo como extensão da identidade do indivíduo. O telefone fixo, por estar associado a um lugar geográfico específico e por ser de uso coletivo, não possuía o mesmo potencial interativo de um dispositivo de uso individual que acompanha seu proprietário a qualquer lugar. Recuperando-se a idéia de que o conteúdo das interações diz respeito ao que os indivíduos fazem juntos, através da telefonia celular pode-se dizer que os amigos podem virtualmente fazer *tudo* a dois, levando o potencial de influência de uma interação sobre as demais a níveis até então não imaginados.

A revisão teórica dos trabalhos que investigam a participação do celular na amizade entre adolescentes evidencia o papel de *mediador* do dispositivo, não

apenas resgatando o sentido original do adjetivo⁷, como também extrapolando-o. Bolter (1999), citando Paul Levinson (1999), sugere o termo *remediação* para explicar como os novos meios de comunicação não só absorvem e superam como também modificam os meios que os antecederam. Partindo dessa abordagem, o telefone celular não apenas sucede o fixo, mas também transforma a existência deste no meio social. Guattari e Rolnik (2005) apresentam argumentos similares, ao sugerirem que as novas tecnologias não se limitam a melhorar ou otimizar as formas de comunicação, mas estabelecem novas relações comunicativas, produzem novas subjetividades, *agenciam* os indivíduos na estrutura social. Pode-se concluir que o mundo dos relacionamentos mediados pela telefonia celular apresentaria interações distintas daquelas existentes em outros contextos, não apenas quando o dispositivo se faz presente, mas nas interações como um todo.

Ling (2000) sugere que o celular permite que o adolescente esteja virtualmente *disponível* 24 horas por dia para a sua rede de amigos, garantindo sua participação ativa e constante nas atividades dos seus grupos. Em outros estudos (Ling & Yttri, 1999; Ling, 2002) esse autor define os termos *micro-coordenação*, referente à possibilidade do adolescente reorganizar constantemente suas atividades diárias por meio do celular com sua rede de amigos, pais e parentes; e *hiper-coordenação*, referente aos usos ligados à expressividade e socialização dos celulares entre os jovens noruegueses. Ito e Daisuke (2003) analisam a utilização dos celulares entre os adolescentes japoneses em casa, na escola e no espaço público, sugerindo que a alta densidade demográfica, os espaços residenciais cada vez mais reduzidos, além de questões particulares da cultura japonesa transformaram o dispositivo em uma das poucas possibilidades de comunicação que

⁷ *adj. sm. que(m) intervém ou concilia.* Mini Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Ed. Objetiva (2001)

garante privacidade para o adolescente, seja através da voz, *SMS*, *e-mail* ou outros serviços oferecidos pela tecnologia.

Weilenmann e Larsson (2001) analisaram as variações entre as situações de uso comunitário ou solitário do celular, observando como adolescentes no relacionamento com sua rede de amigos usam o dispositivo para se incluir ou excluir das suas interações com outros amigos, parceiros românticos ou família. Os amigos podem, em um momento, participar em conjunto da redação de mensagens *SMS* para um outro que esteja distante ou mesmo alternar-se no diálogo de voz no aparelho; num outro momento o adolescente pode ausentar-se da companhia dos amigos em busca de privacidade. Rivière (2002) discute em profundidade o uso de *SMS* entre amigos, sugerindo que essa forma seria também uma forma criativa e plural de comunicação verbal e *não verbal*. As mensagens curtas abririam espaço para o emprego de *emoticons* e *smileys*, símbolos gráficos compostos por letras que carregam significados expressivos – tristeza, felicidade, curiosidade, etc. – permitindo que os indivíduos enviem mensagens cujo sentido vai além do texto, estabelecendo conexões com todo relacionamento já vivido. Ao contrário da conversa via voz, no *SMS* os amigos podem receber uma mensagem discretamente, refletir e responder não importando onde estejam. Nesse sentido, as mensagens de texto agem como uma manutenção constante de contato com amigos ao longo do dia, não sendo necessariamente relacionadas a eventos específicos ou conversas iniciadas com propósitos definidos.

Berg, Taylor e Harper (2003) afirmam que o celular faz com que os adolescentes se deparem com as *obrigações sociais das trocas*: dar, receber e corresponder. Não responder uma mensagem de texto pode gerar conflitos ou insatisfação entre amigos, de mesma forma que não retornar uma chamada poderia incomodar amigos que se comunicam através do telefone fixo.

Campbell e Russo (2003) citam um estudo realizado por Smoreda e Thomas (2001), em nove países europeus, que propõe existir uma relação significativa entre as características da rede social e o uso dos meios de comunicação: membros de redes sociais mais duradouras, especialmente localizadas, confiam mais em encontros face-a-face e ligações via telefone fixo; por outro lado, redes sociais que faziam uso de celulares, *SMS* e *e-mail* seriam compostas mais por amigos que membros de famílias. No entanto, Srivastava (2005) cita que, para muitos jovens, não há diferença entre falar ao celular e encontrar alguém face-a-face, uma vez que a tecnologia teria se tornado a principal forma de socialização dos adolescentes em diversos países industrializados. Para esse autor, o aumento na *quantidade* de formas de comunicação não representou um aumento paralelo na *qualidade* das interações. Embora a conversação via mensagens de texto possa ser rica de significados que transcendem o texto, são pobres nos demais elementos da comunicação humana: linguagem corporal, expressões faciais e toque. O autor cita que muitos jovens, em seu estudo, preferem a conversação via *SMS* especialmente em situações de conflito ou emocionalmente carregadas.

Kasesniemi e Rautiainen (2003) citam que o estilo de comunicação dos adolescentes via *SMS* pode ir de encontro ao seu estilo pessoal de comunicação, de forma que essa diferença poderia ter conseqüências no início e manutenção de relacionamentos. Um adolescente pode ter uma personalidade forte, extrovertida, via *SMS*, e ser mais reservado pessoalmente; casais de namorados poderiam ter dificuldades de expressar intimidade física pessoalmente, ao mesmo tempo em que expressam afeto via mensagem de texto, longe dos olhares dos demais.

1.5 Objetivos e Justificativa

O objetivo da presente pesquisa é investigar como adolescentes percebem a influência da mediação da telefonia celular em suas amizades, tomando por base algumas categorias ou dimensões de análise tradicionalmente empregadas nos estudos sobre o relacionamento, em geral, e sobre a amizade, em particular. Dessa forma, podem ser apresentados como objetivos específicos a investigação de algumas dimensões da amizade que, possivelmente, sofram a influência do emprego do celular: a) rede de amigos (variação no número e na composição dessa rede, a partir do uso do celular, conforme os entrevistados); b) atividades (como o celular influenciou as atividades em companhia dos amigos, seja em seu planejamento, realização ou avaliação); c) comunicação (mudanças percebidas nas características gerais da comunicação, quanto ao conteúdo e a forma - frequência de contatos, duração, distribuição no tempo); d) intimidade e proximidade (como os participantes percebem a influência do celular em seu nível de intimidade em relação aos amigos e como percebem a influência do celular na proximidade com os amigos); e) satisfação (o quanto o celular afetou a satisfação percebida com as amizades mediadas por esse dispositivo).

Mesmo considerando os avanços realizados nos últimos anos na organização e sistematização de um corpo coerente de conhecimentos sobre relacionamentos e, especificamente, sobre a temática da amizade entre adolescentes, a quantidade de estudos realizados no Brasil a partir dessa perspectiva ainda é pequena. Investigações que ajudem a desenvolver o campo e contribuam para o entendimento do comportamento social dos brasileiros, especialmente no que diz respeito à absorção de novas tecnologias, possuem relevância social e científica, não apenas

para os estudos em relacionamento interpessoal, mas para a psicologia social como um todo.

Ao mesmo tempo, considerando o celular como um objeto de *Design*, inserido no sistema da moda e participando ativamente da construção das identidades sociais dos indivíduos, torna-se evidente a necessidade de investigar como esse artefato se insere na cultura material do brasileiro. Como, quando e por quem esse objeto é utilizado? Quais propriedades formais interessam quais grupos e categorias sociais? Quais recursos foram devidamente incorporados ao cotidiano das pessoas e participam ativamente dos relacionamentos? A resposta para essas questões é de interesse de diversas áreas do *Design*, desde a programação visual (relacionada à produção das interfaces), passando pelo projeto de produto (concepção do objeto em si), ergonomia (questões antropométricas, conforto, usabilidade) e incluindo o *design* de moda (inserção desse objeto no conjunto de tendências do vestuário associado aos diversos grupos humanos).

As considerações realizadas ao longo da revisão teórica sobre a especificidade dos adolescentes tanto no que diz respeito à importância da sua rede de relacionamentos na constituição das suas identidades quanto na predisposição e interesse naturais para lidar com novas tecnologias transformam esse grupo na principal fonte para seleção de participantes para a pesquisa.

2. METODOLOGIA

2.1 Participantes

A pesquisa entrevistou 20 adolescentes entre os meses de agosto e outubro de 2006 em quatro escolas particulares do município de Vitória. A primeira escola, visitada em agosto, é de pequeno porte e direcionada às classes média e alta, oferecendo turmas desde o ensino fundamental até o pré-vestibular, em horário semi-integral ou integral. A segunda escola, visitada em setembro, é de médio porte e direcionada à classe média, oferecendo na unidade visitada apenas turmas de ensino médio e pré-vestibular em período parcial. A terceira escola, também visitada em setembro, tem perfil similar à segunda. A quarta escola, visitada em outubro, é de ensino religioso, direcionada à classe média e alta, oferecendo turmas do ensino fundamental ao pré-vestibular em período parcial.

Os entrevistados foram dez meninos entre 14 e 17 anos e dez meninas entre 14 e 16, estudantes da oitava série do ensino fundamental ao terceiro ano do ensino médio. Os adolescentes da primeira escola estudavam em regime integral, enquanto os demais eram todos estudantes do período matutino.

2.2 Procedimento de Coleta dos Dados

Todos os participantes foram selecionados e encaminhados ao pesquisador pela própria escola. As entrevistas foram realizadas em sala reservada durante o período de aula, seguindo apenas o critério da faixa etária solicitado à instituição. Cada um dos participantes preencheu o questionário sobre o uso do celular (Anexo I) e em seguida foi entrevistado com gravação de voz segundo o roteiro (Anexo II). A

gravação das entrevistas durou entre 6 e 15 minutos cada, totalizando visitas que duraram entre 30 minutos e 2 horas.

2.3 Os Instrumentos de Pesquisa

O questionário sobre o uso do celular (Anexo I) tinha o objetivo de identificar os hábitos em geral dos adolescentes com o dispositivo no dia a dia. As perguntas fechadas foram organizadas em quatro blocos: 1) *sobre você*, onde o entrevistado respondeu há quanto tempo utiliza o celular, quem comprou o aparelho, quem é responsável pelo pagamento da conta ou compra dos créditos, quantos minutos são utilizados em média mensalmente, se o celular é utilizado primordialmente para receber ou fazer chamadas, quem possui o número do celular do entrevistado e onde ele transporta o dispositivo; 2) *sobre os celulares em geral*, onde o entrevistado respondeu se gosta de usar o celular, usa indiferentemente ou não gosta de usar, e ainda como deveriam ser as características do celular de interesse para ele – funcional, bonito, moderno (recursos), barato ou outra opção aberta indicada por ele; 3) *sobre seu aparelho*, onde o entrevistado assinalou primeiramente os recursos conhecidos do celular dele, em seguida os mais utilizados diariamente; 4) *sobre a comunicação com seus amigos(as)*, onde o entrevistado assinalou primeiramente as situações onde não atenderia ou não ligaria para os amigos, e em seguida indicou suas percepções sobre o uso do celular na comunicação com os amigos (telefona mais vezes ou recebe mais ligações), formas de comunicação utilizadas (voz, mensagem de texto ou mensagem multimídia), diferenças qualitativas entre o dispositivo dele e dos amigos, sobre as pessoas para as quais ele informaria o número do celular dos amigos, situações onde utilizaria o celular dos amigos e sobre o que os amigos poderiam fazer utilizando o celular do entrevistado; 6) *operadora e*

marca do celular, onde entrevistado definia operadora de telefonia celular e fabricante do dispositivo utilizado.

O roteiro de entrevista (Anexo II) foi elaborado considerando as quatro dimensões de análise inicialmente definidas para a pesquisa e discutidas em detalhe no item 2.4 deste capítulo. As 25 perguntas abordaram temas direcionados a cada uma das dimensões, na ordem descrita, mas eventualmente duas ou mais dimensões puderam ser recuperadas a partir de uma mesma resposta, além de outras dimensões terem sido criadas por não se enquadrarem especificamente em nenhuma das inicialmente definidas.

2.4 Procedimento de Análise dos Dados

O instrumento de pesquisa buscou investigar como os adolescentes percebem a influência do celular em suas amizades, tomando por base algumas categorias ou dimensões da amizade, selecionadas em função da possível influência que sofrem pelo uso desse meio de comunicação. A partir da literatura, há indicações que o uso do celular afete a rede de amigos, a forma de coordenar atividades, a própria natureza da comunicação, a intimidade e proximidade e, possivelmente, a satisfação com as amizades. Os aspectos a serem investigados em cada uma destas dimensões são os seguintes: a) Rede de Amigos: a variação percebida no número e na composição da rede de amigos, a partir do uso do celular. Este item visa identificar variações quantitativas e qualitativas percebidas pelos adolescentes em função da utilização do celular; b) Atividades: a influência percebida do celular sobre as atividades realizadas em companhia dos amigos, desde seu planejamento, realização e avaliação, envolvendo a coordenação em todas as fases; c) Comunicação: as mudanças percebidas nas características gerais

da comunicação, quanto ao conteúdo (temas abordados) e à forma (mudanças na quantidade de informação trocada, frequência e duração de contatos e distribuição no tempo); d) Intimidade e proximidade: a percepção dos participantes sobre a influência do celular em seu nível ou tipo de intimidade em relação aos amigos e como percebem a influência do mesmo na proximidade com eles; e) Satisfação: quanto o celular afetou a satisfação percebida com as amizades mediadas por esse dispositivo.

As entrevistas foram transcritas e categorizadas inicialmente nas cinco dimensões de análise iniciais, que num segundo momento foram expandidas para mais quatro: *qualidade das interações* – avaliação dos participantes sobre a qualidade das interações realizadas através do celular, especialmente quanto à ausência de conteúdo não verbal e contato físico; *apoio social* – uso do celular pelos entrevistados para fornecer ou obter apoio junto aos amigos; *compromisso* – comportamentos e atitudes percebidos através do uso do celular e relacionados à manutenção da amizade; *confiança* – segurança ou insegurança manifestada pelos entrevistados em relação ao celular como meio de comunicação.

2.5. Organização do Trabalho

O capítulo 3 apresenta os dados coletados a partir do questionário sobre o uso do celular, abordando inicialmente um perfil geral de uso entre os entrevistados, seguido por diferenças de uso entre os gêneros. Os capítulos 4 a 9 foram divididos conforme as dimensões de análise apresentadas no item 2.4 e são organizados em uma breve introdução sobre os aspectos investigados na dimensão em questão, seguida da descrição dos dados coletados nas entrevistas, de uma breve discussão.

3. O ADOLESCENTE E O USO DO CELULAR

Este capítulo tem por objetivo apresentar um quadro geral descritivo do uso do telefone celular pelos adolescentes entrevistados com base no questionário aplicado aos 20 participantes. A análise dos questionários respondidos pelos adolescentes foi realizada em duas etapas: primeiramente, todos os dados foram categorizados e somados, compondo o perfil geral dos participantes. Em seguida, os perfis específicos dos adolescentes de cada sexo foram categorizados e complementaram a análise do perfil geral.

3.1 Perfil Geral

Os participantes entrevistados começaram a usar o celular em média aos 11 ou 12 anos: três deles utilizam o dispositivo há mais de cinco anos, oito entre três e cinco anos, seis entre um e três anos e apenas um utiliza há menos de um ano. Dezenove entre os vinte entrevistados tiveram seus celulares comprados pelos pais e apenas dois são responsáveis pelo pagamento de suas próprias contas ou pela compra dos seus créditos. Quanto ao consumo médio mensal, oito entrevistados utilizam até 40 minutos, sete entre 40-80 minutos, um entre 8-200 minutos e quatro falam mais de 200 minutos. Os celulares são usados primordialmente para receber ligações por treze entrevistados, enquanto quatro utilizam para fazer chamadas e três para fazer e receber chamadas.

O número do celular dos participantes é conhecido principalmente por sua rede social mais próxima: seis mencionaram amigos íntimos e familiares, cinco citaram amigos próximos e dois todos os amigos; contra sete das respostas que afirmavam fornecer o número para todos os que pedem.

O celular é carregado principalmente na pasta ou mochila (onze), provavelmente refletindo os hábitos diários, ou ainda no bolso (seis) ou junto ao corpo (três). No entanto, no momento da entrevista, praticamente todos os adolescentes estavam com o celular nas mãos ou no bolso.

Nenhum dos adolescentes entrevistados manifestou, no questionário, que não gostava de utilizar o dispositivo. A maioria (15) afirmou que usa e gosta e o restante disse usar o celular indiferentemente.

Para os entrevistados, o celular deve ser principalmente moderno e bonito. Apenas cinco entrevistados afirmaram preferir um celular funcional. Os principais recursos lembrados pelos entrevistados, e que não correspondem à totalidade de tecnologias disponíveis no aparelho e sim aquelas mais utilizadas ou dominadas pelo respondente, são: 1) Mensagens de texto, teclado luminoso e alarme/relógio (20 citações); 2) agenda de endereços e caixa postal (19 citações); 3) jogos e identificador de chamadas (18); 4) Tela colorida (17); 5) Toques polifônicos e Wap/Acesso Internet (16); 6) Descanso de tela (13); 7) Câmera digital (12); 8) Mensagens multimídia (11); 9) Infra-vermelho e MP3 (seis); 10) Bluetooth (cinco). Já os recursos mais utilizados diariamente são: 1) Mensagens de texto (13 citações); 2) Chamadas de voz (nove); 3) Agenda de endereços (sete); 4) Câmera digital e jogos (três); 5) Caixa postal, Wap/Internet e Mensagens Multimídia (uma citação cada).

No que diz respeito ao uso dos celulares em sua rede social, os entrevistados indicaram que não atenderiam uma chamada nas seguintes situações: 1) Aula (17 citações); 2) Banho (14 citações); 3) Madrugada e reuniões familiares (seis); 4) Transporte público (quatro); 5) Durante as refeições e outros – soma das referências feitas a *lugares onde é proibido, cinema, quando estou conversando com meus pais* (três); 6) Quando estou namorando, baladas, filas e trabalho (duas citações cada). Nenhum entrevistado sugeriu que não atenderiam uma ligação durante uma viagem.

Em relação às situações onde o adolescente não ligaria para os seus amigos, as referências foram: 1) Aula (16 citações); 2) Madrugada (11); 3) Banho (nove); 4) Refeições (oito); 5) Trabalho (sete); 6) Reuniões familiares (cinco); 7) Quando meu amigo está namorando (quatro); 8) Filas, transporte público (duas); 9) Viagem, balada ou onde é proibido (uma citação cada).

Quando perguntados como seria o equilíbrio entre telefonar para os amigos ou receber ligações deles, doze entrevistados afirmaram receber mais, seis afirmaram fazerem mais e dois disseram que fazem e recebem ligações dos amigos. Nesse processo, quatorze entrevistados disseram telefonar e enviar mensagens de texto para os amigos; quatro telefonam, enviam mensagens de texto e mensagens multimídia e apenas dois participantes apenas telefonam. Combinando com essa situação, doze dos entrevistados indicaram receber ligações e mensagens de texto; três recebem ligações, mensagens de texto e multimídia e apenas dois afirmaram receber apenas ligações.

A maioria dos adolescentes (doze) afirmou que seus celulares são similares aos dos amigos, quatro afirmaram que não sabem, três disseram que o celulares dos amigos são melhores e apenas um indicou ter um celular melhor que os dos amigos. A similaridade percebida é confirmada pela equivalência de recursos apontadas anteriormente.

Quanto à possibilidade de informar o número do celular de um amigo a outras pessoas, apenas um dos entrevistados disse fornecer para qualquer um. Os demais mantêm a informação no círculo de amizades mais próximo: dez forneceriam a amigos em comum, cinco apenas a amigos íntimos ou familiares e três a amigos do amigo em questão. Sobre situações onde usariam os celulares de amigos, os entrevistados indicaram principalmente momentos onde seu próprio aparelho não funciona (nove), emergências (três), às vezes (sete) e apenas um indicou que nunca

usa. Na situação inversa, os entrevistados disseram que seus amigos poderiam: 1) ver fotos recebidas (13 citações); 2) ver chamadas realizadas, atender ligações, ver fotos enviadas (11); 3) ler torpedos enviados, mudar toques, ver chamadas recebidas (dez); 4) mudar papel de parede, ler torpedos recebidos (nove); 5) ver fatura (quatro); 6) ouvir caixa postal (três). Apenas um entrevistado afirmou deixar um amigo sair com seu celular, mas nenhum disse que emprestaria, trocaria ou deixaria que um amigo viajasse com seu celular.

Quanto às operadoras de telefonia celular, a empresa A foi referenciada por 16 entrevistados, seguida da empresa B (três), empresa C (dois) e empresa D (um). As marcas dos aparelhos citadas foram fabricante A (oito), fabricante B (cinco), fabricante C (quatro), e os fabricantes D, E, F e G com uma citação cada.

Em síntese, os adolescentes entrevistados começam a utilizar o celular por volta dos 11 ou 12 anos, mas são em sua maioria financiados pelos pais tanto na aquisição quanto na assinatura dos planos ou compra dos créditos. Receber chamadas parecer ser o principal uso dos entrevistados, e os amigos representam o maior número de pessoas a conhecer o número do celular dos participantes. O celular é transportado principalmente na mochila ou bolso e a maioria dos entrevistados usa e gosta do dispositivo. Para os adolescentes, o celular deve ser um misto de moderno, bonito e funcional, oferecendo principalmente os recursos de alarme, mensagens de texto, caixa postal, identificador de chamadas, agenda, teclado luminoso, tela colorida, jogos e toques polifônicos. Dentre esses recursos, os mais utilizados são mensagens de texto, chamadas de voz e agenda, e os celulares dos participantes foram definidos como similares aos dos amigos. Os entrevistados sugeriram que não atenderiam ligações dos amigos durante as aulas ou enquanto estivessem no banho, e de maneira similar disseram que não ligariam para os amigos quando estes estivessem em aula, no banho ou de madrugada. Os

adolescentes disseram que recebem mais chamadas do que fazem, usando principalmente chamadas de voz e mensagens de texto nas duas situações, e afirmaram que informariam o telefone dos amigos principalmente para amigos do amigo, amigos íntimos ou familiares ou amigos em comum. Os entrevistados disseram que usam os celulares dos amigos quando o deles não funciona, emergências ou às vezes, e quando os amigos utilizam os celulares dos entrevistados, podem verificar mensagens e fotos recebidas e enviadas, chamadas recebidas e realizadas, mudar papel de parede e toques, mas não poderiam viajar, trocar ou pegar o aparelho emprestado.

O celular aparece entre entrevistados como um dispositivo comum, uma tecnologia já incorporada ao dia a dia, embora seu uso ainda seja limitado pelos valores que os pais estariam dispostos a pagar. A concentração maior do número do celular ao círculo de amizades próximas, combinada ao comportamento de receber mais chamadas do que fazer pode indicar um uso ligado a ser encontrado, de estar disponível para os amigos. Essa hipótese pode ser reforçada pela baixa citação de usos da caixa postal, que paradoxalmente foi muito citada como recurso conhecido dos entrevistados, o que pode significar que os entrevistados raramente não conseguem falar com os amigos através do celular, situação que poderia resultar na gravação de um recado na caixa postal. O fato do celular não ser utilizado nem para receber nem para fazer chamadas durante as aulas pode estar relacionado a eventuais proibições das instituições de ensino, assim como ligações na madrugada poderiam estar restritas pela falta de hábito herdada do uso do telefone fixo. Os momentos com a família (refeições, reuniões ou mesmo “banho”, que acontece no ambiente familiar) parecem inibir o uso do celular, talvez pela privacidade necessária para o adolescente manter uma conversa adequada com os amigos.

3.2 Perfil por Gênero: Uma Comparação

No grupo entrevistado, 10 participantes são do sexo masculino, sendo um com 14 anos, dois com 15, quatro com 16 e três com 17 anos. Desse total, um utiliza o celular há mais de cinco anos, quatro o utilizam de três a cinco anos, quatro entre um a três anos e apenas um há menos de um ano. Apenas um dos meninos comprou o próprio celular, sendo o único responsável pelo pagamento da sua conta. Os demais receberam o celular dos pais, que também pagam a conta ou compram os créditos. Metade dos meninos fala até 40 minutos por mês, três falam entre 40 e 80 minutos, um fala entre 80 e 200 minutos e um fala mais de 200 minutos. Sete dos dez entrevistados possuem o celular primordialmente para receber chamadas, dois receber e fazer e apenas um indicou ter o aparelho principalmente para fazer ligações. Quatro participantes disseram que apenas amigos íntimos e familiares sabem o número do seu celular; outros quatro disseram que todos que pedem possuem o número e dois indicaram apenas os amigos próximos.

Dez adolescentes do sexo feminino (meninas) também responderam ao questionário, sendo uma de 14 anos, duas de 15 e sete de 16 anos. Quanto ao tempo de uso, quatro utilizam o celular de três a cinco anos, duas de uma a três anos, duas há menos de um ano e duas há mais de cinco anos. Todas as entrevistadas utilizam celulares comprados pelos pais ou família e apenas duas são responsáveis pela compra de créditos ou pagamento da conta. Quatro meninas consomem entre 40-80 minutos por mês, três mais de 200 minutos e três até 40 minutos. Seis entrevistadas possuem o celular primordialmente para receber chamadas, três para fazer chamadas e apenas uma para fazer e receber. As pessoas que compõem o círculo mais próximo das participantes aparecem como a maioria dos que conhecem o número do seu telefone: três indicaram amigos

próximos, duas amigos íntimos ou familiares, duas todos os amigos. As outras três entrevistadas disseram que informam o número do seu celular a todos que pedem.

Metade dos meninos afirmaram carregar o celular na bolsa, pasta ou mochila, três carregam no bolso e dois junto ao corpo. Sete dentre os dez disseram usar e gostar do celular e três utilizam indiferentemente. Cinco acreditam que o celular deve ser moderno (recursos), quatro preferem os aparelhos funcionais e apenas um disse preferir os modelos que combinam todas as propriedades citadas (funcional, moderno, barato e bonito). O celular deste participante é um Motorola V810, dotado dos principais recursos do mercado e comercializado pela Vivo por R\$ 450 (Valor obtido através do Shopping UOL, visitado em 14 de Novembro de 2006 no endereço <http://shopping.uol.com.br/telefonias/celulares/produto.html?id=186294>).

As meninas carregam o celular principalmente na bolsa, pasta ou mochila (6) ou no bolso (3), enquanto apenas uma carrega junto ao corpo. Oito entrevistadas afirmaram que usam e gostam do celular e duas disseram usar indiferentemente. Para três participantes o celular deve ser funcional; duas indicaram preferência pelos modelos modernos (recursos) e apenas disse preferir os bonitos. As outras quatro entrevistadas preferem combinações como funcional, bonito, moderno e barato (1); funcional, bonito e moderno (1); bonito e moderno (2).

Os recursos dos aparelhos citados pelos entrevistados do sexo masculino foram, de acordo com o número de citações: 1) Mensagem de texto, agenda, teclado luminoso e alarme (dez citações); 2) Caixa postal e jogos (nove); 3) Descanso de tela, Wap/Internet, identificador de chamadas, tela colorida (oito); 4) Toques polifônicos (seis); 5) Mensagens multimídia, câmera digital (cinco); 6) Bluetooth, infra-vermelho e MP3 (duas). Quanto aos recursos mais utilizados diariamente, os participantes indicaram: 1) Mensagem de texto (sete citações); 2) Agenda e chamada de voz (quatro); 3) Jogos e câmera digital (duas); 4º) Caixa postal (uma

citação). Nenhum dos entrevistados do sexo masculino afirmou usar mensagem multimídia ou acesso Internet através do celular.

Entre as meninas, as referências aos recursos foram: 1) Mensagem de texto, alarme/relógio, toques polifônicos, caixa postal, teclado luminoso, identificador de chamadas (dez referências); 2) agenda, jogos, tela colorida (nove); 3) acesso Internet (oito); 4) câmera digital (sete); 5) mensagem multimídia (seis); 6) descanso de tela (cinco); 7) infra-vermelho e MP3 (quatro); 8) Bluetooth (três). Os recursos mais utilizados diariamente foram: 1) mensagem de texto (seis referências); 2) chamada de voz (cinco); 3) agenda (três); 4) Internet, jogos, mensagem multimídia, câmera digital (uma referência). Não houve referências ao uso de caixa postal pelas meninas.

Sobre as situações onde os meninos não atenderiam ligações dos amigos, as indicadas foram: 1) Aula e banho (oito citações); 2) Madrugada e reuniões familiares (três); 3) Quando está namorando (duas); 4) Baladas, filas, trabalho, transporte público e refeições (uma citação). Nenhum dos participantes afirmou que não atenderia um amigo durante uma viagem. Já as meninas indicaram que não atenderiam ligações dos amigos: 1) aula (nove citações); 2) banho (seis); 3) madrugada, reuniões familiares, transporte público (três); 4) refeições (duas); 5) baladas, filas, trabalho, lugares onde é proibido, cinema e quando estou conversando com meus pais (uma citação). Nenhuma participante disse que não atenderia um amigo enquanto estivesse namorando ou em durante viagens.

No que diz respeito às situações onde não ligariam para os amigos, os entrevistados do sexo masculino referenciaram: 1) Madrugada e aula (nove citações); 2) Trabalho e refeições (cinco); 3) Reuniões familiares e banho (quatro); 4) Quando meu amigo está namorando (três); 5) Baladas ou filas (uma citação). Nenhum dos entrevistados afirmou que não ligaria para um amigo quando estivesse

viajando ou quando estivesse em transporte público. As meninas, por sua vez, referenciaram: 1) aula (sete citações); 2) banho (cinco); 3) refeições (três); 4) madrugada, transporte público, trabalho (duas); 4) viagem, reuniões familiares, filas, quando meu amigo está namorando e lugares onde é proibido (uma citação). Nenhuma das meninas indicou que não ligaria para um amigo durante a balada.

Em relação aos amigos, seis entrevistados do sexo masculino disseram receber mais ligações, três disseram ligar mais e apenas um afirmou receber ligações e ligar para os amigos. A maioria dos meninos (oito) telefona e envia mensagens de texto e apenas dois apenas telefonam. Dos amigos, sete recebem ligações e mensagens de texto, dois recebem ligações, mensagens de texto e multimídia e apenas um recebe apenas ligações. Seis dentre os dez meninos acham que seus celulares são similares aos dos amigos, dois afirmam que os amigos possuem celulares melhores e dois dizem não saber. Quando perguntadas sobre a comunicação com os amigos, oito das dez meninas afirmaram receber mais ligações, três disseram fazer mais ligações e uma disse telefonar e receber ligações dos amigos na mesma intensidade. Para os falar com os amigos, as entrevistadas utilizam principalmente chamadas de voz e mensagens de texto (seis) ou chamadas de voz, mensagens multimídia e mensagens de texto (quatro). Os amigos, por sua vez, telefonam e enviam mensagens de voz para metade das meninas; telefonam, enviam mensagens de texto e multimídia para uma delas; e apenas telefonam para uma. Na percepção de seis entrevistadas, os celulares dos amigos são similares aos delas, duas não sabem dizer, melhores na percepção de uma e inferiores na percepção da outra.

Sobre a possibilidade de informar o telefone de um amigo para uma outra pessoa, metade dos entrevistados do sexo masculino disseram que passariam a informação para amigos em comum, três passariam para amigos íntimos ou

familiares e apenas um passaria a qualquer um que solicitasse. Entre as meninas, seis entrevistadas passariam a informação para amigos em comum, duas passariam para amigos íntimos ou familiares e duas para amigos do amigo em questão.

Quando às situações onde o participante usa o celular de um amigo, cinco meninos disseram ser momentos onde seu próprio celular não funciona, quatro disseram que utilizam às vezes e um afirmou utilizar em emergências. Quatro participantes do sexo feminino disseram que usam o celular dos amigos quando o delas não funcionam, três às vezes, duas durante emergências e apenas uma indicou que nunca usa.

Nas situações inversas, onde o amigo utiliza o celular do entrevistado, os meninos indicaram que os amigos podem: 1) ler torpedos enviados, mudar toques, ver chamadas recebidas, ver fotos recebidas e ver chamadas realizadas (seis referências); 2) ler torpedos recebidos, ver fotos enviadas (cinco); 3) mudar papel de parede, atender ligações (quatro); 4) ouvir caixa postal (três); 5) ver fatura (duas); 6) sair com o celular (uma referência). Nenhum dos entrevistados permitira que um amigo viajasse ou pegasse o celular emprestado. Já os amigos das entrevistadas poderiam realizar as seguintes operações: 1) ver fotos recebidas e atender ligações (sete citações); 2) ver fotos enviadas (seis); 3) ver chamadas realizadas e mudar papéis de parede (cinco); 4) ler torpedos recebidos, ler torpedos enviados, mudar toques e ver chamadas recebidas (quatro); 5) ver fatura (duas). Nenhuma das entrevistadas disse que os amigos poderiam ouvir a caixa postal, trocar, emprestar, sair ou viajar com o celular delas.

Em suma, meninas (a) possuem celular mais equipado; (b) não usam caixa postal – não perdem chamadas; (c) ligam mais, inclusive de madrugada; e, (d) são mais permissivas – os amigos podem atender e interagir mais com o celular.

4. REDE DE AMIGOS E TELEFONIA CELULAR

Embora a amizade seja geralmente um relacionamento diádico, Hinde (1997) afirma que três indivíduos ou mais podem ser amigos mútuos e que, além disso, a maioria das amizades influencia e é influenciada pelo grupo no qual estão inseridas. Ainda, especialmente entre os adolescentes, o fato de ter um ou mais amigos pode trazer *status* dentro do grupo, e sugere que por mais se pense em amigos encontrando-se e fazendo coisas juntos, essas atividades geralmente acontecem na presença de outros amigos. Segundo Degirmencioglu, Urberg, Tolson e Richard (1998), as redes de amigos se tornam mais estáveis com a idade, com poucas diferenças entre gêneros. A rede de amigos consiste, portanto, no grupo ao qual pertence o adolescente e dentro do qual ele interage com seus pares ao longo da história dos diversos relacionamentos que mantém. A rede de amigos é dinâmica e sua composição resulta da influência de diversos fatores.

Degirmencioglu, Urberg, Tolson e Richard (1998) sugerem que para entender as funções e efeitos das redes de amigos dos adolescentes, seria crucial conhecer os padrões que as amizades formam e como esses padrões estariam inter-relacionados ou estruturados. Conhecer a estrutura seria necessário para identificar os relacionamentos através dos quais os processos das redes de amigos acontecem e como as qualidades que os adolescentes trazem para as amizades influenciariam esses processos. Os autores ainda abordam algumas dimensões correlacionadas à formação das redes de amigos dos adolescentes: 1) *série e idade escolar*: com o avanço da idade os adolescentes teriam interesses mais claros e estáveis, facilitando a formação de redes; 2) *gênero*: diferenças entre meninos e meninas, especialmente em relação a similaridade, exclusividade e intimidade nas amizades, afetariam significativamente a estabilidade dos relacionamentos; 3) *coesão e*

tamanho de grupo: espera-se que grupos coesos sejam mais estáveis e há indícios de uma relação negativa entre tamanho do grupo e estabilidade; 4) *tipo de rede*: indivíduos bem relacionados em suas redes e com papéis bem definidos estariam menos sujeitos a ficar menos conectados e mudar de papéis; 5) *características individuais e diádicas*: a investigação do relacionamento seria mais rica ao analisar os dois indivíduos em conjunto ao invés de considerá-los em separado, de forma que as medidas para a análise das díades incluiriam dimensões como mutualidade, similaridade de gênero e duração da amizade.

A formação da rede de amigos na adolescência também é investigada em relação à formação de relacionamentos românticos. Feiring (1999) sugere que nessa fase haveria maior pressão social e oportunidades para a formação de amizades com indivíduos de gêneros diferentes, abrindo caminho para a aproximação com amigos que poderiam se tornar parceiros românticos. Para a autora, as meninas nesse cenário estariam em um estágio diferente dos meninos no processo de formação de amizades com o outro gênero.

Namba (2005) ao comparar as redes de amigos japonesas (*"nakama"*) com os relacionamentos dos adolescentes com amigos e melhores amigos no Japão evidenciou a influência do tamanho do grupo, nível de intimidade, atividades e propósitos compartilhados entre os indivíduos na avaliação da qualidade dos relacionamentos.

A relação entre saúde mental, depressão e rede de amigos na adolescência foi investigada por Ueno (2005), em um estudo que demonstrou que a relação entre possuir mais amigos e ter menos sintomas depressivos seria mediada pela sensação de pertencimento ao grupo. Segundo o autor esse argumento suportaria a noção conhecida, porém não empiricamente investigada de que integração social promoveria saúde mental por meio da indução de sentimentos positivos sobre os

relacionamentos dos indivíduos com a sociedade. Segundo Brown, Eicher e Petrie (2006), a preferência dos adolescentes por suas redes de amigos, quando comparada às demais afiliações a outros grupos, se intensificaria com o avanço da idade. Os autores sugerem que os grupos de amigos dos adolescentes servem a propósitos múltiplos que seriam evidenciados com o passar dos anos.

A análise desta dimensão aborda a variação percebida no número e na composição da rede de amigos a partir do uso do celular, visando identificar variações quantitativas e qualitativas percebidas pelos adolescentes em função da utilização do dispositivo.

Segundo dezesseis entrevistados, o uso do celular não alterou o número de amigos (oito meninos e oito meninas). Nesse grupo, três participantes do sexo feminino disseram que o celular apenas aumentou o contato com quem já é amigo e uma disse que só usa o celular com quem já tem intimidade. Um participante do sexo masculino explicou que o número de amigos não aumentou a partir do uso do celular porque basicamente todos os amigos dele possuem celular. Outro sugeriu que não houve alteração porque procura manter um contato pessoal com seu ciclo de amigos, utilizando o celular apenas depois desse contato estabelecido. Dentre os quatro entrevistados que perceberam mudanças no número de amigos, as explicações foram: “(...) *conheci amigos através de outras pessoas e depois com o celular e envio de mensagens fiquei mais amigo*” (sexo feminino, 15 anos); “(...) *eu consigo conversar com pessoas que não consigo encontrar*” (sexo masculino, 17 anos); “(...) *conheci amigos de amigos através do celular. Eu liguei para um amigo aí outro atendeu, aí acabei conhecendo*” (sexo feminino, 16 anos).

Sobre as alterações no grupo de amigos, treze entrevistados (oito meninos e cinco meninas) disseram que não houve mudanças a partir do uso do celular. Um entrevistado de 16 anos justificou sua resposta dizendo que faz amizades primeiro

pessoalmente e depois usa o celular para continuá-las. Uma entrevistada de 16 anos sugeriu que é mais fácil achar as pessoas, poder falar a qualquer momento, mas o celular muda a relação, mas não as pessoas. Já os entrevistados que perceberam mudanças no seu grupo de amigos (dois meninos e cinco meninas), o celular aparece como uma forma de conversar e combinar de sair (sexo masculino, 14 anos); forma de conversar com pessoas com as quais não conversa antes (sexo feminino, 16 anos); meio de combinar encontro entre os amigos – quem não possui celular ficaria de fora da atividade e mais distante do grupo (sexo feminino, 16 anos); e como tecnologia que permite encontrar os amigos em qualquer lugar e a qualquer hora (sexo feminino, 15 anos).

O celular permitiu que sete entrevistados (três meninos e quatro meninas) tivessem amigos que antes não tinham porque o celular permite encontrar as pessoas (sexo masculino, 14 e 16 anos), aumentar a afinidade (sexo feminino, 16 anos) e intimidade (sexo feminino, 15 anos), aproximar (sexo feminino, 16 anos), conversar mais (sexo feminino, 15 anos) ou conversar, interagir e conhecer pessoas novas (sexo masculino, 15 anos).

Em síntese, o uso do celular parece não causar transformações quantitativas significativas no número ou na rede de amigos, mas proporciona mudanças qualitativas nas interações entre as pessoas já conhecidas. Obter o número do celular do amigo de um amigo e telefonar para ele, ou ainda começar um diálogo com um amigo não tão próximo parece resultar em oportunidades de aproximação e estreitamento de laços de amizade. As redes de amigos dos entrevistados parecem ter incorporado o celular ao seu funcionamento, uma vez que o dispositivo é citado como meio mais fácil de achar os amigos e combinar atividades em qualquer lugar e a qualquer hora.

A partir dos dados obtidos sobre a rede de amigos, embora a maioria dos entrevistados não tenha percebido uma mudança no número de amigos ou na composição do seu grupo, a dinâmica interna dele parece ter sofrido transformações significativas: amigos não tão próximos encontram oportunidades para ficarem mais íntimos sem necessitarem de conversar pessoalmente; amizades iniciadas pessoalmente perpetuam-se pelo contato através do celular; amizades já consolidadas se mantêm através de atividades planejadas por meio do dispositivo. As meninas, que a partir dos dados quantitativos parecem utilizar o celular com maior intensidade que os meninos, também percebem maiores mudanças em suas redes de amigos que estes, talvez sugerindo que o uso mais expressivo do dispositivo provocaria transformações mais perceptíveis nos relacionamentos.

Levando em consideração ou não a diferença entre gêneros, a rede de amigos dos entrevistados pode ser analisada com base no uso do celular – com quem o número é compartilhado, de quem recebe chamadas e para quem se faz chamadas. Embora as entrevistas não tenham demonstrado uma tendência para a acumulação de números de telefone como forma de obter reconhecimento dentro do grupo (Hinde, 1997), a situação encontrada junto aos participantes apontaria para uma valorização do contato através do celular, tornando o meio seletivo e íntimo.

As entrevistas evidenciaram a importância de investigar como a rede de amigos se modifica através da incorporação das propriedades dos novos meios de comunicação utilizados entre os indivíduos que a integram. A compreensão de como as novas tecnologias permitem que os indivíduos se conheçam, se aproximem, conversem, interajam e formem suas redes é de grande importância para o estudo das amizades.

5. AMIZADE E TELEFONIA CELULAR: ATIVIDADES COMPARTILHADAS E COMUNICAÇÃO

Dois aspectos podem ser considerados básicos em qualquer relacionamento: as atividades compartilhadas, que correspondem àquilo que os dois participantes da relação fazem juntos, e a comunicação propriamente dita, que envolve a comunicação verbal e não-verbal.

5.1 Atividades Compartilhadas

Por *atividades compartilhadas* pode-se entender todos os programas realizados pelos adolescentes em companhia de outras pessoas, como sair juntos ou à realização de atividades conjuntas. O tempo que os indivíduos passam juntos melhoraria o companheirismo e a comunicação, e conseqüentemente a satisfação com o relacionamento. Em outra perspectiva, pode-se dizer que não apenas o tempo que os indivíduos passam juntos, mas também o que fazem juntos importaria para o relacionamento. Surra e Longstreth (1990, citado por Hinde, 1997) afirmam que, em geral, o sucesso de um relacionamento dependeria do quanto preferências individuais seriam satisfeitas através das atividades realizadas em conjunto. Os autores discutem a interdependência de três categorias de atividades: 1) Reciprocidade, atividades escolhidas por um indivíduo onde o outro concordaria em participar na expectativa de escolher a próxima; 2) Competição, onde os indivíduos teriam preferências por atividades distintas dos parceiros, de forma que a reciprocidade não seria possível e ainda assim o parceiro participaria para manter o relacionamento; 3) Cooperação, onde os resultados são similares para ambos participantes. Hinde (1997) afirma ainda que um elemento essencial da amizade

seria estar em dia com as ocupações do amigo, pois através desse conhecimento é que seria possível compreender os problemas do outro, conectar o que acontece naquele momento com o que aconteceu antes e assim por diante.

A relação entre as atividades realizadas na companhia dos amigos e a percepção sobre a qualidade da amizade apresentaria diferenças entre gêneros, idades e tipos de atividades escolhidas (Mathur & Berndt, 2006): meninos se envolveriam em mais atividades esportivas e trabalhos escolares com os amigos que as meninas; indivíduos de ambos os sexos que investiriam mais tempo em atividades de socialização, manutenção e escolares com os amigos perceberiam mais características positivas nas amizades. Os dados coletados sugerem que investir em alguns, mas não todos os tipos de atividades com os amigos, poderia melhorar o desenvolvimento de amizades percebidas como de alta qualidade. Resultados similares em relação às diferenças entre os gêneros nas interações dos relacionamentos de amizade foram descritos por Caldwell e Peplau (1982): homens demonstrariam preferência por atividades e fazerem coisas juntos enquanto as mulheres prefeririam compartilhar sentimentos e conversar. As similaridades entre melhores amigos, conforme investigadas por Tolson e Urberg (1993), seriam maiores no que diz respeito a comportamentos do que em relação a atitudes e importâncias dadas a atividades.

Partindo das questões apresentadas, esta dimensão diz respeito à influência percebida do celular sobre as atividades realizadas em companhia dos amigos, desde seu planejamento, realização e avaliação, envolvendo a coordenação em todas as fases. Conforme sugerido por Ling & Yttri (2003), os adolescentes fazem uso de dispositivos de comunicação não só para planejar atividades em conjunto, como também para interagir durante e após a realização delas conforme as necessidades da rede social em questão.

Quanto ao uso do celular no planejamento das atividades em si, todos os entrevistados afirmaram que ligam algum tempo antes para organizar o encontro. Quatro disseram que enviam torpedos quando não conseguem um primeiro contato e aguardam a resposta dos amigos para continuarem o planejamento por chamada de voz. Uma entrevistada sugeriu que após o uso do celular houve uma mudança no grupo de amigos dela, pois esse dispositivo tornou-se a principal forma de combinar atividades: *“Mudou, porque agora quando a gente vai sair ou alguma coisa assim, é tudo combinado pelo celular. Um torpedo você pode escrever uma vez e mandar pra um monte de gente... Quem tiver celular vai, que não tiver celular ou tiver com celular desligado fica por fora, fica em casa dormindo”* (16 anos). Segundo outro entrevistado (14 anos), o celular tornou-se ainda mais importante para o planejamento das atividades com os amigos quando ele estava sem computador e não pôde utilizar as demais formas de contato com seu grupo.

Quinze entrevistados afirmaram que utilizam o celular para marcar o motivo da saída, o local e a hora; seis ligam para avisar que estão saindo para o encontro marcado; onze ligam para os amigos quando chegam no local e hora combinados; dois ligam para informar de atrasos; três utilizam o celular quando alguém do grupo se perde, combinando um local para reencontro; três utilizam o celular para organizar uma forma de retornar para casa. Um dos participantes (14 anos) disse que é importante combinar um local de reencontro caso alguém do grupo se perca porque o índice de roubo de celulares em Vitória é alto. Uma entrevistada (14 anos) disse que assim que chega no lugar combinado e não encontra os demais amigos, liga para o celular deles, deixando chamar apenas uma vez e desliga. Esse seria um código já conhecido do grupo para indicar atrasos e cobrar a presença dos que ainda não chegaram. As mensagens de texto também são utilizadas por uma entrevistada (14 anos) para avaliar o encontro com os amigos.

Para três entrevistados, o celular mudou a forma de encontrar os amigos em situações como: descobrir ao acaso uma atividade que poderia interessar aos dois, como um filme que o entrevistado sabe que o amigo dele gostaria de ver mas que não estava combinado (feminino, 16 anos); planejar atividades com amigos que não estudam na mesma escola e portanto não fazem parte do dia-a-dia do entrevistado (feminino, 16 anos); planejar atividades nos finais de semana sem precisar encontrar o amigo pessoalmente, bastando uma ligação para conferir a disposição e disponibilidade para a realização do encontro (masculino, 16 anos). As meninas citaram que combinam através do celular as idas ao shopping (1), cinema (1) ou simplesmente sair (2). Já os meninos combinam de sair (2), cinema (1), ir para a escola (1), restaurante, pizzaria ou comer um lanche (2), simplesmente sair (1) ou encontrar-se com o amigo (1). Três entrevistados do sexo masculino afirmaram falar entre 2 e 5 minutos ao celular para combinar suas atividades. Nenhuma menina fez referência ao tempo gasto para esse planejamento.

O planejamento de atividades foi um dos temas apontados por dezoito entrevistados quando perguntados quais os principais assuntos falados com os amigos ao celular: “Combinar de sair”, citado por sete meninos e cinco meninas; festas, programas, shows, fazer alguma coisa e encontrar com os amigos citados individualmente apenas por meninas. Para um entrevistado do sexo masculino (16 anos) e uma do sexo feminino (16 anos), a média de minutos conversados com os amigos diariamente aumentou em decorrência do uso para combinar encontros ou enquanto aguardam o amigo chegar no lugar combinado: *“Estou no shopping esperando meu namorado chegar, aí eu lembro que tinha que falar alguma coisa com alguém, então enquanto estou lá sozinha eu ligo e vou falando”*.

Durante a realização das atividades combinadas, os entrevistados afirmaram que o celular proporcionou novas formas de contato que desencadeiam novas

atividades ou reorganização das já definidas. Uma menina (16 anos) sugeriu que ficaria “mofando” diversas vezes se fosse ao shopping sem celular, pois os amigos não poderiam ligar para ela informando atrasos e ajustando o horário de encontro. Para outra entrevistada (16 anos), a duração das atividades pôde ser prolongada por causa do celular, já que os pais poderiam manter um contato constante. Um menino (15 anos) citou uma emergência ou imprevisto que o impossibilitaria de chegar ao lugar e hora marcados, e através do celular a situação poderia ser avisada ao amigo que estaria aguardando. Outros entrevistados disseram que poderiam convidar um amigo a encontrá-los em um lugar onde já estariam (feminino, 16 anos) ou combinar uma nova atividade para o resto da noite ao invés de “ir para casa dormir” (masculino, 16 anos).

O celular seria utilizado para mediar encontros para tratar de assuntos delicados e que requereriam uma conversa pessoal, segundo duas entrevistadas e um entrevistado, todos de 16 anos. Outro entrevistado, de 17 anos, afirmou que o celular o deixaria mais próximo ou íntimo dos amigos por permitir a marcação de encontros que aumentariam o contato.

A possibilidade de combinar atividades pelo dispositivo foi apontada como o ponto positivo da comunicação celular por uma menina (16 anos) e um menino (15 anos), além de ser o motivo do aumento da satisfação nas amizades de uma entrevistada (16 anos), e de ser a influência percebida mais importante nas amizades de quatro entrevistados.

Em suma, o uso do celular para planejar as atividades apareceu nas entrevistas desde o primeiro contato para definir o programa, na escolha do horário, forma de chegar até o lugar, ponto de encontro e a forma de voltar para casa. O dispositivo também proporcionaria segurança aos adolescentes durante a realização das atividades, uma vez que impediria que os amigos ficassem sem saber de

eventuais atrasos ou imprevistos, encontrarem alguém que se perdeu ou mesmo serem encontrados pelo grupo. As principais atividades destacadas pelos entrevistados estariam relacionadas ao universo de interesse dos adolescentes – ir à escola, ao cinema, pizzaria, shopping, baladas etc – com referências constantes às caronas para ir e voltar, ao tempo escasso durante a semana e livre nos finais de semana.

Como se pode observar através dos dados, o celular agiria como uma ferramenta que garantiria a disponibilidade constante do adolescente dentro da sua rede de amigos, provavelmente aumentando o companheirismo e estreitando o relacionamento. Aquele que possui o celular e mantém seus contatos através do dispositivo é facilmente localizado e incluído no planejamento do grupo, confirmando a tendência de uso descrita por Ling (2002). Concentrar a organização de atividades através do celular parece pesar positivamente no desenvolvimento das amizades, se considerarmos que todas as interações realizadas pelos adolescentes antes, durante e após os encontros possuem o objetivo de manter os amigos informados, cientes de tudo que estaria acontecendo, sinalizando comprometimento com a relação. Essa perspectiva reforça a proposição de Hinde (1997) sobre a importância de se manter em dia com as ocupações do amigo, e o celular se apresentaria como um meio rápido e ágil dos adolescentes se atualizarem.

5.2 Comunicação

A comunicação é a base das interações nos relacionamentos, englobando tanto os meios utilizados quanto as informações que transitam por eles. Os amigos trocam informações variadas por inúmeros canais durante as interações que compõem o relacionamento e nenhum desses canais permite o tráfego de forma

transparente. Há sempre alguma influência das propriedades dos meios de comunicação sobre as informações comunicadas. Embora a comunicação seja parte essencial de todo relacionamento, Hinde (1997) reforça a importância da comunicação não-verbal entre os indivíduos. Ao estudar a comunicação nos relacionamentos, e especialmente os problemas nos relacionamentos, o autor sugere que o passo inicial seria investigar tanto o envio quanto o recebimento de mensagens, analisando se a mensagem enviada correspondeu à intenção do remetente e se foi corretamente interpretada pelo destinatário, além de observar o quanto o conteúdo verbal estava em harmonia com os elementos não verbais – entonação, ênfase, gestos, expressões etc.

A diversidade nas formas de comunicação parece estar relacionada à proximidade nos laços de amizade e de trabalho (Haythornthwaite & Wellman, 1998). Quanto maior a frequência de contatos entre amigos, maior seria a troca de informações e mais diverso seria o uso de meios de comunicação.

Claes (1992) cita que a possibilidade de compartilhar problemas pessoais e preocupações para um amigo na adolescência parece ser benéfica para a aquisição de um comportamento adaptativo. Por outro lado, deficiências na comunicação com os amigos, experiências de confronto, sensação de estar alienado na amizade estariam relacionados dificuldades de adaptação e ajustamento.

A comunicação com amigos próximos e demais colegas na adolescência poderia ser descrita em termos de proximidade e distanciamento (Giordano, 1995). Nesse sentido, embora amizades próximas sejam importantíssimas para o desenvolvimento dos indivíduos nessa fase da vida, as interações com um círculo maior também contribuiriam para o aprendizado sobre si mesmo e sobre o mundo social.

Com relação à *comunicação*, foram investigadas as mudanças (de conteúdo ou forma) percebidas nas características gerais da comunicação mediada pelo celular. O celular seria uma *interface social*, conforme sugere Silva (2006), um dispositivo digital que media o relacionamento entre dois ou mais usuários. Segundo a autora, as interfaces sociais são culturalmente definidas e não apenas redefiniriam a forma dos relacionamentos comunicacionais como também redefiniriam a forma do espaço onde as interações aconteceriam.

5.2.1 Conteúdo da Comunicação

Em relação ao conteúdo da comunicação, buscou-se investigar as alterações nos temas das conversas entre os entrevistados com o uso do celular. Devido às características e limitações do meio de comunicação em questão, o conteúdo das informações trocadas nas interações apresentaria diferenças em relação às conversas realizadas pessoalmente.

Quatorze entrevistados (cinco meninos e nove meninas) disseram que o uso do celular não afetou os temas das conversas com os amigos e justificaram suas opiniões com afirmações como: *pessoalmente converso mais, prefiro papo olho a olho* (feminino, 16 anos); *a diferença é que eu não estou vendo a pessoa* (feminino, 16 anos); *acho que não muda, só falo de uma forma diferente* (feminino, 14 anos); *é a mesma coisa que eu estivesse falando com a pessoa num ambiente, na escola* (masculino, 15 anos). Já entre participantes que perceberam mudanças nos temas das conversas (cinco meninos e uma menina), duas principais razões foram enunciadas: 1) uma entrevistada de 16 anos e dois entrevistados, um de 15 e um de 14 sugeriram que há coisas que não se conversa pelo celular; 2) dois entrevistados, um de 14 anos e outro de 17 disseram que no celular você se sente mais à vontade

para falar coisas que pessoalmente. As outras duas justificativas para a mudança dizem respeito à objetividade e rapidez das conversas devido ao alto custo da ligação (masculino, 17 anos) e que o celular permite que qualquer informação seja obtida pelo celular a qualquer hora, como a matéria de uma prova na véspera (masculino, 16 anos).

Quanto aos temas conversados, há uma diferença significativa entre as respostas de meninos e meninas. Oito meninos afirmaram que o principal assunto das conversas através do celular é combinar de sair com os amigos; um sugeriu que conversa com a namorada sobre a relação; outro disse que conversa sobre coisas do dia a dia. Seis meninas disseram que também conversam principalmente sobre sair, mas também fizeram referência a outros temas: como a pessoa está (1), festas (1), escola (1), shows (1), programa (1), babado (1), fofocas (1), urgências (2), garotos (1), roupas (1), namorado (1), novidades (1), bater papo (1), dos outros (1), o que o amigo vai fazer (1).

5.2.2 Forma da Comunicação

Em relação à forma da comunicação, buscou-se investigar as alterações na quantidade de informação trocada, frequência e duração de contatos e distribuição no tempo, a partir do uso do celular.

A participação do celular nas relações alterou a quantidade de informação trocada com os amigos de onze entrevistados (7 meninos e 4 meninas). Segundo os entrevistados, a quantidade de informação trocada aumenta porque eles ligam para conversar sobre um assunto e acabam conversando sobre outras coisas (feminino, 14 anos); porque não precisam esperar a oportunidade de encontrar a pessoa para falar com ela (feminino 15 e 16 anos, masculino 15 anos); porque se gasta mais

tempo falando a quantidade de informação trocada aumenta (duas entrevistadas de 16 anos); porque você conversa coisas mais pessoais pelo celular (masculino, 17 anos). Apenas um entrevistado (17 anos) sugeriu que a quantidade de informação trocada diminuiu porque ele é mais objetivo no celular que no corpo-a-corpo. Já os entrevistados que disseram que a quantidade de informação trocada com os amigos não sofreu alterações a partir da introdução do celular nas relações (3 meninos e 6 meninas) não apresentaram justificativas para essa percepção, com a exceção de uma entrevistada de 16 anos que afirmou usar o celular apenas quando necessário pois o custo é muito alto.

Por outro lado, todos os entrevistados afirmaram que a média de minutos conversados com os amigos diariamente aumentou. Esse aumento é justificado a partir da disponibilidade constante do celular para falar com os amigos, em comparação com as situações onde o dispositivo não existiria e seria necessário aguardar oportunidades de encontros pessoais. Também aparecem entre as justificativas a possibilidade de ter o número de pessoas com as quais se pode conversar com intimidade maior do que se teria pessoalmente (masculino, 17 anos); a sensação de que através do celular a conversa seria mais íntima, permitindo que duas pessoas troquem mais informações (masculino, 16 anos); e a percepção de que a partir do celular, fala-se tudo que se falava antes e o que também não se falava em decorrência da distância ou falta de oportunidade (feminino, 16 anos).

Em relação às novas oportunidades de contato proporcionadas, dezenove entrevistados (10 meninas e 9 meninos) disseram que o celular permitiu que falassem com os amigos em situações até então inéditas: as mensagens de texto são enviadas a qualquer hora e recebidas e respondidas no momento quando o amigo puder (feminino, 16 anos); em viagens (duas entrevistadas de 16 e um entrevistado de 17 anos); quando o assunto é delicado e o amigo precisa de uma

privacidade que o telefone fixo de casa não proporciona (masculino, 16 anos); quando é necessário ligar e não há telefone fixo perto ou quando está tarde demais para ligar para a casa do amigo (masculino, 17 anos); poder conversar com as pessoas que não estudam na mesma escola durante a aula (masculino, 15 anos e feminino, 16 anos); quando acontece algo urgente (masculino, 15 anos); quando um amigo precisa avisar de um atraso (feminino, 15 anos); quando se está na rua e não precisa ligar do orelhão (feminino, 15 anos); em eventos onde se está sozinho, sem os amigos (feminino, 14 anos); é mais fácil de falar, você leva pra onde quiser (dois entrevistados, 16 anos). O único entrevistado do sexo masculino de opinião divergente (17 anos) afirmou que o celular facilitou a comunicação, mas não proporcionou novas oportunidades de contato.

A relação entre o uso de chamadas de voz ou mensagens de texto apresenta diferença entre meninos e meninas. Nove meninos disseram usar mais chamadas de voz utilizando argumentos como: é mais fácil (1); mais rápido (2); melhor (1); comunica mais (1); ou porque não tem hábito de enviar mensagens de texto (1). Um entrevistado (16 anos) dentre os que preferem voz disse que envia mensagens de texto quando o lugar está muito barulhento. Outro (16 anos) disse que envia mensagens de texto quando acabam seus créditos. Apenas um entrevistado não forneceu motivos para sua escolha por chamadas de voz. O único participante do sexo masculino (15 anos) que prefere mensagens de texto afirmou que o meio é mais rápido, economiza tempo. Apenas três meninas disseram que usam mais chamadas de voz e só uma (16 anos) justificou sua resposta dizendo que não gosta de escrever e mandar coisas escritas, gosta mais de falar com as amigas. No outro extremo, as sete meninas que usam mais mensagens de texto, as justificativas foram: consigo ser mais objetiva (1); é mais prático (2); mais fácil (1); gosto de ficar mandando (1); porque se escreve igual MSN (1); não sei (1).

Considerando todas as formas utilizadas para conversar com os amigos, seis meninos disseram que o celular representa até 20% do total, três disseram entre 20 e 40% e um disse que usa o celular para falar com os amigos entre 40 e 50% do tempo. Entre as meninas, cinco disseram que o celular representa 20%, quatro disseram que representa entre 20 e 40% e uma disse que usa o celular entre 40 e 50% do total. As justificativas para o baixo uso do celular foram: fico o dia inteiro na escola (feminino, 16 anos, celular representa 5% do total); é caro ficar falando pelo celular e pessoalmente é mais divertido (feminino, 15 anos, 20%); eu converso mais na escola (feminino, 16 anos, 10-15%); prefiro pessoalmente (feminino, 16 anos, 20% e masculino, 15 anos, 20%); a gente estuda o dia inteiro e não tem como falar mais (masculino, 15 anos, 10%); não sou muito de sair e é só quando a gente vai sair (masculino, 16 anos, 2%); eu comunico mais pelo MSN, estou sempre no MSN, e a Internet por ser banda larga o valor é fixo por mês (masculino, 14 anos, 10%); a conversa tem que ser rápida (masculino, 16 anos, 10%). Já as justificativas para usos acima de 30% foram: computador não funciona, amigo não está online e o orkut é muito público (feminino, 16 anos, 30-40%); celular é qualquer hora (feminino, 16 anos, 40%); não sei explicar o porquê, é assim que funciona (feminino, 15 anos, 40%); quando estou na rua uso muito o celular (feminino, 16 anos, 30%); é um meio mais íntimo, apenas duas pessoas escutando (masculino, 16 anos, 50%); em casa às vezes nem uso telefone (fixo), uso celular porque o número está na agenda, é mais fácil (masculino, 17 anos, 35-40%).

Em uma situação hipotética onde os entrevistados não conseguiriam falar com os amigos utilizando o celular, a primeira alternativa de comunicação indicada pelas meninas foi: Internet (5), mensagem de texto (3), celular de amigos do amigo em questão (1), telefone fixo (1) e MSN (1). Entre os meninos, a alternativa sugerida foi: Internet (5), mensagem de texto (1), telefone fixo (3) e Orkut (1).

No que diz respeito à forma da comunicação com os amigos através do celular, apenas um entrevistado de 16 anos sugeriu que um ponto negativo seria a possibilidade do dispositivo estar desligado, não permitindo que se fale com a pessoa desejada. Os demais entrevistados citaram diversos pontos positivos: mobilidade – poder falar com os amigos fora de casa sem precisar ir até o orelhão (feminino, 16 anos); falar com quem quiser, na hora que quiser, o que quiser (feminino, 16 anos); “(...) *celular é bonitinho, faz um monte de coisa legal... posso ligar pros meus amigos, é uma coisa legal, várias vantagens*” (feminino, 14 anos); poder encontrar as pessoas onde você estiver, uma urgência (feminino, 16 anos); achar a pessoa em qualquer lugar (feminino, 15 anos); aproximação também, apesar de também distanciar pessoas (feminino, 16 anos); mais facilidade de encontrar a pessoa (feminino, 16 anos); falar coisas com urgência (feminino, 16 anos); aumenta a intimidade, a comunicação, sentir-se mais próximo das pessoas (feminino, 15 anos); falar com a pessoa a qualquer momento (feminino, 16 anos); conversar mais com os amigos (masculino, 15 anos); mobilidade e flexibilidade (masculino, 16 anos); facilita quando você não pode encontrar a pessoa (masculino, 16 anos); mais segurança para falar as coisas (masculino, 14 anos); achar a pessoa numa emergência (masculino, 15 anos); saber que agora pode ligar a qualquer momento (masculino, 16 anos); mais rapidez para falar com os amigos (masculino, 16 anos); estar acessível, facilidade (masculino, 17 anos); conversar com pessoas que não se tem muito contato (masculino, 17 anos); é muito fácil, todas as pessoas podem ter celular (masculino, 17 anos).

Por fim, as influências apontadas como mais importantes na comunicação com os amigos através do celular foram: aumentou o contato (feminino, 16 anos); não precisar esperar uma oportunidade de encontro pessoal para compartilhar alguma coisa com os amigos (feminino, 14 anos); ter alternativas de comunicação

onde seria impossível falar com os amigos – sugeriu o exemplo de enviar uma mensagem de texto ao invés de usar a chamada de voz em um lugar muito barulhento (feminino, 16 anos); achar as pessoas em qualquer lugar (feminino, 15 anos); conversar mais, estar mais acessível (feminino, 16 anos); possibilidade de encontrar a pessoa (feminino, 16 anos); poder se encontrar (feminino, 16 anos); estar mais próximo dos amigos (feminino, 15 anos); a qualquer momento você poder falar com os amigos (feminino, 16 anos); fortalecer as amizades pela facilidade de falar com os amigos pelo celular (masculino, 15 anos); falar com os amigos com mobilidade (masculino, 16 anos); poder combinar programas com os amigos (masculino, 16 anos); mais segurança para falar com os amigos (masculino, 16 anos); facilitou achar os amigos (masculino, 16 anos); interagir com os amigos (masculino, 16 anos e masculino, 17 anos); comunicação, facilidade (masculino, 17 anos); facilidade de comunicação em qualquer lugar (masculino, 17 anos).

5.3 Comunicação e Amizade

Em síntese, o celular pouco afetou os temas das conversas, mas influenciou as propriedades da interação: não se vê o amigo, fala-se de uma forma diferente, mais rápida e objetiva, ou ainda fala-se através do celular o que não sealaria pessoalmente. O celular é utilizado, principalmente, para combinarem de sair, mas as meninas citaram outros temas. Quanto à forma da comunicação, a maioria percebeu aumento na quantidade de informação trocada com os amigos diariamente com o uso do celular e novas oportunidades de contato (independentes de lugar, tempo ou de outros recursos de comunicação disponíveis). Entre as diferenças de gênero, os rapazes utilizam mais chamadas de voz e as adolescentes utilizam mais mensagens de texto. O celular responderia a cerca de 25% do tempo de conversa

com amigos. O único ponto negativo apontado para a comunicação celular foi a possibilidade de este estar desligado, impossibilitando o contato com o amigo. Os pontos positivos e maiores influências da comunicação celular para as amizades dos entrevistados poderiam ser sintetizados em encontrar, conversar e aproximar os amigos em qualquer lugar e a qualquer hora, com facilidade, rapidez e segurança.

Os gêneros parecem fazer usos distintos do celular quanto ao conteúdo da comunicação. Os participantes do sexo masculino evidenciam conversas mais instrumentais e com propósito definido – sair, obter informações – enquanto as do sexo feminino descrevem uma gama mais aberta de temas, além do planejamento de atividades que também é central nas suas ligações. Na realidade dos meninos, o celular poderia ser um instrumento de comunicação móvel com os amigos, mas que seria utilizado para planejar interações presenciais; para as meninas, seria uma extensão do ambiente físico, virtualmente acessível a qualquer momento – a *simultaneidade de espaços* de Plant (2001) – propícia a interações de diversas naturezas.

O celular é um dispositivo de uso pessoal e conforme sugerem alguns autores (Srivastava, 2005; Hulme & Peters, 2002; Lemish & Cohen, 2005; Davide et al, 2004; Pertierra, 2005) seria associado à identidade social do indivíduo, substituindo outros referenciais mais estáticos como a residência, a família e demais instituições. Nesse sentido, a percepção dos entrevistados sobre as mudanças na forma da comunicação dos amigos reflete com clareza o desenvolvimento da *intimidade tecnológica* com o celular entre os adolescentes: essa *interface social* (Silva, 2006) seria responsável por uma parte significativa dos canais de comunicação disponíveis para contato diariamente, influenciaria diretamente nas oportunidades, duração e temas das conversas, além de provocar mudanças na percepção de disponibilidade e acessibilidade dos indivíduos dentro de sua rede de relacionamentos. A

incorporação do celular também redefine os usos de outros canais de comunicação, como a Internet e o telefone fixo, que parecem ser hierarquizados de acordo com a percepção da rede de amigos sobre o nível de identidade que esses outros meios mantêm com o adolescente: a Internet seria menos pessoal que o celular e o telefone fixo seria ainda menos pessoal que a Internet. Iniciativas recentes como o serviço *Windows Live Messenger*® da Microsoft, que permite aos usuários da Internet enviar mensagens para aparelhos celulares, são indícios da evolução das tecnologias de comunicação em direção a canais cada vez mais pessoais, integrados e disponíveis.

À medida que as tecnologias de comunicação tornam-se integradas, os diferentes espaços de interação também são combinados ou estendidos um sobre os outros. Conforme sugere Hinde (1997), um número maior de interações possibilita mais influências entre as interações e uma exposição maior dos indivíduos na relação, confirmando a importância das tecnologias que aumentam a disponibilidade dos amigos. No entanto, vale ainda recuperar a afirmação de Svaristava (2005) sobre o fato de que o aumento na quantidade de formas de comunicação entre os indivíduos não necessariamente proporcionaria o aumento na qualidade da comunicação entre eles.

Em suma, o celular afeta diretamente a realização de atividades compartilhadas ao possibilitar uma comunicação constante. De certa forma, a comunicação contínua permite que os adolescentes estejam continuamente compartilhando atividades, ainda que não ocupem o mesmo espaço simultaneamente. A ampliação da comunicação também amplia a possibilidade de atividades compartilhadas.

6. AMIZADE E TELEFONIA CELULAR: QUALIDADE, SATISFAÇÃO E COMPROMISSO

Três dimensões usualmente investigadas nos relacionamentos interpessoais são a qualidade do relacionamento, a satisfação que o mesmo gera e o compromisso estabelecido entre os membros da relação. Estas dimensões estão relacionadas, uma vez que a percepção da qualidade de um relacionamento associa-se à percepção da satisfação com o mesmo que também se reflete no compromisso ou interesse em manter um relacionamento.

6.1 Qualidade das Amizades e Telefonia Celular

Segundo Hinde (1997), a avaliação da qualidade das interações em um relacionamento é um processo complicado por envolver diferentes variáveis das interações componentes. Ao longo do tempo, o que importaria seriam os julgamentos realizados pelos próprios participantes, desde que fossem consideradas as naturezas das características sobre as quais tais julgamentos foram baseados. Nesse sentido, o autor sugere algumas características importantes para avaliar e categorizar as qualidades das interações: intensidade do comportamento demonstrado pelos participantes, conteúdo e apresentação do material verbal, comunicação não verbal e emoção, e a relação entre o comportamento dos dois participantes.

Em um estudo que examina a relação entre as percepções dos adolescentes sobre as amizades e os comportamentos deles com os amigos, Brendgen, Markiewicz, Doyle e Bukowski (2001) sugerem que a qualidade geral das amizades poderia ser entendida como a combinação das interações tanto positivas quanto

negativas experimentadas no relacionamento. A qualidade percebida das amizades, definida a partir das sensações de companheirismo, apoio social, proximidade, segurança e conflito, estaria diretamente ligada ao comportamento dos adolescentes em relação aos amigos. Por outro lado, as preferências declaradas por algumas amizades estariam pouco associadas com o comportamento dos adolescentes em relação aos amigos, e essas associações apresentariam diferenças entre gêneros.

Bukowski, Hoza e Boivin (1994) sugerem um caminho similar para a investigação das qualidades das amizades entre adolescentes, analisando o relacionamento em termos de companheirismo, conflito, apoio, segurança e proximidade. Os autores não apenas enfatizam a aparente associação entre estabilidade e qualidade das amizades, como também apresentam indícios de que conflitos ameaçariam a segurança do relacionamento mais do que as demais dimensões, e sugerem a existência de fortes laços entre companheirismo, segurança e proximidade.

Simpkins, Parke, Flyr e Wild (2006), ao examinarem as percepções de similaridades nas amizades durante a transição para a adolescência, descobriram que as percepções dos participantes em relação a conflitos e resolução de conflitos, apoio, revelação, companheirismo e validação da amizade eram moderadamente similares e não variavam significativamente ao longo dos anos de desenvolvimento, entre gêneros ou tipo de qualidade da amizade.

A investigação de Keefe e Berndt (1996) sobre a relação entre auto-estima e qualidade das amizades na adolescência evidenciou que a estabilidade e qualidade desses relacionamentos não estariam apenas relacionadas à sua auto-estima, mas também as mudanças em áreas específicas da auto-estima ao longo do tempo.

O celular, como meio para as interações, possui determinadas propriedades que podem ser percebidas como vantagens ou desvantagens conforme a

interpretação dos indivíduos envolvidos no relacionamento. As conversas simultâneas baseadas unicamente em voz ou conversas seqüenciais baseadas em mensagens de texto proporcionam diferentes oportunidades de interação para os usuários, de maneira que esta dimensão corresponde à avaliação da qualidade das interações através do celular pelos adolescentes, especialmente no que diz respeito a ausência da expressão corporal e presença física do outro. Analisando todas as entrevistas, algumas afirmações são recorrentes e permeiam diversas justificativas para usar ou não o celular nas interações com os amigos. Essas justificativas foram agrupadas e serão abordadas a seguir dentro dos contextos de cada pergunta da entrevista.

6.1.1 *Preferência por falar pessoalmente*

Uma entrevistada sugeriu que o celular pode ser usado para combinar atividades, perguntar o que o amigo achou de um programa, mas para conversar coisas mais complexas, o melhor seria falar com a pessoa (14 anos). Outro entrevistado disse que o celular não alterou a forma de entrar em contato com os amigos porque ele mantém a maior parte do contato fisicamente, *“aquela coisa pessoal, não é uma coisa mais virtual do celular”* (16 anos). Uma entrevistada de 14 anos disse que prefere falar com os amigos, ouvir a voz deles, e por isso usa o celular e não a Internet (MSN).

Dois entrevistados, um de 15 e outro de 16 anos, afirmaram que o uso do celular não mudou os temas das conversas com os amigos porque acreditam que a interação através dispositivo é a mesma coisa que uma interação ao vivo. Sobre a mesma questão, uma menina (16 anos) e um menino (15 anos) disseram que houve mudança nos temas das conversas com os amigos porque há coisas que não se

conversa pelo telefone, apenas pessoalmente. Uma entrevistada (16 anos) disse que fala muito mais coisas pessoalmente para as amigas do que falaria pelo celular por preferir um papo *olho-a-olho*. Um entrevistado de 17 anos disse que só conversa com os amigos através do celular para saber onde estão e combinar atividades, pois assuntos mais pessoais ele prefere conversar pessoalmente.

Um entrevistado, de 16 anos, quando questionado sobre mudanças no nível de intimidade com os amigos, disse que nada mudou, pois procura sempre conversar com os amigos pessoalmente. Um entrevistado (17 anos) disse que se sente mais confortável contando segredos e coisas íntimas pessoalmente, porque o amigo pode conversar melhor, consolar etc, coisas que não seriam possíveis pelo celular. Assuntos sérios, coisas que ninguém pode ouvir e notícias ruins seria melhor conversar cara a cara segundo um entrevistado (17 anos) para dar consolo ou alguma forma de apoio. Outro menino (14 anos) sugeriu que jamais “chegaria” numa menina através do celular porque esse tipo de coisa só se faz pessoalmente. Uma entrevistada (16 anos) justificou o fato de conversar pouco com os amigos através do celular e da Internet por preferir falar pessoalmente com eles. Essa justificativa é similar à de um entrevistado (15 anos) que disse falar pouco ao celular por preferir conversar pessoalmente e à de uma entrevistada (15 anos) que afirmou ser caro falar pelo celular e que pessoalmente seria mais divertido. Um entrevistado (15 anos) disse que o celular não mudou em nada a satisfação com suas amizades porque prefere falar com os amigos pessoalmente.

6.1.2 Necessidade de analisar o conteúdo não-verbal da interação

Uma entrevistada de 16 anos sugeriu que o tema das conversas com os amigos seriam os mesmos que teria ao vivo porque a única diferença seria não estar

vendo a pessoa, faltando “alguns detalhes”. Para um entrevistado (16 anos), “*quando você tem o contato você vê a expressão da pessoa, que conta muito para a comunicação (...) você vê o gesto (...)*”. Considerando a possibilidade de contar segredos pelo celular, os entrevistados observaram que a ausência de expressões ou reações corporais prejudicariam a interação – um menino (16 anos) disse preferir ter o contato só para ver a opinião do amigo; uma menina (16 anos) disse que não pelo celular não é possível ver a “cara” que o amigo está fazendo; outra menina (16 anos) disse que ao contar determinadas coisas quer ver a reação dos amigos; outra (14 anos) disse que contar algo assim sem ver a pessoa não tem graça e ainda há a possibilidade de outra pessoa ouvir, pois ela não conseguiria saber quem está por perto do amigo.

A impossibilidade de ver a reação do amigo também parece definir os assuntos não conversados pelos entrevistados: ao contar coisas mais sérias, a expressão do amigo pode sugerir o que ele está pensando (feminino, 16 anos); ver o amigo e ter contato com ele é necessário para avaliar a opinião do amigo em relação a um assunto e saber que não há falsidade na reação (masculino, 16 anos); pessoalmente a conversa é “*olho no olho*” e é possível ver a reação, perceber “*se a cara está boa ou não*” (feminino, 16 anos); em assuntos de teor mais emocional, que possam magoar a pessoa, seria necessário ver as reações – “*(...) terminar com o namorado pelo telefone é um pecado, né?*” (feminino, 16 anos); coisas dramáticas (feminino, 16 anos); coisas que deixariam a pessoa triste (feminino, 16 anos).

A falta de conteúdo não-verbal na interação é percebida como ponto negativo da comunicação celular por quatro entrevistados: não é possível saber a reação do outro e saber mais ou menos o que ele pensa (masculino, 16 anos); não deixa ter contato físico com a pessoa – “*você está falando alguma coisa no telefone e a pessoa faz voz de interessada lá e a cara da pessoa é outra (...) às vezes está*

vendo televisão lá e... aham, aham...” (masculino, 16 anos); uma entrevistada (16 anos) não consegue falar muito sem olhar nos olhos da pessoa.

6.1.3 *Insuficiência de recursos para expressar-se adequadamente*

Uma entrevistada (16 anos) disse usar mais chamadas de voz que mensagens de texto por não gostar de escrever, prefere falar. Outra entrevistada (16 anos) possui opinião inversa, afirmando que prefere enviar mensagens de texto porque não gosta de falar, mas sugere que há coisas impossíveis de escrever e seria necessário realizar uma chamada de voz para falar sobre elas. Um entrevistado (17 anos) colocou uma questão similar ao sugerir que “*muitas vezes você não consegue botar tudo numa mensagem que você consegue falar, que você quer falar*”.

6.1.4 *Sensação de proteção e segurança ou falta de proteção e insegurança proporcionados pela distância e tecnologia*

Para uma entrevistada de 14 anos, não saber como a pessoa é ao teclar pela Internet ou conversar ao celular não é confiável e a impede de fazer novas amizades por esses meios. Um entrevistado de 17 anos disse que há assuntos que consegue conversar pelo celular e que não conversaria pessoalmente. Outro menino (14 anos) disse que no celular e MSN se sente mais à vontade para falar coisas que pessoalmente por ter vergonha. Para contar segredos, esse entrevistado disse que usando celular se sente mais seguro que em qualquer outro lugar, mesmo pessoalmente. Uma menina (16 anos) possui opinião parecida – tem vergonha e medo da reação da pessoa ao falar certas coisas. Um entrevistado (17 anos) disse

que várias coisas que ele gostaria de falar, mais íntimas, e que não conseguiria falar pessoalmente, foram ditas pelo celular. Segundo ele, o celular permitiu que ele se *abrisse* melhor com as pessoas. No extremo oposto, um entrevistado (17 anos) afirmou que não conversaria coisas íntimas usando o celular porque se sente como se não estivesse conversando sozinho com a pessoa – haveria outras pessoas vendo, escutando a conversa. Um entrevistado de 16 anos citou os maus usos do celular – seqüestros, pessoas que se infiltram nas vidas das outras etc.

6.1.5 *Diminuição ou substituição do contato pessoal*

Considerando as novas oportunidades de comunicação proporcionadas pelo celular, um entrevistado de 17 anos disse que o celular é a única forma de contato com um amigo que foi morar em São Paulo e que nunca mais encontrou pessoalmente. Um entrevistado (16 anos) sugeriu que várias pessoas comunicam-se basicamente pelo celular, deixando de ter o contato pessoal, e na opinião dele a relação vai se deteriorando, perdendo a intimidade, tornando-se “*uma coisa virtual*”.

A falta ou diminuição no contato pessoal foi apontada como ponto negativo da comunicação celular por cinco entrevistados: o celular dificulta a comunicação mais pessoal entre as pessoas (feminino, 16 anos); a pessoa fica presa ao celular, não sabendo dividir seu tempo entre contato pelo celular e contato pessoal, que seria muito mais sadio (masculino, 17 anos); muitas pessoas deixariam de falar coisas pessoalmente e falaria pelo celular, evitando contato (feminino, 16 anos); o celular estaria se tornando um vício, fazendo com que as pessoas esqueçam o contato pessoal (“*conversar, dar um abraço*”) - e se acomodem (feminino, 16 anos); o celular deixaria o contato pessoal muito superficial, “*tirando um pouco da essência da relação de ser humano para ser humano*” (masculino, 16 anos). Esse mesmo

entrevistado sugeriu ainda que algumas pessoas baseiam seus relacionamentos apenas no que ouvirem através do celular, situação onde seria impossível realizar julgamentos sobre essa relação. Ele disse não usar o celular para fazer amigos, sendo apenas um instrumento utilizado para concretizar ou aumentar os laços de amizade.

6.1.6 A Qualidade das Amizades e o Telefone Celular

Em suma, há percepções distintas sobre as propriedades da comunicação celular na avaliação das qualidades das interações com os amigos, mas a principal questão estaria relacionada à ausência ou presença física do outro: 1) *necessidade de analisar o conteúdo não-verbal da interação*, que corresponderia à de falta das expressões faciais e corporais nas conversas; 2) *insuficiência de recursos para expressar-se adequadamente*, definida pela dificuldade de expressar algumas idéias e sentimentos através do celular; 3) *sensação de proteção e segurança ou falta de proteção e insegurança proporcionados pela distância e tecnologia*, que corresponderia aos dois extremos de uso possível do celular – de um lado a insegurança proporcionada por não saber o que acontece no outro terminal; de outro a segurança de não se expor ao amigo, proporcionada pela distância; 4) *diminuição ou substituição do contato pessoal*, que consiste tanto no uso do celular como única alternativa de comunicação com amigos distantes, como na substituição do contato pessoal possível por interações unicamente mediadas pelo dispositivo.

Os questionamentos sobre a qualidade das interações através do celular implicam no futuro das tecnologias de comunicação, especialmente no que diz respeito ao desenvolvimento dos recursos dos aparelhos. No contexto atual, os adolescentes evidenciaram a falta do conteúdo não-verbal das interações, mas a

tecnologia caminha para a introdução de transmissões de vídeo junto com a voz, compensando alguns elementos ausentes. Por outro lado, amizades mantidas à distância, onde a ausência física torna-se irrelevante quando comparada à possibilidade de não haver contato algum, como citou um dos entrevistados. Conforme citou Hinde (1997), o que importaria seria o julgamento realizado pelos próprios envolvidos sobre as qualidades das interações do relacionamento. No que diz respeito à insuficiência de recursos para as interações, autores como Svaristava (2005) e Rivière (2002) relatam a emergência de linguagens próprias de alguns meios de comunicação, com elementos tão ricos em significado quanto as expressões corporais ou articulações verbais. As questões ligadas à segurança ou insegurança nas interações provavelmente apresentariam diferenças significativas caso os celulares já permitissem a transmissão de vídeos ou se a tecnologia fosse considerada 100% segura, protegida contra clonagem, grampos ou rastreamentos. Aqueles entrevistados cuja sensação de não ser visto proporciona conforto repensariam sua relação com o celular, da mesma forma que aqueles que temem revelar intimidades usando o dispositivo.

As limitações e recursos tecnológicos dos dispositivos não influenciam os relacionamentos uniformemente, evidenciando a necessidade de uma avaliação mais criteriosa sobre como cada propriedade é incorporada às várias interações mantidas por cada indivíduo, e como cada interação se utiliza dessas propriedades em cada momento da história do relacionamento em questão. A ausência de um nível da interação, como ver o amigo, pode ser relevante no início de uma amizade quando seria necessário conhecer o outro, mas pode não fazer tanta falta em uma amizade de muitos anos, onde os indivíduos poderiam “completar” o que não estão vendo do amigo.

6.2 Amizade, Telefonia Celular e Satisfação

Conforme sugerido por Hinde (1997), a percepção sobre a satisfação seria individual e poderia não haver consenso entre os envolvidos, variando entre relações recíprocas e complementares. A natureza da satisfação difere consideravelmente de acordo com a natureza do relacionamento. O autor (Hinde, 1997) afirma que vários estudos confirmam que o que importa não é o que parceiro é, mas a percepção idealizada do parceiro, ou a relação entre o idealizado e o real, ou ainda não o que acontece no relacionamento, mas a vivência no relacionamento em relação às expectativas e esperanças dos envolvidos. Em relação aos fatores que influenciariam a satisfação, Hinde (1997) cita: 1) *características pessoais*, correspondentes à noção de que as diferenças de gênero entre os participantes influenciariam os relacionamentos, assim como os tipos de apego, características ligadas ao comportamento dos participantes, percepções sobre esses comportamentos e a própria percepção interpessoal; 2) *propriedades do relacionamento*, definidas por elementos que compõem um relacionamento, tais como o nascimento de um bebê, estilo do matrimônio, negatividade das interações, conhecimento e compreensão relativas, interdependência na amizade (incluindo apoio mútuo e companheirismo), tempo e atividades realizadas em conjunto, expectativas e crenças e satisfação sexual; 3) *fatores externos*, relativos aos fatores que influenciam o relacionamento além das interações internas, como conseqüências das mudanças vida dos participantes – filhos, trabalho, estudos, recursos disponíveis.

Para Brendgen, Markiewicz, Doyle e Bukowski (2001), a satisfação nas amizades entre adolescentes seria definida como a qualidade positiva percebida menos a qualidade negativa percebida da amizade. Meninos e meninas

demonstrariam mais afeto positivo, dividiram poderes de forma mais igualitária e seriam menos invejosos em relacionamentos percebidos como satisfatórios. Já Cheung (2007) sugere que a satisfação sobre amizades entre sexos diferentes seria motivada por variáveis como masculinidade, tipo de escolaridade, número total de amigos de sexos diferentes e tanto amizades genéricas quanto únicas.

Ao investigar a relação entre intimidade, identidade, avaliação dos amigos e satisfação com as amizades na adolescência, Moore e Boldero (1991), não encontraram diferenças entre os sexos quanto à preferência por quatro possibilidades de relacionamento: 1) amizades ricas em intimidade e identidade; 2) amizades ricas em identidade e pobres em intimidade; 3) amizades ricas em intimidade e pobres em identidade; 4) amizades pobres tanto em identidade quanto intimidade. No entanto, os adolescentes que mantinham amizades que se encaixariam nos grupos 1 e 2 se disseram mais satisfeitos com seus relacionamentos. Como categoria de análise, a dimensão satisfação diz respeito a quanto o celular afetou a satisfação percebida com as amizades mediadas por esse dispositivo.

Quatorze entrevistados (oito meninos e seis meninas) disseram estar mais satisfeitos com suas amizades a partir do uso do celular. Entre os meninos, as justificativas foram: *“é uma forma que eu tenho de entrar em contato com eles, né, de às vezes trocar uma informação, algum conhecimento”* (16 anos); *“antes eu não podia entrar em contato com eles no final de semana... eles ficavam na casa deles, eu na minha, e não tinha como falar com eles... porque não usava agenda, no celular é fácil, coloco na agenda... procurar também...”* (16 anos); *“aumentou o tempo que eu estou com eles”* (16 anos); *“é mais fácil de se comunicar”* (17 anos); *“conheci mas pessoas e também pessoalmente adquiri mais intimidade, marcando encontros pelo celular, consegui mais amizades...”* (17 anos); *“posso falar mais com*

eles” (15 anos); “*é mais fácil de falar*” (17 anos). Entre as meninas, as razões foram similares: “*é muito bom receber mensagens, receber ligação de uma pessoa... e a diferença do celular é que o telefone é seu, então a pessoa liga pra você, manda mensagem pra você...*” (16 anos); “*é uma opção a mais*” (16 anos); “*mantém um maior contato...*” (16 anos); “*minhas amigas me acham mesmo quando eu não estou em casa*” (15 anos); “*mais satisfeita no caso dos meus melhores amigos, porque tem mais opções para conversar com a pessoa*” (16 anos).

Os seis entrevistados que disseram que o uso do celular não alterou o nível de satisfação com suas amizades justificaram suas respostas com as seguintes afirmações: “*eu acho que continua a mesma coisa, não mudou em nada... como eu disse, prefiro falar pessoalmente*” (masculino, 15 anos); “*mesma coisa, não mudou muita coisa não*” (masculino, 16 anos); “*eu não gosto muito de falar no telefone celular com minhas amigas... eu preciso falar com elas, eu e elas, sem um aparelho... mediando nossa comunicação*” (feminino, 16 anos); “*você não vai aumentar suas amizades por causa disso*” (feminino, 14 anos); “*acho que o celular só ajudou a conversar, mas minhas amizades continuo gostando do mesmo jeito*” (feminino, 16 anos); “*mesma coisa, porque eu quase não uso*” (feminino, 16 anos).

Em suma, quatorze dos vinte entrevistados afirmaram estar mais satisfeitos com suas amizades após o uso do celular, devido à facilitação para encontrar e ser encontrado pelos amigos, aumento no tempo que passam juntos, prazer em receber mensagens ou ligações e planejamento de atividades em conjunto. Entre os entrevistados que disseram não perceber mudanças em seus relacionamentos, a principal justificativa refere-se à preferência por falar pessoalmente ou pelo entendimento do celular como apenas mais um meio de comunicação, sem influência sobre as amizades.

As entrevistas sugerem que a percepção de satisfação dos participantes estaria ligada às sensações de disponibilidade e engajamento em prol da continuidade do relacionamento, em conformidade com os fatores descritos por Hinde (1997) que influenciariam a satisfação. O celular é *mais uma* forma de participar do grupo, um *fator externo* que permite não ficar de fora das atividades, ser lembrado, obter apoio de diversas formas, de acordo com as *propriedades do relacionamento*. A partir do momento que o celular permite que esses objetivos sejam atingidos, satisfação percebida a partir do uso do celular se tornaria mais clara para o adolescente. Essa hipótese também encontra apoio nas respostas dos participantes que não se sentem mais satisfeitos com o uso do celular. Embora esses indivíduos tenham afirmado que celular não aumentou a satisfação com suas amizades em decorrência de *características pessoais*, nenhum deles sugeriu que a satisfação diminuiu. Os relacionamentos em questão mantiveram-se sem sofrer negativamente a partir da introdução da tecnologia e esses adolescentes provavelmente utilizam outros meios para perceber e demonstrar compromisso aos amigos.

A satisfação nas amizades mediadas por dispositivos de combinação parece manter as mesmas propriedades das amizades convencionais e a mesma interdependência com as sensações de compromisso (disponibilidade e engajamento) e possibilidade de obtenção e fornecimento de apoio social. No entanto, a tecnologia enquanto *meio* ainda apresenta limitações que podem prejudicar, mesmo indiretamente, o nível de satisfação com as amizades, especialmente quando desencadeiam falta de comunicação (celular sem sinal, rede ocupada), mau funcionamento ou indisponibilidade de recursos percebidos como fundamentais (créditos para ligações e torpedos, caixas postais para deixar recados, identificadores de chamada para saber quem liga) para o bom andamento do

relacionamento. Um ponto interessante de investigação futura poderia estar relacionado à influência dos problemas originados na tecnologia sobre as amizades mediadas.

6.3 Amizade, Telefonia Celular e Compromisso

O compromisso em um relacionamento não significaria necessariamente a perda de autonomia. Hinde (1997) sugere que o sucesso de relacionamentos íntimos normalmente envolve a substituição de metas pessoais por metas em conjunto, além do tempo e dedicação para ajudar o parceiro a atingir as metas dele. O autor resume quatro fatores que levariam o indivíduo a continuar ou melhorar a qualidade de um relacionamento: 1) *satisfação*, que aumenta as recompensas recebidas e diminui os custos envolvidos, além de aumentar o quanto as qualidades do relacionamento superam as expectativas em geral; 2) *dependência*, determinada pela disponibilidade ou atratividade das alternativas em outros relacionamentos, atividades ou solidão; 3) *investimentos*, que podem ser intrínsecos (tempo gasto e vulnerabilidade decorrente do relacionamento) ou extrínsecos (amigos em comum, associações e bens partilhados) e que poderiam ser perdidos se o relacionamento for abandonado; 4) *centralidade*, que corresponderia ao quanto o relacionamento é importante para o sentido da vida do indivíduo e para a constituição da sua identidade. Hinde ainda sugere que o *compromisso* estaria ligado às idéias de confiança e cooperação, tratando-se de dimensão utilizada para referenciar o quanto os parceiros aceitam a continuidade da relação, buscando assegurar sua continuidade ou otimizar suas propriedades. Seguindo essa proposição, a dimensão analisa atitudes e comportamentos dos adolescentes através do celular com o objetivo de dar continuidade às suas amizades. O compromisso aparece no discurso

dos entrevistados através das percepções sobre a sua *disponibilidade*, que significaria estar disponível para os amigos, e *engajamento*, correspondente às atitudes e comportamentos que visam dar continuidade à amizade.

Dentre os motivos enunciados pelos entrevistados para realizar ligações para os amigos, alguns sugerem atitudes que visam manter as amizades, como ligar para matar a saudade durante viagens (feminino, 16 anos), ligar para dar os parabéns, perguntar novidades ou mesmo só bater papo (feminino, 16 anos), ligar quando o amigo estiver longe (feminino, 16 anos) ou quando a pessoa viaja, está distante ou não se encontram há muito tempo (masculino, 17 anos).

Quanto à disponibilidade em relação aos amigos, uma entrevistada (14 anos) sugeriu que liga quando quer falar alguma coisa, quando lembra de alguma coisa que seja de interesse dos amigos ou vê um programa interessante e deseja comentar com eles. O aumento na quantidade de informação trocada diariamente com os amigos também evidencia a percepção de disponibilidade: três entrevistadas (duas de 16 e uma de 15 anos) e um entrevistado (15 anos) afirmaram que o celular permite que eles liguem para os amigos no exato momento que sentem necessidade de reportar um acontecimento importante, sem precisar esperar pela próxima oportunidade de encontro pessoal. Dois outros entrevistados deram respostas similares quando perguntados sobre o aumento da média de minutos conversados diariamente com os amigos: “(...) *tem coisas que acontecem e aí eu quero, pô, lembrei da minha amiga, quero falar pra ela o que aconteceu agora*” (feminino, 16 anos); “(...) *quando tem alguma coisa pra falar, ao invés de deixar pra falar depois, eu ligo*” (masculino, 14 anos). Duas entrevistadas, ambas de 16 anos, disseram que o celular as deixou mais próximas das amigas porque podem falar com elas o tempo todo, em qualquer lugar. Outros seis entrevistados descreveram razões relacionadas à sensação de disponibilidade como influências mais importantes do celular nas

suas amizades: poder compartilhar alguma coisa com os amigos no mesmo instante, sem esperar pelo encontro pessoal (feminino, 14 anos); achar as pessoas em qualquer lugar (feminino, 15 anos); falar o tempo todo, estar acessível (feminino, 16 anos); possibilidade de encontrar a pessoa (feminino, 16 anos); poder me encontrar (feminino, 16 anos); facilitou achar os amigos (masculino, 16 anos).

Em suma, o celular desempenha um papel no compromisso em manter as amizades através das noções de *engajamento*, sendo usado para matar saudades, lembrar de datas especiais, aproximar-se de amigos distantes ou mesmo bater papo; e *disponibilidade*, sempre disponíveis para fazer e receber contatos dos amigos. O celular permitiu que ligassem para os amigos no exato momento que encontram alguma informação importante, sem que fosse necessário esperar pelo próximo encontro. Alguns sugeriram que a sensação de disponibilidade constante seria a maior influência da telefonia celular em suas amizades. Segundo Hinde (1997), o que levaria os indivíduos a continuar ou melhorar seus relacionamentos, o uso do celular entre os adolescentes entrevistados estaria ligado às noções de *satisfação* e *centralidade*, uma vez que o compromisso pode incluir também todas as situações descritas anteriormente como planejar atividades e fornecer ou obter apoio social utilizando o celular como comportamentos ligados à manutenção das amizades. Partindo-se dos dados, pode-se sugerir que o celular parece permitir não apenas estar disponível, mas *demonstrar* disponibilidade dentro da rede de amigos, configurando mais uma forma de engajamento dos adolescentes na manutenção dos seus relacionamentos. Lembrar e ser lembrado em datas especiais, ficar sabendo de fatos relevantes (fofocas, babados, programas etc), além de ser avisado e avisar imprevistos aos amigos formariam um conjunto de comunicações realizadas através do celular e que contribuiriam ativamente para longevidade das amizades.

A evolução das tecnologias de comunicação pode participar de maneira significativa no processo de manutenção das amizades, uma vez que os dispositivos transformam, a cada inovação, a sensação de disponibilidade entre os amigos e as expectativas em relação ao engajamento dos indivíduos para a continuidade do relacionamento. Aparelhos cada vez mais fáceis de usar e com informações cada vez mais detalhadas sobre os amigos – não apenas o número do celular, mas também data de aniversário, e-mail, agendas de atividades compartilhadas etc – poderiam contribuir para a longevidade das amizades.

Em suma, o uso do telefone celular afeta a qualidade percebida do relacionamento de forma positiva (como ao tornar os amigos mais disponíveis) ou de forma negativa (como as limitações que a ausência física do amigo acarreta). Da mesma forma, a percepção da influência do celular na qualidade do relacionamento está diretamente relacionada à satisfação com esse relacionamento. O aumento da disponibilidade do amigo, por exemplo, aumenta a percepção de satisfação com a amizade. Por outro lado, a ausência de sinais visuais na comunicação parece ser uma limitação do celular que afeta negativamente a satisfação com o uso desse meio de comunicação com amigos. Se a qualidade e a satisfação com o relacionamento apresentam aspectos positivos e negativos, o compromisso ou interesse em manter um relacionamento parecer ser favorecido, devido ao contato constante e intenso com os amigos, gerando a sensação de compromisso ou interesse em manter ou aprofundar a amizade.

7. AMIZADE E TELEFONIA CELULAR: RECIPROCIDADE, APOIO SOCIAL E CONFIANÇA

A reciprocidade é praticamente uma necessidade para o uso do celular. Ainda que seja possível a comunicação entre o telefone celular e telefones fixos, é apenas quando dois adolescentes utilizam o celular que é possível o uso pleno de suas possibilidades para uma relação entre amigos. Contudo, procurou-se saber se, além da posse do celular por amigos e do uso recíproco (chamar e ser chamado), como se dão outros aspectos dessa reciprocidade. Duas outras dimensões surgiram durante a realização das entrevistas e também foram incluídas na presente discussão: o apoio social e a confiança. O objetivo deste capítulo é discutir como essas três dimensões da amizade estão relacionadas ao uso do telefone celular entre amigos.

7.1 Amizade, Telefonia Celular e Reciprocidade

A reciprocidade nos relacionamentos, segundo Hinde (1997), estaria ligada ao comportamento similar entre os envolvidos, seja simultaneamente ou alternadamente. As interações entre os amigos através do celular seriam percebidas como recíprocas ou simétricas quando os amigos comunicam-se utilizando o dispositivo com a mesma intensidade, seja realizando chamadas de voz, enviando mensagens de texto, fotos ou vídeo.

Um estudo realizado por Vaquera e Kao (2006) sugere que amizades inter-raciais tenderiam a ser menos recíprocas intra-raciais e que adolescentes com amizades com amizades recíprocas tenderiam a mostrar maior sensação de pertencimento à escola.

Treze entrevistados (oito meninos e cinco meninas) afirmaram que intensidade com a qual ligam para o melhor ou melhores amigos, utilizando o celular, era igualmente correspondida pelas seguintes razões: *“a gente é muito grudada”* (feminino, 14 anos, falando das duas melhores amigas); *“ela me ligava freqüentemente, todo dia me ligava muitas vezes”* (masculino, 17 anos, falando da amiga e ex-namorada); *“ela deve me procurar”* (masculino, 17 anos, referindo-as à namorada); *“ele me liga, me chama pra tudo quanto é canto que ele vai, eu acabo ligando pra ele também”* (masculino, 16 anos, falando do melhor amigo); *“ele falou que sim”* (masculino, 16 anos, referindo-se ao amigo que também foi entrevistado); *“pela amizade que tenho com ele”* (feminino, 15 anos, falando do melhor amigo); *“ela mesma fala”* (feminino, 16 anos, falando da melhor amiga); *“eu ligo pra elas o tempo todo, mas elas também me ligam o tempo todo”* (feminino, 16 anos, referindo-se às três melhores amigas); *“eu olho nas chamadas do celular dele e só tem eu, eu, eu...”*(feminino, 16 anos, falando do namorado e melhor amigo); *“ele me liga muito mas não sei pra quem mais ele liga”* (masculino, 17 anos, falando do melhor amigo). Nesse grupo, dois entrevistados do sexo masculino sugeriram que ligam pra todos os amigos e todos os amigos ligam pra eles com a mesma intensidade: *“(...) todo mundo me liga igual”* (16 anos) e *“(...) é igual, distribuído”* (15 anos).

Em outras situações, os adolescentes entrevistados demonstraram utilizar o celular de maneiras distintas dos amigos nos relacionamentos, configurando uma forma de interação não recíproca. Sete entrevistados forneceram motivos para a intensidade com a qual ligam para os amigos usando o celular não ser correspondida: *“ela também tem outras melhores amigas, não sou só eu que existo na vida dela”* (feminino, 16 anos); *“passo muito tempo aqui na escola, fico o dia inteiro aqui e ela está à toa, então ela liga pra outras pessoas, pras amigas dela”* (feminino, 16 anos, falando da melhor amiga que está sem estudar pois fará

intercâmbio em breve); “*o tempo dela é muito corrido coitada, só tem tempo de ligar pra mãe dela*” (feminino, 16 anos); “*ela não coloca crédito no celular, aí ela não liga, só eu que fico ligando pra ela*” (feminino, 15 anos, falando da melhor amiga); “*às vezes eu ligo mais que ela, então a gente já falou e não precisa falar denovo*” (feminino, 16 anos); “*acho que não, ela também tem namorado*” (feminino, 15 anos, referindo-se à melhor amiga); “*eu não sei pra quem eles ligam, mas pra mim ligam bastante*” (feminino, 16 anos, falando da melhor amiga e do ex-namorado e amigo); “*eu conheço um pouco mais da vida pessoal dele e sei que não é... já até olhei o celular dele e sei que não sou o principal*” (masculino, 16 anos, falando do melhor amigo); “*ele mora aqui há muito mais tempo, ele tem muito mais amigos, ele tem outros amigos também que ele pode ligar*” (masculino, 16 anos).

Já as interações recíprocas e não recíprocas usando o celular descritas nas entrevistas aparecem ligadas ao planejamento das atividades, à proximidade entre os envolvidos e à percepção dos amigos sobre o cotidiano dos outros. Aqueles que disseram ligarem para um amigo e receberem ligações com a mesma intensidade justificaram suas percepções enfatizando o nível de proximidade (namorado, somos “*grudados*”) ou qualidade da relação (o “*melhor amigo*”). Já entre os que percebem interações não recíprocas, as justificativas foram baseadas nas percepções dos entrevistados sobre a existência de outros melhores amigos, na indisponibilidade de tempo do amigo ou mesmo na satisfação do entrevistado com o contato que ele mesmo já fez. Os recursos do dispositivo (lista de chamadas realizadas e recebidas) também foram citados pelos entrevistados como confirmações das percepções de reciprocidade ou não das interações.

As interações recíprocas e não recíprocas mediadas pelas tecnologias não parecem estar sujeitas apenas às expectativas e motivações dos indivíduos, mas também a relações de simetria e assimetria da incorporação da tecnologia no

cotidiano dos envolvidos. Por mais que determinados meios de comunicação pareçam ser absorvidos de maneira similar pelos integrantes de um mesmo grupo, cada indivíduo desenvolverá sua própria relação com a tecnologia e terá que confrontá-la constantemente com as expectativas de uso do restante do grupo. Essa diferença estaria concentrada na forma de uso (intensidade, frequência, duração) e nas características do dispositivo utilizado, uma vez que a percepção sobre variações de recursos (tipos de interação possíveis) e planos contratados (tempo disponível para as interações) também influenciaram os indivíduos a formarem suas expectativas e nível de satisfação em relação as interações com os amigos.

A reciprocidade e não reciprocidade nas interações através do celular são percebidas pelos entrevistados em um jogo de forças que questiona a noção de disponibilidade constante introduzida pela tecnologia. Entre os adolescentes que percebem que procuram os amigos na mesma intensidade que são procurados, a acessibilidade permanente proporcionada pela tecnologia ampliaria a possibilidade de interações no relacionamento, possivelmente aumentando a sensação de similaridade e compreensão mútua conforme sugeriu White (1985 citado por Hinde 1997). Já entre aqueles que reconhecem diferenças de intensidade, a assimetria diluiria ou minimizaria a expectativa por uma disponibilidade constante do amigo através de justificativas variadas – falta de tempo, outros amigos etc. O uso das tecnologias de comunicação nas amizades as diferenças entre os gêneros. Meninos e meninas não apenas mantêm diferenças em suas amizades, mas também se apropriam diferentemente dos meios de comunicação com os amigos.

7.2 Amizade, Telefonia Celular e Apoio Social

Apoio social foi definido por House (1981, citado por Dunkel-Schetter, Folkman & Lazarus, 1987) como uma transação interpessoal envolvendo um ou mais dos seguintes aspectos: preocupação emocional (gostar, amar, simpatia); ajuda instrumental (bens ou serviços); informação (sobre o ambiente); ou avaliação (informação relevante à auto-avaliação). Segundo Hays (1985, citado por Hinde 1997), a compreensão obtida com o desenvolvimento do compromisso torna possível para os indivíduos envolvidos no relacionamento fornecerem mais apoio emocional e informacional uns aos outros. Fatores relativos às trocas no relacionamento seriam menos considerados e os participantes ficariam menos sensíveis aos custos e mais sensíveis aos benefícios recebidos.

Segundo French, Rianasari, Pidada, Nelwan e Buhrmester (2001), a família e os amigos seriam as principais fontes de apoio social para o adolescente, esta dimensão aborda o uso do celular como forma de obter ou dar apoio social aos amigos. A investigação da participação do apoio social nas amizades dos adolescentes não necessariamente precisaria considerar apenas situações onde os indivíduos envolvidos apresentariam comportamentos recíprocos. Degirmencioglu, Urberg, Tolson e Richard (1998) sugerem uma abordagem de estudo onde a *sensação subjetiva* de receber apoio de um amigo também seria válida e ajudaria a entender o relacionamento em questão. Vaquera e Kao (2006) sugerem que amizades recíprocas seriam indicadores importantes da presença de apoio social na adolescência, além do número de amigos mantidos pelos adolescentes.

Quando perguntadas em que situações ligam para os amigos usando o celular, duas entrevistadas disseram fazer uso do dispositivo para obter apoio social emocional: uma disse que liga para os amigos quando está com saudades, em

viagem (16 anos) e a outra disse procurar os amigos usando o celular quando está triste (15 anos).

Uma menina (16 anos) sugeriu que o celular aumentou o nível de intimidade nas amizades porque ela consegue buscar apoio emocional em situações anteriormente impossíveis, como no caso de um pesadelo na madrugada envolvendo um amigo. Segundo a entrevistada, ela não teria como ligar para a casa do amigo, mas através do celular consegue falar com a pessoa e saber se está tudo bem. Em situação similar, uma menina sugeriu que o celular a deixou mais próxima dos amigos porque seria uma forma muito boa de falar com a pessoa a qualquer momento: *“às vezes você ta muito mal e precisa da pessoa, aí liga pra ela”* (16 anos).

Uma entrevistada de 15 anos sugeriu que a percepção de que os amigos se importam com ela através do uso do celular seria um dos pontos positivos da comunicação móvel: *“com o celular, você vê que tem pessoas se importando com você... liga, pergunta como você está, o que vai fazer... pode ser até que a pessoa tenha aquela preocupação, mas com o celular é fácil de você demonstrar”*.

Prover e obter apoio emocional foram consideradas as influências mais importantes do celular nas amizades de duas entrevistadas, uma de 15 e outra de 16 anos. A primeira disse que o celular a deixa mais próxima dos amigos, uma vez que quando ela se sente mal procura outras pessoas para ajudá-la a melhorar. A outra afirmou que o celular é um meio de demonstrar preocupação com os amigos: *“tem como você mandar mensagem pra pessoa, do nada... ah, eu te amo... ah, estou sentindo sua falta... porque você faltou hoje... a qualquer momento você pode mandar uma mensagem, fazer a pessoa sentir que você lembrou dela (...)”*.

O uso do celular como meio de obter informações junto aos amigos foi destacado nas entrevistas principalmente em relação ao contexto escolar e

exclusivamente por entrevistados do sexo masculino: obter a matéria em época de prova (dois entrevistados, ambos de 16 anos); trocar alguma informação, algum conhecimento (16 anos).

Uma entrevistada (15 anos) disse que só usa o celular para ligar para os amigos nas situações onde precisa de alguma coisa – “*não fico ligando para bater papo*”. Já entrevistado de 17 anos disse que além de ligar quando está distante ou há algum tempo sem falar com a pessoa, também liga quando necessita da ajuda do amigo. Para um entrevistado (17 anos), a duração das ligações aumenta quando ele procura os amigos para conseguir alguma coisa, enquanto outro (16 anos) sugeriu que o tempo das ligações é curto porque o uso que faz do celular está relacionado a encontrar os amigos e conseguir carona para voltar para casa quando saem. Conseguir carona para encontrar-se com os amigos foi citado como principal assunto das conversas através do celular por um entrevistado de 16 anos. Uma entrevistada de 16 anos afirmou que utiliza o celular para avisar os amigos sobre emergências; outra (16 anos) disse que liga para amigos quando tem problemas e os avisa onde está; e um entrevistado (16 anos) sugeriu que o celular permite que ele fale com os amigos na hora que precisa.

Poder falar com os amigos em urgências aparece como ponto positivo da comunicação celular nas afirmações de três entrevistados: “você pode achar uma pessoa numa emergência” (masculino, 15 anos); “*falar as coisas que precisa, com urgência*” (feminino, 16 anos); “*(...) se for uma urgência, o pneu do carro furar, alguma coisa assim, se passar mal, na hora o celular está ali*” (feminino, 16 anos).

Em suma, os entrevistados utilizam o celular para buscar apoio social junto aos amigos: emocional (como em momentos de tristeza e para demonstrar preocupação com um amigo), informacional (para obter conteúdos de provas, trocar informações e conhecimentos) e concreto (como conseguir carona, emergências).

De forma geral, as três formas de apoio social podem ser mediadas pelo celular. A diferença essencial que o celular traria nas relações de apoio entre amigos na adolescência estaria relacionada à sensação de compromisso e disponibilidade constante do amigo para obter e fornecer os diferentes tipos de apoio, seguindo a proposição de Hays (1985, citado por Hinde, 1997). Novas oportunidades e novas situações seriam criadas para dar e pedir apoio: de madrugada, em emergências, na última hora.

7.3 Amizade, Telefonia Celular e Confiança

Os celulares apresentam propriedades e recursos que podem gerar ou não confiança em seus usuários. Países como os EUA possuem comitês reguladores que vêm tentando, nos últimos anos, implementar uma série de ações que aumentem a sensação de segurança e confiança na telefonia celular: dispositivos localizadores embutidos nos aparelhos, teclas de emergência (911 automático) e mesmo grampos regulamentados e monitorados pelo FBI (Robbins & Turner, 2002). Embora essas tecnologias aumentem a sensação de segurança e facilidade de assistência em algumas situações, é possível que desencadeiem sensações inversas – falta de privacidade, estar sob vigilância constante, etc. No Brasil, essa discussão ainda está longe de alcançar as propostas norte-americanas, mas o uso do celular já desperta desconfiança entre seus usuários. Preocupações nas interações que não estariam ligadas aos amigos, mas ao dispositivo em si.

Sete entrevistados (cinco meninas e dois meninos), quando perguntados se contariam segredos ou trocariam confidências utilizando o celular utilizaram suas desconfianças sobre o funcionamento, operação e contexto de uso do dispositivo para justificar suas respostas: duas meninas (ambas de 16 anos) e dois meninos

(um de 15 e outro de 16) disseram que não contariam segredos com receio de grampos ou outras formas de rastreamento da ligação; uma menina de 16 anos disse que para contar segredos certifica-se primeiro se há alguém perto dela ouvindo a conversa – citou os pais como exemplo – e pergunta ao amigo se ele também está sozinho, caso contrário evitaria o assunto. Já entre os entrevistados que demonstraram confiança no dispositivo como meio para contar segredos para os amigos, as justificativas são de outra natureza: um entrevistado (14 anos) afirmou que *“no celular é bem melhor, porque fica mais seguro do que ficar em qualquer outro lugar, do que pessoalmente também”*, provavelmente porque o interlocutor não estaria próximo; a outra entrevistada (16 anos) disse que o celular permite que ela fale com os amigos sem estar *“na frente de todo mundo”*, garantindo a privacidade da conversa.

Quando perguntados sobre o que não conversariam através do celular, três entrevistados forneceram respostas que também evidenciam insegurança sobre o uso do dispositivo: um participante (17 anos) disse que não falaria de assuntos íntimos, de natureza sexual, porque haveria outras pessoas vendo e ouvindo a conversa; outro menino (15 anos) reforçou que não contaria segredos com receio dos grampos; uma adolescente (16 anos) disse que também não contaria segredos porque não sabe quem estaria do outro lado, junto da amiga.

Um entrevistado de 16 anos, ao descrever sua opinião sobre os pontos negativos da comunicação celular, citou episódios onde o celular é utilizado em seqüestros: *“ligam para as mães e dizem que os filhos foram seqüestrados... a mãe liga para o celular e não acha o filho, aí todas as exigências que o seqüestrador fizer, a mãe acaba atendendo, entendeu?”*. O entrevistado sugeriu que as pessoas concentram tanto a sua comunicação no celular que o simples fato de alguém estar inacessível seria a confirmação de um problema mais sério, como um seqüestro. Em

outro exemplo, ele citou o caso de pessoas que utilizam os celulares para se infiltrarem na vida das pessoas, obtendo informações íntimas.

Em síntese, a preocupação com ausência de privacidade, existência de grampos ou rastreamentos nas ligações foram as principais fontes de falta de confiança no uso de celulares nos relacionamentos. Ao mesmo tempo, a distância física, a possibilidade de falar sem ser visto e de conversar longe dos olhos de todos tornaria o celular um meio confiável para alguns entrevistados. Com a exceção da possibilidade de conversar reservadamente, a evolução da telefonia celular poderia alterar consideravelmente a percepção dos entrevistados sobre a confiança no meio. A presença do celular tanto na estrutura sócio-cultural quanto no ambiente físico descritos por Hinde (1997) coloca o dispositivo sobre influência direta dos elementos desses dois níveis na percepção dos adolescentes. De um lado, a violência urbana, a superexposição da intimidade das pessoas nos meios de comunicação e a difusão cada vez mais intensa dos perigos dos usos negativos da tecnologia (a cultura); do outro, o dispositivo da comunicação móvel percebido como um objeto utilizado em ambientes públicos, na presença de outras pessoas. Confrontando hipoteticamente a situação dos entrevistados com o contexto norte-americano apresentado por Robbins e Turner (2002), pode-se entender algumas soluções utilizadas pelos EUA para aumentar a sensação de segurança entre os usuários dos celulares.

Além da confiança no amigo ser necessária para que algumas propriedades do relacionamento se manifestem, a confiança no meio é uma variável de importância a ser considerada. Eventuais avanços que venham a transmitir aos indivíduos segurança quanto a inexistência de grampos ou rastreamentos, ou que ainda possam permitir a visualização opcional de imagens acompanhadas do som certamente influenciarão na confiança percebida sobre o meio de comunicação em questão.

Em suma, ao lado de novas dimensões de reciprocidade, o apoio social e a confiança em relação à amizade dos adolescentes também ganham novas feições a partir do uso do telefone celular. A disponibilidade permanente dos amigos possibilitada pelo uso do celular também torna o apoio social desses amigos muito mais acessível, contribuindo assim para uma expansão desse apoio. A confiança aparece em dois sentidos, surgindo a confiança no meio de comunicação como um empecilho para um uso mais intenso do aparelho. A confiança, ao lado do custo, representam fatores limitantes para o uso do celular nas relações de amizades.

8. AMIZADE E TELEFONIA CELULAR: INTIMIDADE E PROXIMIDADE

Dois aspectos do relacionamento interpessoal, a intimidade e a proximidade, fazem parte do estudo da maioria das formas de relacionamento. De forma geral, a Ciência dos Relacionamentos trata de relacionamentos próximos. Espera-se, certamente que o celular contribua para a proximidade entre os amigos, ao permitir o contato continuado e freqüente e a disponibilidade. Por outro lado, a influência do telefone celular sobre a intimidade entre amigos, como uma forma de auto-revelação, não é tão clara. A literatura sobre a amizade de adolescentes, contudo, concentra-se no tema da intimidade, sendo a proximidade, possivelmente, vista como uma característica definidora da própria amizade. De qualquer forma, procuramos, neste capítulo, investigar como o uso do celular afeta a percepção de proximidade (como uma dimensão mais ampla do relacionamento, que permite um relacionamento qualitativamente e quantitativamente mais intenso) e de intimidade com os amigos (relacionada especificamente com uma auto-revelação mais aberta e ampla).

Segundo Hinde (1997), a noção de intimidade estaria ligada à auto-exposição, correspondendo às opções feitas sobre o que revelar ou esconder ao parceiro a partir de julgamentos realizados sobre o relacionamento. Nas amizades entre adolescentes, as garotas apresentariam maior probabilidade de estabelecer intimidade por meio de discussão e auto-revelação, enquanto os rapazes o fariam por meio de atividades compartilhadas (McNelles & Connolly, 1999). Conforme Serrano (1984), com o passar do tempo e com o aprofundamento do relacionamento, as informações trocadas pelos indivíduos se mostram mais pessoais.

Buhrmester (1990), investigando a correlação entre intimidade, competência interpessoal e ajustamento social durante a adolescência, sugere que a intimidade nas amizades estaria consistentemente e moderadamente correlacionada com ajustamento e competência entre adolescentes, porém menos consistentemente relacionada entre pré-adolescentes. O autor ainda enfatiza através dos dados a visão de que a habilidade de estabelecer amizades próximas e íntimas seria significativamente importante na primeira adolescência.

Levy-Tossman, Kaplan e Assor (2006), ao investigarem a relação entre motivações acadêmicas e a intimidade nos relacionamentos de amizade entre adolescentes, evidenciaram uma associação positiva entre metas de aprendizagem, compartilhamento de dificuldades mútuas, confiança e adaptação social à resolução de problemas entre amigos, enquanto metas de superação entre amigos estariam negativamente associadas ao desenvolvimento de intimidade. A postura de evitar amigos com pouca competência acadêmica também estaria relacionada à desconfiança, falta de consideração e tensão nas amizades. Claes (1992) aponta diferenças entre os gêneros em relação às expectativas das amizades na adolescência: meninas esperariam mais dos amigos do que os meninos e o nível de intimidade e apego delas seria maior. Schulman, Laursen, Kalman & Karpovsky (1997) observam que a intimidade poderia ser um fator importante para que se possa distinguir entre os vários tipos de amizades próximas nos adolescentes.

Este capítulo tem por objetivo analisar a influência percebida do celular na intimidade e na proximidade em relação aos amigos. Quando perguntados se o uso do celular alterou o número de amigos que possuíam, uma entrevistada (15 anos) disse que conheceu amigos através de outras pessoas e que, depois, utilizando o celular e envio de mensagens ficou mais íntimo de algumas. Outra entrevistada de 16 anos sugeriu que o número de amigos que ela tem não aumentou porque só

utiliza o celular com quem tem mais intimidade. Quanto à possibilidade de fazer amigos que não tinha antes, uma entrevistada (16 anos) disse que o celular “*deu mais afinidade... falando pelo telefone deu mais coragem de conversar melhor pessoalmente*”. Uma menina (15 anos) disse que o celular permitiu que ela se entrosasse mais e aumentasse a intimidade com os amigos que ela já tinha. Um entrevistado de 16 anos disse o celular não influenciaria em ter ou não a amizade, mas sim em aprofundá-la em consequência do aumento do contato pessoal ou mediado pelo aparelho. Outra entrevistada (16 anos) afirmou que o celular aproxima as pessoas por ser uma forma rápida de conversar e trocar informações. Um entrevistado de 14 anos disse que quando deseja conversar algo importante com os amigos, prefere utilizar o celular ao MSN, justificando que se sente mais seguro conversando longe dos olhos do irmão. Dois entrevistados (14 e 17 anos) sugeriram que temas íntimos, quando conversados através do celular, influenciariam diretamente no aumento da duração das ligações. O segundo, explicando o aumento na média de minutos conversados com os amigos diariamente, disse que utilizando o celular ele consegue o número de pessoas que não possui intimidade de conversar pessoalmente e cria coragem de falar com elas. Outro entrevistado (16 anos) disse que a média de minutos aumentou porque no celular a conversa seria mais íntima, apenas entre duas pessoas, e a troca de informações aumentaria.

Sobre as mudanças no nível de intimidade com os amigos através do uso do celular, seis entrevistados do sexo masculino e dois do sexo feminino disseram que não perceberam aumento e seis deles apresentaram justificativas: “*celular não falo nada assim mais íntimo*” (masculino, 16 anos); “*não muda muita coisa*” (masculino, 16 anos); “*quando a gente vai conversar alguma coisa, a gente procura conversar mais um com o outro, pessoalmente*” (masculino, 15 anos); “*nunca precisei disso*” (masculino, 17 anos); “*eu só uso o celular na maioria das vezes com quem já é meu*

amigo” (masculino, 17 anos); “*não mantenho a matriz principal da minha comunicação no celular*” (masculino, 16 anos); “*converso do mesmo jeito que eu conversava antes*” (feminino, 15 anos). Dentre os doze entrevistados que perceberam mudanças no nível de intimidade com os amigos (quatro meninos e oito meninas), as explicações apresentadas foram: “*eu morava em Nanuque, aí quando vim pra cá eu estava sem computador em casa e não podia conversar no MSN, aí eu sempre ligava pros amigos de noite, tentava conversar*” (masculino, 14 anos); “*acaba aproximando*” (M15); “*consegui conversar, me abrir melhor com a pessoa pelo celular*” (M17); “*você tá falando só com ele quando você tá falando no celular, você não tá com muitas pessoas assim... você tá só com ele então pode falar só com ele*” (M15); “*você fala mais, você tem melhores formas de se relacionar, através de mensagens... ou ligar num momento que você normalmente não ligaria... à noite ou de madrugada*” (F16); “*não muito, mas um pouquinho... porque tem coisas que eu tenho vergonha de falar pessoalmente (...) dependendo do que for, aí eu tenho vergonha, ou não quero, tenho medo da reação da pessoa*” (feminino, 16 anos); “*acho que um pouco, porque você fala mais com a pessoa, aí a intimidade aumenta*” (feminino, 14 anos); “*(...) não vai ligar pra casa da pessoa, você liga pro celular, então aumenta bastante a intimidade*”, citou uma entrevistada de 16 anos ao exemplificar a situação de precisar falar com um amigo de madrugada; “*começa a conversar mais, combina mais coisas, aí acaba aumentando [a intimidade]*” (feminino, 16 anos); “*às vezes um dia eu falo oi pra pessoa... aí de tarde eu vou ligar pra não sei quem... fico conversando um tempão no telefone, chega no outro dia você já conversa mais... com mais intimidade*” (feminino, 16 anos); “*parece que a gente fica mais íntimo... não sei, eu tenho poucas pessoas no meu celular e parece que são as mais chegadas, entendeu... eu não dou meu celular pra qualquer um... colegas...*” (feminino, 16 anos); “*você tá conversando ali no telefone e acaba falando*

alguma assim que ela não ia te falar pessoalmente, ou com outra pessoa perto” (feminino, 15 anos).

No que diz respeito à possibilidade de contar segredos ou trocar confidências, cinco meninos e quatro meninas disseram que não utilizariam o celular para esse fim. Dois entrevistados do sexo masculino (15 e 16 anos) e duas do sexo feminino (ambas de 16 anos) afirmaram terem receio do celular estar grampeado ou rastreado. Um entrevistado (17 anos) disse que se sente mais confortável ao contar segredos e fazer confidências pessoalmente, pois pode conversar melhor, obter consolo. Outro entrevistado de 16 anos e uma de 16 afirmaram que não contariam o segredo, mas usariam o celular para marcar o lugar de encontrar o amigo para contar. Essa entrevistada ainda disse que através do celular ocorre uma perda de intimidade, pois não se vê a expressão da pessoa que ouve o segredo. Uma entrevistada de 14 anos disse que não conta segredos pelo celular porque *“não tem graça, você tem que contar pra pessoa olhando pra ela, porque no celular, sei lá, tá fazendo alguma coisa ou tem alguém com ela... eu estou contando um segredo e aí tem uma pessoa, sabe, é um segredo e não dá pra confirmar se ninguém vai saber”*. Já os demais entrevistados (seis meninas e cinco meninos) disseram que contariam um segredo pelo celular: se o amigo estivesse sozinho (feminino, 15 e 16 anos); dependendo da intimidade que tem com o amigo (masculino, 17 anos e duas do sexo feminino, 16 anos); dependendo da situação – quando o amigo não está perto (masculino, 16 anos); dependendo do segredo – situações onde seria necessário ver a reação do amigo (feminino, 16 anos); sempre (dois do sexo masculino, 15 e 17 anos e uma do sexo feminino, 15 anos). Um entrevistado de 14 anos disse que conta segredos no celular porque se sente mais seguro que qualquer outro lugar, incluindo as situações onde conversa pessoalmente.

Em relação aos assuntos que não conversariam pelo celular, quatro entrevistados citaram coisas íntimas (três do sexo masculino e uma do sexo feminino, todos de 16 anos); dois citaram assuntos familiares ou pessoais (masculino, 15 anos e feminino, 16 anos); três citaram segredos (masculino, 15 anos e duas do sexo feminino, 14 e 16 anos); cinco citaram assuntos que poderiam magoar o amigo (um do sexo masculino, 17 anos, quatro do sexo feminino, todas de 16 anos); um entrevistado disse que não namoraria pelo celular (14 anos); outro disse que não conversaria coisas de teor sexual, íntimas e familiares (17 anos); uma entrevistada mencionou algo que os pais poderiam descobrir (15 anos); um disse que não sabia (16 anos); e um entrevistado (17 anos) disse que depende muito da relação que ele mantém com a pessoa, mas contaria o básico e depois terminaria de conversar pessoalmente.

Apenas três entrevistados, um do sexo masculino (16 anos) e dois do sexo feminino (16 e 14 anos) afirmaram que o celular não os deixou mais próximos dos amigos deles. O primeiro justificou sua resposta explicando que continua a falar os mesmos assuntos que falava antes e que não mudou muita coisa nas amizades a partir do uso do dispositivo, enquanto a entrevistada de 16 anos disse que conversa mais com os amigos dela na escola. A outra entrevistada sugeriu que o celular é apenas um “*mero meio de comunicação*” e não sabe explicar porque não acha que usar o dispositivo não a deixou mais próxima dos amigos. Os demais entrevistados (nove meninos e oito meninas) que responderam afirmativamente se justificaram dizendo que: é mais fácil falar com os amigos (dois entrevistados, um do sexo masculino, 16 anos e outro do sexo feminino, 16 anos); em algumas situações é o único jeito de falar com os amigos (M14 e M16); conversando aproxima (três do sexo masculino, 15, 16 e 17 anos); estou sempre em contato com meus amigos (M17, e duas F16); converso mais (F16); mando mensagens o tempo todo (F15); combino de

sair (M17, F16); é uma forma de comunicação (F15); posso recorrer aos amigos (F16). Apenas um entrevistado (M15) não justificou sua resposta.

Dois entrevistados sugeriram pontos negativos da comunicação celular citando situações onde a tecnologia permitiria a invasão das suas privacidades: *“quando tem uma pessoa que você não ta muito afim de falar e ela fica te incomodando o tempo todo”* (feminino, 15 anos) e *“você está em algum lugar, aí alguém te liga, acaba te perturbando”* (masculino, 15 anos). Uma entrevistada de 16 anos disse que o celular é uma forma de ser incomodada pela mãe, que liga para ela no meio do filme no cinema. Sobre os pontos positivos, um entrevistado de 14 anos disse que é a segurança proporcionada pelo celular para falar com os amigos em particular; uma entrevistada (15 anos) citou o aumento da intimidade, a comunicação e a sensação de proximidade com a pessoa – *“você vê que tem pessoas se importando com você”*; outra entrevistada, de 16 anos, disse que apesar do celular distanciar as pessoas, também pode aproximar; outra, também de 16, disse que poder falar com o amigo a qualquer momento, sem preocupações: *“(...) não tem aquela coisa... ai será que o pai dela vai brigar a essa hora... então você pode ligar a qualquer momento”*.

Em relação ao aumento ou diminuição da satisfação com as amizades a partir do uso do celular, um entrevistado de 17 anos disse estar mais satisfeito uma vez que conseguiu ficar mais íntimo de alguns amigos pessoalmente marcando encontros e uma entrevistada de 16 afirmou estar mais satisfeita por poder combinar de sair e estar mais próxima dos amigos. Nessa mesma linha, uma entrevistada (16 anos) afirmou que a maior influência do celular nas amizades dela foi aproximá-la de amigos distantes, aumentando o contato; um entrevistado de 15 anos disse que a possibilidade de organizar alguma coisa aproximando os amigos seria a maior influência; outro, de 14 anos, afirmou que a maior influência seria a segurança e

privacidade proporcionadas pelo dispositivo para que ele converse coisas íntimas e segredos sem ninguém ouvir.

Em suma, a maioria (12) percebeu aumento na intimidade e proximidade com os amigos. Contudo, ainda há desconfiança no dispositivo (9), o que limitaria a intimidade. O celular os deixou mais próximos dos amigos devido à disponibilidade constante e facilidade de comunicação (17). A intimidade e proximidade através do uso do celular depende de fatores como confiança no meio, a qualidade, compromisso, apoio social e satisfação percebida (Hinde, 1997), fatores que influenciam a decisão de se expor em um relacionamento. A intimidade ainda dependeria do nível da familiaridade tecnológica com o dispositivo, possivelmente associada com a predisposição para se auto-revelar utilizando esse meio de comunicação. As diferenças entre os gêneros quanto à intimidade, evidenciadas por McNelles e Connolly (1999), não se apresentaram de forma significativa nas entrevistas, embora a realização de atividades em conjunto tenha aparecido no discurso dos meninos e as ligações para “bater papo” sejam recorrentes entre as meninas, ambas as justificativas ligadas ao aumento da proximidade com os amigos. As amizades de adolescentes são marcadas por um aprofundamento da intimidade, ainda incipiente entre as amizades infantis (Garcia, 2005). O celular, assim como outros recursos tecnológicos, afetam a intimidade e a proximidade da amizade. Se, por um lado, aproximam os amigos, por outro não são meios totalmente confiáveis para que sirvam para uma maior intimidade.

9. AMIZADE NA ADOLESCÊNCIA E TELEFONIA CELULAR: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do ponto de vista empírico, a presente investigação permitiu obter informações importantes quanto ao uso do telefone celular por adolescentes e como esses adolescentes percebem a influência do uso do celular em diversas dimensões de suas amizades. Do ponto de vista teórico, os dados obtidos indicam as possibilidades do arcabouço teórico proposto por Robert Hinde para os estudos da amizade, integrando, de forma dialética, o mundo físico e o social, permitindo a interseção entre a Ciência dos Relacionamentos e o Design, entre relacionamento interpessoal e tecnologia.

9.1 O Adolescente e o Uso do Celular

Há poucas informações disponíveis sobre o uso do telefone celular por adolescentes brasileiros. Ainda que o número de participantes desta pesquisa não tenha visado estabelecer uma amostra estatisticamente significativa, os dados sugerem como os adolescentes utilizam o celular em seu dia-a-dia, indicando possibilidades para futuras pesquisas sobre o tema. Em síntese, os adolescentes entrevistados começaram a utilizar o celular por volta dos 11 ou 12 anos, especialmente com amigos. Para os adolescentes, o celular deve ser moderno, bonito e funcional, sendo os recursos mais utilizados as mensagens de texto, chamadas de voz e agenda. Há poucas exceções para o uso do celular, como durante as aulas, no banho ou de madrugada. Informariam o telefone dos amigos principalmente para amigos do amigo, amigos íntimos ou familiares ou amigos em comum. O celular aparece entre entrevistados como um dispositivo comum, uma

tecnologia já incorporada ao dia-a-dia, com uso limitado pelos valores. O número do celular é fornecido principalmente ao círculo de amizades próximas, permitindo ser encontrado facilmente, estando sempre disponível para os amigos. A baixa citação de uso da caixa postal pode significar que os entrevistados raramente não conseguem falar com os amigos através do celular. Os momentos com a família parecem inibir o uso do celular, talvez pela privacidade necessária para o adolescente manter uma conversa adequada com os amigos.

9.2 O Celular e as Amizades de Adolescentes – Dimensões do Relacionamento

O emprego do telefone celular afetou diferentes aspectos das amizades dos adolescentes (rede de amigos, atividades e comunicação, qualidade, satisfação e compromisso, reciprocidade, apoio social e confiança, intimidade e proximidade) de forma diversa. Os principais efeitos percebidos são indicados abaixo:

Rede de Amigos – Apesar do uso do celular aparentemente afetar as amizades de forma quantitativa (como quando uma nova amizade surge a partir da ligação para o celular do amigo de um amigo), são as mudanças qualitativas (com pessoas já conhecidas) as enfatizadas pelos participantes (aproximação e estreitamento de amizades já existentes). O celular torna-se um meio para encontrar os amigos e combinar atividades em qualquer lugar e a qualquer hora.

Atividades Compartilhadas – O celular é empregado principalmente para planejar as atividades, incluindo a definição de um programa, a escolha do horário, a forma de chegar até o lugar, o ponto de encontro e a forma de voltar para casa. O celular ainda garante a disponibilidade constante do adolescente dentro da sua rede de amigos, aumentando o companheirismo e estreitando o relacionamento,

representando um meio rápido dos adolescentes atualizarem informações sobre os amigos.

Comunicação - O celular parece afetar mais a forma do que os temas das conversas, apesar de alguns admitirem que falam pelo celular o que não fariam pessoalmente. Por outro lado, fala-se de forma diferente, mais rápida e objetiva. O celular é utilizado, principalmente, para combinarem de sair, mas as meninas citaram outros temas. Quanto à forma da comunicação, a maioria percebeu aumento na quantidade de informação trocada com os amigos diariamente e novas oportunidades de contato.

Qualidade - Há percepções distintas sobre as propriedades da comunicação celular na avaliação das qualidades das interações com os amigos, mas a principal questão está relacionada à ausência física do outro: 1) *necessidade de analisar o conteúdo não-verbal da interação*; 2) *insuficiência de recursos para expressar-se adequadamente*; 3) *sensação de falta de proteção e insegurança (devido à distância e à tecnologia)*; 4) *diminuição ou substituição do contato pessoal*. Os questionamentos sobre a qualidade das interações através do celular implicam no futuro das tecnologias de comunicação, especialmente no que diz respeito ao desenvolvimento dos recursos dos aparelhos.

Satisfação - A satisfação nas amizades mediadas por dispositivos de comunicação parece manter as mesmas propriedades das amizades convencionais e a mesma interdependência com as sensações de compromisso e possibilidade de obtenção e fornecimento de apoio social. No entanto, a tecnologia como *meio* ainda apresenta limitações que podem prejudicar o nível de satisfação com as amizades, especialmente quando desencadeiam falta de comunicação, mau funcionamento ou indisponibilidade de recursos.

Compromisso - O celular ajuda a manter amizades, sendo usado para matar saudades, lembrar de datas especiais, aproximar-se de amigos distantes ou mesmo bater papo. Alguns sugeriram que a sensação de disponibilidade constante seria a maior influência da telefonia celular em suas amizades. Aparelhos cada vez mais fáceis de usar e com informações cada vez mais detalhadas sobre os amigos – não apenas o número do celular, mas também data de aniversário, e-mail, agendas de atividades compartilhadas etc – poderiam contribuir para a longevidade das amizades.

Confiança - A preocupação com ausência de privacidade, existência de grampos ou rastreamentos nas ligações foram as principais fontes de falta de confiança no uso de celulares nos relacionamentos. Ao mesmo tempo, a distância física, a possibilidade de falar sem ser visto e de conversar longe dos olhos de todos tornaria o celular um meio confiável para alguns entrevistados.

Apoio Social – O celular é usado para buscar apoio social junto aos amigos: emocional, informacional e concreto. A diferença essencial que o celular traria nas relações de apoio entre amigos na adolescência estaria relacionada à sensação de compromisso e disponibilidade constante do amigo para obter e fornecer os diferentes tipos de apoio. Novas oportunidades e novas situações seriam criadas para dar e pedir apoio: de madrugada, em emergências, na última hora.

Intimidade e Proximidade - A maioria percebeu aumento na intimidade e proximidade com os amigos. Contudo, a desconfiança no dispositivo limita a intimidade. O celular os deixou mais próximos dos amigos devido à disponibilidade constante e facilidade de comunicação. A intimidade ainda dependeria do nível da familiaridade tecnológica com o dispositivo, associada com a predisposição para se auto-revelar utilizando esse meio de comunicação. O celular, assim como outros recursos tecnológicos, afeta a intimidade e a proximidade da amizade.

9.3 O Celular e as Amizades de Adolescentes – Uma Perspectiva Integradora

O telefone celular, como parte integrante do ambiente físico modificado pelo homem incorpora tecnologia. De acordo com o esquema proposto por Hinde (1979, 1987, 1997) a telefonia celular afeta e é afetada pelo relacionamento interpessoal, assim como este afeta e é afetado pelas interações, pelo grupo social e pela sociedade. O telefone celular, como um avanço tecnológico afeta claramente os relacionamentos, contudo, ele não os molda e restringe. Os usuários reagem ao dispositivo e percebem avanços nos relacionamentos, ao mesmo tempo em que apresentam demandas novas a cada fase de evolução da telefonia. Diferentes níveis de complexidade são afetados e afetam amizades e telefonia celular (interações, relacionamentos e grupos). O ambiente físico (o celular como um novo elemento do ambiente físico) passa a mediar os relacionamentos. Estes, por sua vez, apresentam demandas que a tecnologia procura atender, dentro das limitações tecnológicas e econômicas. A tecnologia, como parte da estrutura sócio-cultural, está presente nas amizades dos adolescentes, não apenas de forma passiva. O telefone celular afeta as amizades, mas as amizades também afetam as demandas por novas formas de tecnologia de comunicação, de forma dialética. Todos os aspectos investigados são afetados, de forma mais ou menos intensa, percebida como algo positivo ou negativo, desde a rede de amigos, as atividades e a comunicação entre amigos, a qualidade percebida nos relacionamentos, a satisfação com eles e o compromisso com amigos, assim como a confiança e apoio social, intimidade e proximidade.

9.4 O Papel do Designer no Projeto das Tecnologias de Comunicação

Partindo das conclusões do presente trabalho, fica evidente a necessidade de se conhecer os reflexos da absorção social das tecnologias de comunicação para que seja possível projetar dispositivos cada vez mais integrados às necessidades e expectativas dos indivíduos. A observação do uso do celular entre os adolescentes demonstra que tais expectativas e necessidades extrapolam a comunicação pontual (o simples ato de telefonar para alguém), de forma que os celulares devem ser projetados não como objetos que permitam a comunicação à distância, mas que participem e facilitem os relacionamentos dos seus usuários.

Questões tradicionais do design de celulares – projeto da interface, ergonomia e usabilidade do produto – não são mais suficientes para viabilizar o desenvolvimento de dispositivos aptos a exercer papéis sociais tão diversos e complexos. Mais do que conceber dimensões e características do teclado, posições do microfone, autofalante ou resolução da tela, o designer de celulares poderia concentrar-se em facilitar o relacionamento dos indivíduos através do dispositivo: 1) estar *disponível* de forma única, esteja o usuário na Internet, em casa, escola ou em qualquer outro lugar, ao invés de simplesmente receber e fazer chamadas; 2) organizar uma *rede* ao invés de *lista* de contatos e utilizar o dispositivo segundo as propriedades de cada relacionamento – níveis de intimidade, formas de comunicação utilizadas, lugares e momentos onde a comunicação pode ou não acontecer etc; 3) realizar *conversas* ao invés de *trocar mensagens*; 4) *micro-coordenar* atividades ao invés de *combiná-las*; 5) planejar serviços junto às operadoras específicos para os diferentes grupos, conforme a participação do celular nos relacionamentos dos usuários, considerando as diferenças entre gêneros, faixas etárias, condição econômica, nível de escolaridade e perfil de uso do

celular; 6) aproveitar experiências da comunicação *remediada* dos usuários, seja de forma ou conteúdo, permitindo que os indivíduos se relacionem com seus contatos da mesma forma, independente do ambiente em questão.

Em suma, a telefonia celular é um importante mecanismo de mediação na rede de amizade dos adolescentes investigados. As amizades ganham um novo contorno com o auxílio dos telefones celulares. O mundo social se constrói com a participação da tecnologia que, por sua vez, procura atender as novas demandas ou superar suas próprias limitações. Desta forma, a Ciência dos Relacionamentos e o Design se complementam para compreender um fenômeno que envolve relacionamento interpessoal e tecnologia, relações entre amigos e telefonia celular, em mútua construção.

10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adams, R. & Laursen, B. (2001). The organization and dynamics of adolescent conflict with parents and friends. *Journal of Marriage and the Family*, 63 (1), 97-110.
- Adams, R.E., Bukowski, W.M. & Bagwell, C. (2005). Stability of aggression during early adolescence as moderated by reciprocated friendship status and friend's aggression. *International Journal of Behavioral Development*, 29 (2), 139-145.
- Akers, J.F., Jones, R.M. & Coyl, D.D. (1998). Adolescent friendship pairs: Similarities in identity status development, behaviours, attitudes, and intentions. *Journal of Adolescent Research*, 13 (2), 178-201
- Allan, G. (1993). Social Structure and Relationships. In: Duck, S. (org). *Social Context and Relationships*. Iowa: University of Iowa Press, pp. 1-25.
- Allan, G. (2001). Personal Relationships in late modernity. *Personal Relationships*, 8, 325-339.
- BBC News (2003) *Young 'prefer texting to calls'*. <http://news.bbc.co.uk/go/pr/fr/-/2/hi/business/2985072.stm>
- Berg, S., Taylor, A.S. & Harper, R. (2003). Mobile Phones for the Next Generation: Device Designs for Teenagers. *CHI 2003 - Conference on Human Factors in Computing Systems*.
- Bolter, J. & Grusin, R. (1999). *Remediation: Understanding New Media*. Massachusetts: MIT Press.
- Brendgen, M., Markiewicz, D., Doyle, A.B. & Bukowski, W.M. (2001). The Relations Between Friendship Quality, Ranked-Friendship Preference, and Adolescents' Behavior With Their Friends. *Merrill Palmer Quarterly*, 43 (7), 395-413.

- Brown, B.B., Eicher, S.A. & Petrie, S. (2006). The importance of peer group ("crowd") affiliation in adolescence. *Journal of Adolescence*, 9 (1), 73-96.
- Buhrmester, D. (1990). Intimacy of Friendship, Interpersonal Competence, and Adjustment during Preadolescence and Adolescence. *Child Development*, 61(4), 1101-1111.
- Caldwell, M.A. & Peplau, L.A. (1982). Sex differences in same-sex friendship. *Sex Roles*, 8(7), 721-732.
- Campbell, S.W. & Russo, T.C. (2003). The Social Construction of Mobile Telephony: An Application of the Social Influence Model to Perceptions and Uses of Mobile Phones within Personal Communications Networks. *Communication Monographs*, 70(4), 317-334.
- Cavanagh, S.E. (2004). The sexual debut of girls in early adolescence: The intersection of race, pubertal timing, and friendship group characteristics. *Journal of Research on Adolescence*, 14 (3), 285-312.
- Cheung, S.K. (2007). Correlates of cross-sex friendship satisfaction in Hong Kong adolescents. *International Journal of Behavioral Development*, 31(1), 19-27.
- Claes, M.E. (1992). Friendship and personal adjustment during adolescence. *Journal of Adolescence*, 15(1), 39-55.
- Cole, T. & Bradac, J. (1996). A lay theory of relational satisfaction with best friends. *Journal of Social and Personal Relationships*, 13, 57-83.
- Collins, W. A. (1997). Relationships and development during adolescence: Interpersonal adaptation to individual change. *Personal Relationships*, 4, 1-4.
- Crothers, L.M., Field, J.E. & Kolbert, J.B. (2005). Navigating Power, Control, and Being Nice: Aggression in Adolescent Girls' Friendships. *Journal of Counseling and Development*, 83 (3), 349-354.

- Davide, A. et al. (2004) Fashion Victims: an unconventional research approach in the field of mobile communication. *ISMID '04, Istanbul (Turkey)*.
- Degirmencioglu, S.M., Urberg, K.A., Tolson, J.M. & Richard, P. (1998). Adolescent Friendship Networks: Continuity and change over the school year. *Merrill Palmer Quarterly*, 44 (3), 313-337.
- Degirmencioglu, S.M., Urberg, K.A., Tolson, J.M. & Richard, P. (1998). Adolescent Friendship Networks: Continuity and change over the school year. *Merrill Palmer Quarterly*, 44 (3), 313-337.
- Dunkel-Schetter, C., Folkman, S. & Lazarus, R. S. (1987). Correlates of social support receipt. *Journal of Personality and Social Psychology*, 53, 71-80.
- Fiering, C. (1999). Other-Sex Friendship Networks and the Development of Romantic Relationships in Adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 28 (4), 495-512.
- French, D.C., Rianasari, M., Pidada, S., Nelwan, P. & Buhrmester, D. (2001). Social support of Indonesian and U.S. children and adolescents by family members and friends. *Merrill Palmer Quarterly*, 47 (3), 377-394.
- Giordano, P. C. (1995). The wider circle of friends in adolescence. *American Journal of Sociology*, 101 (3), 661-697.
- Guattari, F. & Rolnik, S. (2005). *Micropolítica: Cartografias do Desejo*. Petrópolis: Ed. Vozes.
- Harper, G.W., Gannon, C., Watson, S.E., Catania, J.A. & Dolcini, M.M. (2004). The Role of Close Friends in African American Adolescents' Dating and Sexual Behavior. *Journal of Sex Research*, 41 (4), 351-362.
- Haythornthwaite, C. & Wellman, B. (2005). Work, friendship, and media use for information exchange in a networked organization. *Journal of the American Society for Information Science*, 49 (12), 1101- 1114.

- Hinde, R. A. (1979). *Towards understanding relationships*. London: Academic Press.
- Hinde, R. A. (1987). *Individuals, relationships and culture: Links between ethology and the social sciences*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Hinde, R. A. (1997). *Relationships: a dialectical perspective*. Hove: Psychology Press.
- Hulme, M. & Peters, S. (2002) *Me, my Phone and I: The role of the mobile phone*. CHI 2002 Workshop on Mobile Communications. April 1 -2.
- Jones, D.C., Vigfusdottir, T.H. & Lee, Y. (2004). Body image and the appearance culture among adolescent boys and girls: An examination of friend conversations, peer criticism, appearance magazines and the internalization of appearance ideals. *Journal of Adolescent Research*, 19 (3), 323-339.
- Kasesniemi, E.-L. & Rautiainen, P. (2003). Mobile culture of children and teenagers in Finland. In: Katz, J. & Aakhus, M. (orgs). *Perpetual Contact*. Cambridge: Cambridge Press, pp. 170-192.
- Keefe, K. & Berndt, T.J. (1996). Relations of Friendship Quality to Self-Esteem in Early Adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 16(1), 110-129.
- Kuttler, A.F. & La-Greca, A.M. (2004). Linkages among adolescent girls' romantic relationships, best friendships, and peer networks. *Journal of Adolescence*, 27 (4), 395-414.
- Lannengrand, L. (1998). Adolescence et pairs dans la sphere scolaire: Rapports au groupe-classe et au groupe d'amis chez les collegans. *Orientation Scolaire et Professionnelle*, 27 (2), 235-253.
- Lemish, D. & Cohen, A. (2005) On the Gendered Nature of Mobile Phone Culture in Israel. *Sex Roles*, 52 (7/8), 511-521.

- Levy-Tossman, I., Kaplana, A. & Assora, A. (no prelo). Academic goal orientations, multiple goal profiles, and friendship intimacy among early adolescents. *Contemporary Educational Psychology*.
- Ling, R. (2000) We will be reached: the use of mobile telephony among Norwegian youth. *Information Technology and People*, 3 (2), 102-120.
- Ling, R. & Yttri, B. (2003) Hyper-coordination via mobile phones in Norway. In: Katz, J. & Aakhus, M. (orgs). *Perpetual Contact*. Cambridge: Cambridge Press, pp. 139-169.
- Lorente, S. (2002) Youth and Mobile Phones: More than a Fashion. *Revista de Estudios de Juventud*, 57, 9-24.
- Mathur, R. & Berndt, T.J. (2006). Relations of Friends' Activities to Friendship Quality. *The Journal of Early Adolescence*, 26 (3), 365-388.
- McNelles, L.R. & Connolly, J.A. (1999). Intimacy between adolescent friends: Age and gender differences in intimate affect and intimate behaviors. *Journal of Research on Adolescence*, 9 (2), 143-159
- Menandro, M.C.S. (2004). *Gente Jovem Reunida: Um estudo de representações sociais da adolescência / juventude a partir de textos jornalísticos (1968/1974 e 1996/2002)*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo.
- Moore, S. & Boldero, J. (1991). Psychosocial development and friendship functions in adolescence. *Sex Roles*, 9-10(25), 521-536.
- Namba, K. (2005). The concept of "Nakama" (peer groups) in Japanese adolescence: Its position within personal relationships compared with friends and best friends. *Japanese Journal of Developmental Psychology*, 16 (3), 276-285.

- Oswald, D.L. & Clark, E.M. (2003). Best friends forever?: High school best friendships and the transition to college. *Personal Relationships*, 10, 187-196.
- Pertierra, R. (2005) Mobile Phones, Identity and Discursive Intimacy. *Human Technology*, 1(1), 23-44.
- Plant, S. (2001) *On the mobile: the effects of mobile telephones on social and individual life*. http://www.motorola.com/mot/doc/0/234_MotDoc.pdf
- Rivière, C.A. (2002). Mini-messaging in everyday interactions: a dual strategy for exteriorising and hiding privacy to maintain social contacts. *Revista de Estudos de Juventud*, 57, 125-137.
- Robbins, K. & Turner, M. (2002) United States: popular, pragmatic and problematic. In: Katz, J. & Aakhus, M. (orgs). *Perpetual Contact*. Cambridge: Cambridge Press, pp. 80-93.
- Serrano, R. (1984). Mexican-american adolescent self-disclosure in friendship formation. *Adolescence*, 19(75), 539-549.
- Shulman, S., Laursen, B., Kalman, Z. & Karpovsky, S. (1997). Adolescent Intimacy Revisited. *Journal of Youth and Adolescence*, 26(5), 597-617.
- Silva, A. de S. e (2006). From Cyber to Hybrid. *Space and Culture*, 9 (3), 261-278.
- Simpkins, S.D., Parke, R.D., Flyr, M. & Wild, M. (2006). Similarities in Children's and Early Adolescents: Perceptions of Friendship Qualities Across Development, Gender, and Friendship Qualities. *Journal of Early Adolescence*, 26 (4), 491-508.
- Siqueira, E. (1998). *Três momentos da história das telecomunicações no Brasil*. São Paulo: Dezembro Editorial.
- Srivastava, L. (2005) Mobile phones and the evolution of social behaviour. *Behaviour & Information Technology*, 24 (2), 112-129.

- Tolson, J.M. & Urberg, K.A. (1993). Similarity between Adolescent Best Friends. *Journal of Adolescent Research, 8*(3), 274-288.
- Truch, A. & Hulme, M. (2004) Exploring the implications for social identity of the new sociology of the mobile phone. *The Global and Local in Mobile Communications: Places, Images and Connections*.
- Ueno, K. (2005). The concept of "Nakama" (peer groups) in Japanese adolescence: Its position within personal relationships compared with friends and best friends. *Social Science Research, 34* (3), 484-510.
- Urberg, K.A., Degirmencioglu, S. M. & Tolson, J. M. (1998) Adolescent friendship selection and termination: the role of similarity. *Journal of Social and Personal Relationships. 15*(5), 703-710.
- Vaquera, E. & Kao, G. (no prelo). Do you like me as much as I like you? Friendship reciprocity and its effects on school outcomes among adolescents. *Social Science Research*.
- Wilson, J.D. & MacGillivray, M.S. (1998). Self-Perceived Influences of Family, Friends, and Media on Adolescent Clothing Choice. *Family and Consumer Sciences Research Journal, 26* (4), 425-443.

11. ANEXOS

11.1 Termo de Consentimento para Participação em Pesquisa

Título da Pesquisa: Díades Mediadas: A telefonia celular na amizade entre adolescentes

Pesquisador: Hugo Cristo Sant'Anna

Orientador: Prof. Dr. Agnaldo Garcia

Instituição: UFES – Universidade Federal do Espírito Santo

Objetivo da Pesquisa: Investigar alguns aspectos do papel da celular nas relações de amizade de adolescentes.

Descrição do Procedimento: Será realizada uma entrevista individual com cada participante sobre aspectos de suas relações de amizade. As entrevistas individuais serão gravadas e posteriormente transcritas.

Benefícios: a pesquisa visa obter informações sobre o papel do celular sobre as relações de amizade de adolescentes, permitindo um maior conhecimento sobre essas relações visando a melhoria da qualidade de vida dos participantes.

Análise de riscos e sigilo: todo o procedimento de pesquisa descrito obedecerá rigorosamente aos critérios éticos estabelecidos pela legislação que regulamenta pesquisa com seres humanos. As entrevistas individuais seguirão técnica cientificamente reconhecida e serão realizadas em ambientes acordados com os participantes. Serão preservados o sigilo das informações e a identidade dos participantes, sendo que os registros das informações poderão ser utilizados para fins exclusivamente científicos e divulgação em congressos e publicações científicas, resguardando-se sempre o anonimato dos participantes. O participante (ou seu responsável) terá a liberdade de interromper ou desistir de sua participação em qualquer fase da pesquisa. Dúvidas, informações suplementares e esclarecimentos serão fornecidos a qualquer momento aos participantes ou seus responsáveis pelo pesquisador. A previsão do período para os procedimentos descritos é de abril a junho de 2006.

Identificação do participante:

Nome: _____

Data de nascimento: ___/___/____. RG: _____

Identificação do responsável pelo participante:

Nome: _____

Data de nascimento: ___/___/____. RG: _____

Estando de acordo, assinam este termo de consentimento em 02 (duas) vias.

Assinatura do Responsável

Hugo Cristo Sant'Anna - Pesquisador

Vitória/ES, ____ de _____ de 2006.

11.2 Questionário – Uso do Celular

1) Sobre Você:

a) Há quanto tempo você usa o celular?

Até 1 ano 1-3 anos 3-5 anos Mais de 5 anos

b) Quem comprou o celular que você usa?

Eu mesmo(a) Amigo(a) Pais ou Família Namorado(a) Empresa onde trabalho

c) Quem é responsável pelo pagamento da conta ou compra dos créditos?

Eu mesmo(a) Pais ou Família Namorado(a) Empresa onde trabalho

d) Quantos minutos em média você fala mensalmente ao celular?

Até 40 minutos 40-80 minutos 80-200 minutos Mais de 200 minutos

e) Você possui celular primordialmente para:

Receber chamadas Fazer chamadas

f) Quem possui o número do seu celular?

Todos que pedem Todos os meus amigos Amigos próximos Amigos íntimos e familiares

g) Onde você carrega o celular?

Nas mãos Junto ao corpo Bolso Bolsa, pasta ou mochila

2) Sobre os celulares em Geral

a) Você...

Usa mas não gosta Usa indiferentemente Usa e gosta

b) Para você o celular deve ser...

Funcional Bonito Moderno (Recursos) Barato Outro: _____

3) Sobre seu aparelho:

a) Assinale todos os recursos oferecidos pelo seu aparelho:

Tela Colorida Teclado Luminoso Toques Polifônicos Jogos
 Id. de Chamadas Caixa Postal Alarme/Relógio Agenda de Endereços
 WAP/Internet Descanso de Tela Câmera Digital Mensagens de Texto
 MP3 Player Infra-Vermelho Bluetooth Mensagens Multimídia

b) Indique o recurso mais utilizado por você diariamente:

Chamadas de voz Mens. de Texto Mens. Multimídia Jogos
 Câmera Digital Agenda Caixa Postal WAP/Internet

4) Sobre a comunicação com seus amigos(as):

a) Em quais situações você não atenderia uma ligação dos seus amigos(as)?

Refeições Reuniões Familiares Banho Madrugada
 Transporte Público Filas Aula Quando estou namorando
 Trabalho Balada Viagem Outro: _____

b) Em quais situações você não ligaria para seus amigos(as)? (Marque quantas desejar)

Refeições Reuniões Familiares Banho Madrugada
 Transporte Público Filas Aula Ele(a) estiver namorando
 Trabalho Balada Viagem Outro: _____

c) Em relação aos meus amigos(as):

Eu telefono mais vezes Eu recebo mais telefonemas

d) Para os meus amigos(as) eu...

Apenas telefono Telefone e envio torpedos Telefone, envio torpedos e fotos

e) Dos meus amigos(as) eu recebo...

Apenas ligações Ligações e torpedos Ligações, torpedos e fotos

f) Os celulares dos meus amigos(as) são...

Similares ao meu Melhores que o meu Inferiores ao meu Não sei

g) Você informaria o telefone dos seus amigos(as) para...

Qualquer um Amigos do seu amigo Amigos em comum Amigos íntimos e familiares

h) Quando você usa o celular dos seus amigos(as)?

Nunca Emergências Quando o meu não funciona Às vezes Sempre

i) Meus amigos(as) podem... (Marque quantas desejar)

Atender minhas ligações Ouvir minha caixa postal Ler torpedos que mandei
 Ver chamadas que eu fiz Ver chamadas que eu recebi Ler torpedos que recebi
 Ver as fotos que recebi Ver as fotos que mandei Ver minha fatura
 Sair com o meu celular Viajar com meu celular Emprestar meu celular
 Mudar papéis de parede Mudar toques/sons Trocar meu celular por outro

6) Indique a operadora, a marca e o modelo do seu celular: _____

11.3 Roteiro de Entrevista

1. O uso do celular alterou, de alguma forma, o número de amigos que você possui?
2. O uso do celular alterou seu grupo de amigos?
3. O celular permitiu que você tivesse amigos que antes você não tinha? Por quê?
4. Como o celular afeta para combinar, realizar e depois avaliar as atividades que você desenvolve com seus amigos? Por quê? (Usar exemplo da ida ao Cinema)
5. Com que frequência você usa o celular para combinar atividades com seus amigos?
6. O celular mudou a forma de você entrar em contato com seus amigos? Como?
7. Quando, ou em que situações, você liga para seus amigos?
8. Quanto tempo, em média, dura uma ligação para um amigo? Por quê?
9. O celular afetou, de alguma forma, os temas das conversas com seus amigos? Como?
10. Quais são os principais assuntos que você fala com seus amigos ao celular?
11. O celular alterou a quantidade de informação trocada com seus amigos?
12. Pensando na média de minutos que você conversa com seus amigos diariamente, você acha que esse tempo aumentou ou diminuiu com o celular? Por quê?
13. Você acha que o celular proporcionou novas oportunidades de contato com seus amigos que você não tinha antes? Quais?
14. Qual a principal forma de contato com seus amigos através do celular? Voz, torpedos ou multimídia? Por quê?
15. Você acha que o celular mudou o nível de intimidade que você tinha com seus amigos? Por quê?
16. Você conta segredos ou troca confidências pelo celular? Por quê? Utilizando voz ou torpedos?
17. O que você não conversaria com seus amigos pelo celular? Por quê?
18. Você acha que o celular te deixou mais próximo dos seus amigos? Por quê?
19. Considerando todas as formas disponíveis para conversar com seus amigos, você acha que o uso do celular representa quantos por cento do total? Por quê?
20. Se não conseguir falar com seu amigo ao celular, qual seria a segunda forma de contato que você tentaria? Por quê?
21. Quais são os pontos negativos da comunicação com seus amigos pelo celular? Por quê?
22. Quais são os pontos positivos da comunicação dos seus amigos pelo celular? Por quê?
23. O celular aumentou ou diminuiu a satisfação com suas amizades? Por quê?
24. Para qual amigo você mais liga? Por quê? Você acha que é a pessoa para quem esse seu amigo mais liga? Por quê?
25. Você poderia dizer quais as influências mais importantes do celular em suas amizades?